



NARRATIVAS DE (TRANS)FORMAÇÃO

**A CONSTITUIÇÃO DO PROFESSOR PESQUISADOR EM
CARTAS (AUTO)BIOGRÁFICAS**

**Amarildo Menezes Gonzaga
Felipe da Costa Negrão
Luciani Andrade de Andrade
Ercilene do Nascimento Silva de Oliveira
(ORGANIZADORES)**

**NARRATIVAS DE (TRANS)FORMAÇÃO:
a constituição do professor pesquisador
em cartas (auto)biográficas**



Todo o conteúdo apresentado neste livro é de responsabilidade do(s) autor(es).
Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-SemDerivações
4.0 Internacional.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Ednilson Sergio Ramalho de Souza - UFOPA
(Editor-Chefe)
Prof. Dr. Laecio Nobre de Macedo-UFMA
Prof. Dr. Aldrin Vianna de Santana-UNIFAP
Prof^a. Dr^a. Raquel Silvano Almeida-Unesp
Prof. Dr. Carlos Erick Brito de Sousa-UFMA
Prof^a. Dr^a. Ilka Kassandra Pereira Belfort-Faculdade Laboro
Prof^a. Dr. Renata Cristina Lopes Andrade-FURG
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves-IFF
Prof. Dr. Clézio dos Santos-UFRRJ
Prof. Dr. Rodrigo Luiz Fabri-UFJF
Prof. Dr. Manoel dos Santos Costa-IEMA
Prof.^a Dr^a. Isabella Macário Ferro Cavalcanti-UFPE
Prof. Dr. Rodolfo Maduro Almeida-UFOPA
Prof. Dr. Deivid Alex dos Santos-UEL
Prof.^a Dr^a. Maria de Fatima Vilhena da Silva-UFPA
Prof.^a Dr^a. Dayse Marinho Martins-IEMA
Prof. Dr. Daniel Tarciso Martins Pereira-UFAM
Prof.^a Dr^a. Elane da Silva Barbosa-UERN
Prof. Dr. Piter Anderson Severino de Jesus-Université Aix Marseille

Nossa missão é a difusão do conhecimento gerado no âmbito acadêmico por meio da organização e da publicação de livros científicos de fácil acesso, de baixo custo financeiro e de alta qualidade!

Nossa inspiração é acreditar que a ampla divulgação do conhecimento científico pode mudar para melhor o mundo em que vivemos!

Equipe RFB Editora

Amarildo Menezes Gonzaga
Felipe da Costa Negrão
Luciani Andrade de Andrade
Ercilene do Nascimento Silva de Oliveira
(Organizadores)

NARRATIVAS DE (TRANS)FORMAÇÃO: a constituição do professor pesquisador em cartas (auto)biográficas

1ª Edição

Belém-PA
RFB Editora
2023

© 2023 Edição brasileira
by RFB Editora
© 2023 Texto
by Autor
Todos os direitos reservados

RFB Editora
CNPJ: 39.242.488/0001-07
91985661194
www.rfbeditora.com
adm@rfbeditora.com
Belém, Pará, Brasil

Editor-Chefe
Prof. Dr. Ednilson Ramalho
Diagramação
Worges Editoração
Revisão de texto e capa
Organizadores

Bibliotecária
Janaina Karina Alves Trigo Ramos-CRB
8/9166
Produtor editorial
Nazareno Da Luz

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)



N234

Narrativas de (trans)formação: a constituição do professor pesquisador em cartas (auto)biográficas / Amarildo Menezes Gonzaga *et al.* (Organizador) – Belém: RFB, 2023.

Outros organizadores
Felipe da Costa Negrão
Luciani Andrade de Andrade
Ercilene do Nascimento Silva de Oliveira

Livro em pdf.
124p.

ISBN 978-65-5889-655-5
DOI 10.46898/rfb.52f7273d-c49f-4338-a930-3dfd2b6b47fa

1. Narrativas-formação de professores. I. Gonzaga, Amarildo Menezes *et al.* (Organizador). II. Título.

CDD 370

Índice para catálogo sistemático

I. Educação.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1	
CONTAR DE SI EM CARTAS (AUTO)BIOGRÁFICAS: UM MOVIMENTO DE BIOGRAFIZAÇÃO NA FORMAÇÃO DE MESTRES E DOUTORES EM ENSINO TECNOLÓGICO	11
Felipe da Costa Negrão Amarildo Menezes Gonzaga	
CAPÍTULO 2	
O (DES)CONSTRUIR-SE PARA ENCONTRAR-SE COMO PROFESSORA PESQUISADORA.....	25
Alcilânia da Cunha Lima	
CAPÍTULO 3	
VIVENDO À DOCÊNCIA COMO UM PANDA	35
Elize Farias de Carvalho	
CAPÍTULO 4	
SEMENTE DE SI.....	45
Ercilene do Nascimento Silva de Oliveira	
CAPÍTULO 5	
LAMPEJOS DE UM PROFESSOR-PESQUISADOR EM FORMAÇÃO.....	53
Felipe da Costa Negrão	
CAPÍTULO 6	
DOS ENCONTROS E DESENCONTROS PARA SE TORNAR UMA PROFESSORA	63
Gilmara Oliveira Maquiné	
CAPÍTULO 7	
TECENDO OLHARES SOBRE SI E SOBRE O FAZER DOCENTE EM UM PROCESSO DE IDAS E VINDAS NOS CAMINHOS DA DOCÊNCIA	71
Luciani Andrade de Andrade	
CAPÍTULO 8	
TRAJETÓRIA AUTOFORMATIVA	85
Marcus Marcelo Silva Barros	
CAPÍTULO 9	
OS ESTRANHAMENTOS DE UMA PROFESSORA PESQUISADORA.....	93
Nataliana de Souza Paiva	
CAPÍTULO 10	
A PESQUISA CIENTÍFICA E A CONSTRUÇÃO CONSTANTE DE UM PROFESSOR.....	103
Paula Gabrielly Freire Jacyntho	

CAPÍTULO 11	
FRAGMENTOS DA CONSTITUIÇÃO DO PROFESSOR-PESQUISADOR	113
O audiovisual no universo da pesquisa (auto)biográfica.....	113
Ercilene do Nascimento Silva de Oliveira	
Felipe da Costa Negrão	
Amarildo Menezes Gonzaga	
SOBRE OS AUTORES/ORGANIZADORES	123

APRESENTAÇÃO

Caro leitor,

Esta carta-apresentação é um convite para você imergir na vida-trajetória de professores pesquisadores em processo de formação contínua. No decorrer dos capítulos, você acessará o cotidiano minúsculo de mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-graduação em Ensino Tecnológico (PPGET) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM).

O minúsculo resguarda potências formativas que nem sempre ganham o devido destaque na Ciência – por isso, chamamos de minúsculo, as histórias de vida e formação de professoras e professores – não com o interesse de minimizá-las, do contrário, nomeamos assim para reforçar que há muita aprendizagem envolvida nos cotidianos, no fazer docente, no sentir-se pesquisador e na vida em sua inteireza.

A obra **“Narrativas de (trans)formação: a constituição do professor pesquisador em cartas (auto)biográficas”** é fruto de conversas e reflexões da disciplina “Dimensões Paradigmáticas de Pesquisa e suas Tendências Investigativas no Ensino” ofertada pelo PPGET, no período de 25 de abril a 13 de maio de 2022 sob orientação do Dr. Amarildo Menezes Gonzaga.

O exercício dialógico na disciplina iniciou a partir do reconhecimento da diversidade, decorrente das especificidades formativas dos mestrandos e doutorandos, os quais foram orientados a fazerem um exercício crítico-reflexivo, pautado na metanarrativa, cuja metodologia das cartas (auto)biográficas foi eleita para efeito de se compreenderem como professores pesquisadores em um processo diferenciado de formação contínua.

A obra “Narrativas de (trans)formação: a constituição do professor pesquisador em cartas (auto)biográficas” é constituída por 11 capítulos que comunicam as experiências com o contar de si na pós-graduação, tendo a compreensão do conceito de professor pesquisador como horizonte de escrita. Os capítulos são constituídos artesanalmente de vidas, trajetórias, anseios, fragilidades e perspectivas profissionais de um coletivo multidisciplinar de autores-atores das próprias histórias.

O capítulo 1 **“Contar de si em cartas (auto)biográficas: um movimento de biografização na formação de mestres e doutores em Ensino Tecnológico”** de autoria de Felipe da Costa Negrão e Amarildo Menezes Gonzaga apresenta reflexões sobre as cartas (auto)biográficas na pesquisa em/com formação de professores, explorando os possíveis desdobramentos formativos para o uso desta metodologia em diferentes propostas de trabalho, explicitando ainda a experiência com as cartas (auto)biográficas na disciplina “Dimensões Paradigmáticas de Pesquisa e suas Tendências Investigativas no Ensino”.

O capítulo 2 **“O (des)construir-se para encontrar-se como professora pesquisadora: um mergulho para dentro de si”** de Alcilânia da Cunha Lima retrata os processos formativos de uma profissional de Arquitetura e Urbanismo e o seu encontro com a docência universitária. O texto é rico em detalhes e traz inúmeras reflexões sobre o início da carreira para não licenciados.

O capítulo 3, intitulado de **“Vivendo à docência como um panda”** de Elize Farias de Carvalho resgata cenas da animação infantil *Kung Fu Panda* para pensar os desafios do exercício professoral. A autora é licenciada em Física e em seu texto (auto)biográfico nos brinda com reflexões sobre o sentir-se professora, percorrendo por episódios significativos de sua vida-trajetória em confluência aos caminhos trilhados por Po – protagonista da animação supracitada.

O capítulo 4 **“Semente de si: semeando pesquisa e florescendo o saber”** de autoria de Ercilene do Nascimento Silva de Oliveira nos convida a conhecer as trilhas formativas de uma educadora ambiental, comunicóloga e pedagoga que se percebe enquanto “filha da natureza”. Em seus escritos (auto)biográficos, divide com o leitor a poesia que reside no processo de se constituir professora pesquisadora, indicando a importância de professores-referências em seu caminhar.

No capítulo 5, Felipe da Costa Negrão apresenta os **“Lampejos de um professor-pesquisador em formação”** e (com)partilha suas impressões com o contar de si na pós-graduação, dividindo com o leitor, a sua jornada de composição professoral – da Pedagogia às salas de aula na universidade, na condição de professor-formador. Em seu capítulo expressa a beleza da arte de narrar, de contar de si, de mediar histórias de vida e de ouvir as vozes de pessoas que nem sempre foram ouvidas.

O capítulo 6, de autoria de Gilmara Oliveira Maquiné, intitula-se **“Dos encontros e desencontros para se tornar uma professora”**. No início de sua carta-capítulo, Gilmara nos conta que ser professora ou se ver como professora a remetia, inicialmente, às brincadeiras do tempo de criança. Na adultez, seu interesse por Informática e Desenvolvimento de *Software* a fez (re)conhecer professoras-referências que a fizeram vislumbrar a docência como horizonte profissional. Entre narrativas escritas e imagéticas, o capítulo nos permite compreender a docência como um processo em contante descoberta e construção.

O capítulo 7 **“Tecendo olhares sobre si e sobre o fazer docente em um processo de idas e vindas nos caminhos da docência”** de autoria de Luciani Andrade de Andrade se inicia com o resgate de memórias com um professor-referência, de modo que sua narrativa é recheada de episódios e experiências que revelam à docência como destino final de uma trajetória de idas, vindas e voltas de uma administradora professora.

O capítulo 8, de autoria de Marcus Marcelo Silva Barros, intitulado de **“Trajetória autoformativa: ressignificar através das narrativas”** apresenta as delícias e dissabores

do movimento de pensar sobre as próprias vivências e experiências pessoais e/ou profissionais, articulando-as ao processo de autoformação, reconhecendo que percorrer nossos sentimentos, vivências e experiências é um excelente caminho para a construção do professor pesquisador.

O capítulo 9 **“Os estranhamentos de uma professora pesquisadora: da realidade (in)visibilizada aos (des)caminhos trilhados”** de Natália de Souza Paiva nos convida a valorar o ato do docente refletir sobre a própria prática, inferindo essa atividade como uma ação complexa que exige rigidez, postura crítica e a consciência de que somos profissionais inconclusos e que os saberes docentes são temporais.

O capítulo 10 **“A pesquisa científica e a construção constante de um professor”** de autoria de Paula Gabrielly Freire Jacyntho é composto por recortes e lampejos de sua trajetória acadêmico-científica, contada e recontada com auxílio de imagens, narrativas e referenciais identitários da pesquisa.

O capítulo 11, intitulado de **“Fragmentos da constituição do professor-pesquisador: o audiovisual no universo da pesquisa (auto)biográfica”** é de autoria de Ercilene do Nascimento Silva de Oliveira, Felipe da Costa Negrão e Amarildo Menezes Gonzaga. O capítulo celebra a publicização do documentário **“Fragmentos”** – produção audiovisual emergente da troca de cartas na disciplina Dimensões Paradigmáticas da Pesquisa e Tendências Investigativas no Ensino. No texto, os autores apresentam pistas do roteiro do documentário e os mo(vi)mentos pensados para sua execução, defendendo que a abordagem audiovisual é uma forma mais poética e humanizada de comunicar a Ciência.

Em síntese, o livro **“Narrativas de (trans)formação: a constituição do professor pesquisador em cartas (auto)biográficas”** se destaca como um exemplo potente de como o registro das próprias experiências dos professores e professoras em formação pode ser um excelente instrumento de autoformação.

Boa leitura!

Amarildo Menezes Gonzaga

Felipe da Costa Negrão

Luciani Andrade de Andrade

Ercilene do Nascimento Silva de Oliveira

CAPÍTULO 1

**CONTAR DE SI EM CARTAS (AUTO)BIOGRÁFICAS: UM
MOVIMENTO DE BIOGRAFIZAÇÃO NA FORMAÇÃO DE
MESTRES E DOUTORES EM ENSINO TECNOLÓGICO**

Felipe da Costa Negrão
Amarildo Menezes Gonzaga

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O movimento de biografização na pesquisa em/com formação de professores tem investido na problematização do docente em sua “condição histórica de estar no mundo e como agente de seu [próprio] fazer” (Gonzaga; Ponciano, 2022, p. 9), através da compreensão da experiência enquanto fonte de recolha de (guar)dados, evidenciando que a história de vida do professor emana possibilidades formativas e/ou (auto) formativas.

Além da formação e (auto)formação, as narrativas (auto)biográficas reverberam como meios efetivos de investigação científica e produção do conhecimento, visto que:

La investigación narrativa se utiliza cada vez más en estudios sobre la experiencia educativa. Tiene una larga historia intelectual tanto dentro como fuera de La educación. La razón principal para El uso de La narrativa em La investigación educativa es que los seres humanos somos organismos contadores de historias, organismos que, individual y socialmente vivimos vidas relatadas (Connelly; Clandinin, 1995, p. 11).

Nesse sentido, a biografização traz significado a experiência, emergindo como uma hermenêutica prática, em que os comportamentos/ações singulares permitem que um indivíduo reconheça a si mesmo, e se faça reconhecido pelos outros também (Delory-Momberger, 2016). Para efetivar essa prática, evoca-se o exercício de narrar a própria história, visto que no percurso de atribuir sentido(s) ao vivido/experimentado, o sujeito se torna capaz de reinventar-se (Passeggi, 2011, p. 148).

O pensamento narrativo é a experiência materializada na linguagem, uma forma de entender as experiências que contamos, recontamos e revivemos, evidenciando a tridimensionalidade tempo/espaco/interação. Para essa análise, a narrativa é perspectivada na relação, é um construto relacional das experiências cotidianas das pessoas, perspectivada na prática que a pessoa desenvolve com o outro, com as instituições, e essa consideração do relacional manifestada na narrativa é o cerne para uma narrativa que vislumbra construir um sentido das experiências no processo de formação e de aprendizado, contribuindo para a construção do ser humano (Gonzaga; Ponciano, 2022, p. 12).

A constituição do ser humano, ou especificamente, do ser professor é contínua, ao ponto de que as incertezas, dúvidas e inquietações advindas do exercício de contar de si são naturais, especialmente, porque não temos o hábito de ouvir a nós mesmos (Negrao, 2022). O diálogo introspectivo é cerceado por uma agenda extensa de compromissos inadiáveis que nos leva ao lugar de reprodução do comum, nos impedindo de renegociar e reinventar a própria identidade por meio da biografização (Carvalho, 2003).

O exercício de contar de si na atividade docente pode ser feito por intermédio de diferentes gêneros da Pesquisa Narrativa, dentre os mais comuns, citamos os diários de aula, memoriais de formação, ateliês biográficos, entrevistas narrativas e as cartas (auto) biográficas (Souza; Cabral, 2015). Neste artigo, evocamos a carta (auto)biográfica como

condição *sine qua non* para que o docente experimente a autoria e imprima nela sua marca, reconhecendo e valorizando seu estilo de escrita (Feitosa Júnior; Gonzaga, 2019).

Dado o cenário investigativo, ancoramos nossos escritos na Pesquisa Narrativa, dando ênfase na dimensão subjetiva do sujeito e compreendendo que emitimos sentido(s) ao serviço professoral em diferentes espaços, contextos e tempos (Bolívar; Domingo; Fernandez, 2001). Assim, o objetivo deste capítulo é descrever a experiência com a metodologia de cartas (auto)biográficas na disciplina “Dimensões Paradigmáticas de Pesquisa e suas Tendências Investigativas no Ensino” ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Ensino Tecnológico (PPGET) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM).

O texto apresenta reflexões sobre as cartas (auto)biográficas na pesquisa em/ com formação de professores, possibilitando desdobramentos formativos para o uso desta metodologia em diferentes propostas de trabalho, inclusive na sala de aula – da educação básica até o ensino superior, perpetuando o debate sobre a escrita de si, a valorização das experiências de vida e a própria Pesquisa Narrativa.

O EXERCÍCIO DE CONTAR DE SI POR MEIO DE CARTAS NA PÓS-GRADUAÇÃO

A escrita narrativa, especificamente a adoção da primeira pessoa, assumindo o caráter singular do sujeito que escreve na composição de um texto acadêmico-científico é fortemente negada no processo formativo do professor. Inclusive, na universidade é muito comum a recomendação da impessoalidade, justificada pela neutralidade do pesquisador frente ao seu objeto de pesquisa – a própria concepção de objetificação de pessoas no campo das Ciências Humanas é um gargalo que nos inspira a constituição de um movimento científico transgressor apoiado na Pesquisa Narrativa.

Na pós-graduação *stricto sensu* não é diferente. Forma-se ou formata-se o mestre e o doutor para a reprodução de mecanismos de coleta/produção de dados aliançado num ciclo instrumental, cuja composição da dissertação ou tese se apresenta a partir de uma introdução, seguida por capítulo teórico, metodológico e os devidos resultados se aproximam do leitor apenas no final do documento. Esta lógica é enraizada, sabemos disso, mas em nossas perspectivas e frentes de estudo demarcamos a defesa por uma escrita narrativa que ultrapasse as “fronteiras” da mera produção científica em larga escala “(de)limitada por atividades obrigatórias” (Bragança; Moraes; Alvarenga; Oliveira, 2020, p. 332).

Nóvoa (2015) nos alerta sobre o ato criativo que se materializa, ou deveria se materializar na escrita dos textos científicos, visto que estes estão carregados de expressão pessoal, cujo modo de apresentação dos (guar)dados define a identidade própria do investigador/pesquisador. Assumir a condição criativa é um grande desafio, principalmente pela

experiência formativa no âmbito da graduação, em que somos levados a reprodução dos autores da área com a justificativa de que ainda nos falta muito para poder afirmar algo em uma produção científica. Vale ressaltar que a fala anterior não se trata de negar a importância das referências bibliográficas, mas de não assumir a condição de refém desses autores, terceirizando a própria voz em detrimento desta lógica do fazer científico.

Com a Pesquisa Narrativa, buscamos devolver o protagonismo ao sujeito que conta, reconta e aponta suas experiências formativas, seja este o próprio pesquisador ou o colaborador do estudo.

Tecer uma narrativa, a partir do que lhe toca, lhe faz brilhar os olhos, lhe contagia a alma, o corpo e o coração, consiste em uma das mais incríveis aventuras que o ser humano pode viver e fazer, trata-se mesmo de uma dimensão fundamental do processo civilizatório e com o qual o sujeito se vê implicado como uma necessidade de dizer algo de si, do que vive e/ou experiencia em seus múltiplos contextos formativos pelos quais transita ou estabelece relações (Bragança; Morais; Alvarenga; Oliveira, 2020, p. 333).

De fato, o contar de si é uma aventura, especificamente pelo conjunto de sentimentos que são orquestrados pelo autor-ator quando materializa suas vivências, experiências e sentimentos através da Pesquisa Narrativa.

No curso de doutorado ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico (PPGET) do IFAM, fomos atravessado, na condição de alunos e professor, pela disciplina “Dimensões Paradigmáticas de Pesquisa e suas Tendências Investigativas no Ensino”, cujo objetivo esteve centrado no exercício dialógico por meio do reconhecimento da diversidade do perfil da turma, dado o programa ser profissional e multidisciplinar, além do exercício reflexivo através da metanarrativa, cuja metodologia ancorou-se no registro em cartas (auto)biográficas, em que os professores em formação continuada, deveriam se compreender enquanto professores pesquisadores.

Por meio da integração entre vivências, experiências e sentimentos, fomos conduzidos a composição de quatro cartas, todas ambientadas em questões norteadoras gerenciadas pelo docente durante as aulas da disciplina.

A **carta de si** nos (e)levou ao encontro de nossos referenciais identitários, revisitando nossas impressões acerca das dimensões paradigmáticas: ontológica, teórico-epistemológica e metodológica (Sandin-Esteban, 2003). No exercício do contar de si atravessado pela própria história com a docência, identificamos episódios formativos que nos auxiliaram a conceber nosso conceito de professor-pesquisador.

Olá, amigo/a destinatário/a

*Não saber para quem escrevo tem um conforto desconfortável... Confortável por não enviar o narrado... contar o que eu acho que seria interessante para o meu destinatário... sempre com a lente da validação... **procurando o sim sobre si no outro**. E ao mesmo tempo, torna-se desconfortável quando sem saber quem estará do outro lado, teço narrativas pessoais que hoje dialogam só comigo, mas que amanhã ganharão vida em outra vida (ou não). (Fragmento da carta de si, 2022).*

A não consciência imediata de quem seria o nosso destinatário foi um movimento interessante de se pensar, posto que dentro da escrita (auto)biográfica também somos levados a reflexão sobre a autocensura, ou seja, a determinação autônoma acerca do que contar, especialmente quando não sabemos quem terá acesso ao contado de nossas memórias, experiências e sentimentos.

*A narrativa dessa carta encontra luz na concepção de professor-pesquisador. Mas, me perguntava até ontem, se já encontrei luz nessa discussão mesmo. Preciso te confessar que ao longo dessas duas semanas, muitas concepções por tanto tempo consolidadas, foram **estremecidas**. E hoje, me sinto mais preparado para pensar sobre isso, pois as duras reflexões, engessaram um pouco o meu contar... Foi necessário um in(tenso) exercício de reflexão sobre o lido, o ouvido e o experienciado para então tomar coragem de tecer minhas memórias a partir de um resgate das experiências, vivências e sentimentos que me fazem ser quem sou – hoje (Fragmento da carta de si, 2022).*

Uma das contribuições da escrita da carta (auto)biográfica foi o amadurecimento da consciência da identidade professoral mutável, visto que por tanto tempo adestramos nossas concepções quanto a uma identidade única de professores-pesquisadores. Ao longo da disciplina, motivado pelos textos, discussões e inferências conduzidas pelo professor, assumimos a posição de juízes dos próprios conceitos, colocando-os em xeque, pensando sobre o próprio pensamento, refletindo no porquê nos compreendemos A, B ou C.

Com a experiência da docência universitária, começo a perceber que a constituição do professor-pesquisador se dar ao [querer] ser professor-pesquisador... pois, é no contato com a dinâmica da sala de aula e dos desafios impostos pelo cenário de aprendizagem que nos compomos como seres inconclusos... incompletos... carentes de novos conhecimentos para se autovalidar... E aí é que reside o confronto interno... a consciência do inacabado é boa, mas no início incomoda não saber... (Fragmento da carta de si, 2022).

Ao olhar para os próprios pensamentos sobre a imagem do professor-pesquisador, identifico na própria história, o momento em que recobro a consciência da incompletude e de que a constituição do sentir-se professor-pesquisador é dinâmica, plural e ampliada a cada nova experiência.

A segunda produção da disciplina tratava-se de uma **carta resposta**. Ou seja, de posse da certeza de quem era o destinatário, somos conduzidos a exercitar a escrita (auto)biográfica novamente, mas agora olhando o narrado pelo outro. O ato de acessar as experiências do outro através da troca de cartas tornou-se marcante, especificamente pela oportunidade de aprender com outras lentes sobre o mesmo conceito – o de professor-pesquisador.

*Me apego a sua carta e busco nela me (auto)formar... sob tuas lentes tento ver o mundo e criar meios de dar continuidade no diálogo sobre si, sobre a vida e sobre a ideia de professor-pesquisador. Entre idas e vindas posso identificar algo em comum... **o caminhar**... Não reside nessas duas palavrinhas a ausência de movimento... Ao ir... caminho... Ao voltar... também caminho... e **nesse caminhar me formo... me reformo... me transformo**. (Fragmento da carta-resposta, 2022).*

A leitura e reflexão da carta do outro nos permitiu desenvolver a (auto)formação, desde que abertos a criação de mecanismos de aprendizagem a partir do contado pelo outro. Na experiência de ler a carta da parceira de orientação, elejo o ‘caminho’ como ponto em comum em nossas histórias, parafraseando Chico César (2008), que nos brinda com a consciência da importância da experiência ao cantar que “caminho se conhece andando, então vez em quando é bom se perder. Perdido fica perguntando, vai só procurando e acha sem saber”.

O caminhar é movimento, ação, reflexão, saber, fazer, experienciar. Ao caminhar dou passos em direção a algum lugar. E nessa trilha reside a formação, reformação e transformação. Ao exercício de ler o narrado pelo outro, atribuo a aprendizagem de construir saberes através da experiência contada.

*Os episódios contados na sua carta me remetem ao processo (auto)formativo sob as lentes do outro, visto que **ao acessar sua história com sua anuência, pude tecer olhares para a minha própria vida-trajetória**, identificando similaridades e divergências, mas sobretudo a certeza de que a escrita de si é instrumento de empoderamento a partir do olhar retrospectivo e do convite a reflexão por intermédio de referenciais coletivos que dialogam com nossas experiências. Por isso, posso dizer que após a leitura da sua carta, estou mais forte! (Fragmento da carta-resposta, 2022).*

O fragmento exposto anteriormente vai ao encontro da atividade formativa que correspondia na elaboração de carta-resposta a partir de nossas impressões e no reconhecimento na escrita e no ponto de vista do outro, cuja base teórica centrava-se na constituição do sentir-se professor-pesquisador. No destaque acima, reforço a anuência dada pelo remetente, convidando-me a compreendê-lo sob suas lentes, mas permitindo que minhas inferências somem-se aos seus próprios saberes e a sua consciência identitária.

O terceiro episódio centrou-se na **carta de si/do outro para os outros**, trazendo o terceiro incluído ao processo formativo. Nesta etapa, fomos agrupados e movidos a interação com outra dupla de doutorandos/mestrandos, cuja atividade consistiu na triangulação de nossos sentimentos, na busca por complementar vivências e experiências sobre a constituição do sentir-se professor-pesquisador.

De todas as trocas, elenco o terceiro episódio como um dos mais formativos, pois o processo criativo esteve ancorado em quatro histórias narradas pelo eu, refletidas pelo outro e que agora se converteram em nó(s), emergindo em elementos *outros* de uma rica composição professoral.

*Importa dizer que **nosso lugar de fala é a sala de aula**, embora não seja o lugar em que todos estão hoje, é nesse espaço vivo de formação e (auto)formação que nos identificamos, ao ponto de nos sentirmos professores-pesquisadores. Nesse cenário de aprendizagens plurais, a sala de aula figura entre nossos relatos (auto)biográficos como espaço de afeto, relações, descobertas, anseios, realizações e projeções.*

Foi e é no espaço educativo que nos percebemos professores... A sala de aula, independentemente do nível de ensino tratado nas cartas, compôs as nossas

maiores experiências, seja na condição de aluno ou de professor. É inclusive, a sala de aula e o espaço educativo que nos unem nesse exercício de escrita de si, pois a pós-graduação stricto sensu em Ensino Tecnológico esteve presente em todos os registros (auto)biográficos, reiterando a consciência do inacabado e a necessidade de estar sempre aprendendo a aprender. É no âmbito da pós-graduação também que nos reconhecemos enquanto autores-atores da própria história, aprendendo a dialogar entre-tempos no mo(vi)mento de formação e (auto)formação. (Fragmento triangulação, 2022).

Dado o lugar de fala, nos apresentamos como professores-pesquisadores e a esse conceito atribuímos diferentes características. Entre o dito e o não-dito e o experienciado e o não-experienciado, inferimos que o conceito em destaque emerge do sentir-se professor-pesquisador; da ideia de professor-pesquisador em diferentes espaços educativos; dos estudos sobre a tendência de professor-pesquisador; do professor-pesquisador que enxerga pesquisa em tudo; de pesquisar a própria prática profissional; de caminhar mesmo na incerteza; da consciência da incompletude; e principalmente, do reconhecimento que esse conceito é polissêmico.

Ao verbalizarmos nossas impressões sobre o narrado pelo outro, mesmo que ainda, ancorados em nossas convictas compreensões de mundo, somos conduzidos a um espaço de novas dissociações, posto que embora, tenhamos percursos formativos similares ou atuemos em espaços físicos professorais similares, ainda assim, nos constituímos diferentes.

*Enquanto distanciamentos, observamos o estilo de escrita, cuja singularidade deve ser amplamente respeitada, especialmente, porque o querer narrar e o como narrar é um mo(vi)mento que carece de liberdade para naturalizar-se, visto que é contando nossas próprias histórias que efetivamente, assumimos uma identidade. **Ao ler as cartas uns dos outros, identificamos especificidades próprias de cada um...** o cruzamento de poemas e metáforas, a escolha do repertório de autores, a forma de apresentação (ou não) dos episódios narrativos, a inspiração criativa em brincar com as palavras, dentre outras características que são nossas e nos fazem ser quem somos, de modo que o contato com outras cartas nos (e)levou ao exercício de (re) pensar sobre a escrita-primeira e dialogar conosco mesmo na consciência de que há diferentes meios de compor uma carta (auto)biográfica e, principalmente, que **nossa história pode mesmo ser instrumento de empoderamento e formação para outros.** (Fragmento triangulação, 2022).*

Retomo o quanto essa atividade em grupo trouxe elementos basilares para a defesa da escrita (auto)biográfica, tendo em vista os acréscimos formativos desenvolvidos ao longo da atividade. Desde o processo de composição da escrita-primeira, até mesmo a consciência de que nossa história pode ser instrumento de libertação para outros, reunimos saberes que por vezes não são incentivados no âmbito da Pós-graduação, ainda tão presa na elaboração de artigos científicos, estados da arte e longos seminários enquanto avaliação das disciplinas obrigatórias do curso.

Por fim, todas as atividades anteriores foram pensadas pelo docente para nos preparar para a atividade final que consistia na **carta unitária** – um documento que expressasse as vivências, experiências e sentimentos da turma inteira, sendo um grande

desafio orquestrar os escritos e de fazer com que cada colega de turma se sentisse representado na carta final. Após longas conversas via tecnologia digital, elegemos representantes e exercitamos mais uma vez a triangulação, só que dessa vez, com uma quantidade maior de guar(dados) cedidos e contidos nas cartas (auto)biográficas dos demais estudantes.

Caro destinatário,

Congregar múltiplos sentimentos, vivências e experiências sobre o sentir-se professor-pesquisador em uma carta unitária foi um grande desafio, posto que nos convidou ao rompimento de paradigmas enraizados apreendidos em nossas também múltiplas trajetórias. Ao partir de um mo(vi)mento inicial de escrita de si, somos imersos na constituição de um “nós”, identificando fragmentos em cada vida-trajetória com o objetivo de enxergar-se no todo.

Para todos nós, uma experiência ímpar, difícil até definir as sensações, pois são múltiplas, diversas e revigorantes, especialmente porque “o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal” (Larrosa, 2002). Escrever de si, ler sobre o(s) outro(s), interagir, compartilhar com o(s) outro(s) algo de si e sobre ele próprio foram pistas que nos (e)levaram a um processo de descobrimento e fortalecimento de quem se é e, principalmente, de quem se deseja ser.

Experienciar momentos de partilha e permitir-se doar e receber tem sido valioso para a construção de nossa coletividade, bem como de nossas particularidades, pois nesse processo de se enxergar, de olhar para o outro e vê o outro não apenas como externo, como diferente, pelo contrário, encontrar-se diante das igualdades e diferenças e em um processo de empatia contar a história de um “nós”.

Ao longo do processo de escrita de si, percebemos que as cartas (auto)biográficas revelaram mais que histórias pessoais, desnudaram nossa trajetória de vida, nosso percurso humanitário no grupo social ao qual pertencemos, nossas escolhas, nossas necessidades, interesses e motivações. Nelas, encontramos sentimentos que emergiram em cada momento decisório de nossas vidas, nas expressões orais do nosso convívio cotidiano, nos recortes históricos que nos marcaram. Vivências que também serviram para constituir nossas experiências, sendo estas únicas e diferenciadas sobre a concepção de mundo. Além de contribuir com a interação e o partilhamento da nossa vivência com o outro, com o diferente, com o nosso propósito em grupo, intensificando a relação humana e profissional.

O convite a escrita de si dialoga com questões relevantes sobre a reflexividade de sentimentos, vivências e experiências trilhadas por professoras e professores que problematizam, transformam, metamorfoseiam, se encontram e desencontram, se constroem e reconstroem na caminhada do encontro com o seu eu. Por isso, caro destinatário, por aqui, você encontrará as experiências de cada professor, tendo como ponto de partida o “sentir-se professor-pesquisador” e para isso, fomos direcionados a uma imersão em momentos de ação, cujo exercício basilar foi conhecer-se, controlar-se, expressar-se, por vezes, com autocensura, refletindo e rememorando alguns episódios marcantes de nossas trajetórias (Larrosa, 1994).

Ao experenciar a dinâmica da escrita de si com cartas (auto)biográficas, tomamos a consciência de que no narrado residem alguns elementos, cuja descrição pode aproximar-se do que pensamos ser o “professor-pesquisador”, e ao longo das diferentes composições do si mesmo, identificamos também a presença de sentimentos que convergem entre nós quando nos remetemos a esse conceito polissêmico. Partindo para longe de uma lógica dual, não nos apegamos aos ditos verbalizados em demasia e que se constroem enquanto verdades absolutas na academia, por aqui, acreditamos e defendemos na construção provisória do conhecimento, e não somente dele, mas na própria constituição de si, num ir e vir dinâmico movido por nossas vivências, experiências e sentimentos...

Em primeiro plano, evidenciamos a necessidade da pausa para observação e escuta do outro... essa pausa requer o silêncio de si para atravessar os sentidos atribuídos pelo outro e tal movimento nos exige uma maturidade intelectual, tendo em vista que o encontro de múltiplas vozes, por vezes, atinge um lugar em que muitas falam, mas ninguém se ouve e não é isso que desejamos enquanto professores-pesquisadores, pelo contrário, nesse exercício de escuta, atingimos também a condição de professores-reflexivos, trocando experiências, conquistando também a liberdade para tecer novos questionamentos entre nós, contribuindo na superação de lacunas evidenciadas ao longo das tecituras narradas.

Nessa troca saudável, identificamos também uma condição de sinergia, cuja compreensão está ancorada na relação entre pares com energias positivas, possibilitando o ganho de força, empoderamento, a criação de laços afetivos e a possibilidade de transformação enquanto indivíduo, reforçando a importância de partilhar e comunicar os aprendizados e reflexões em grupo, sendo um momento de verbalização e escuta dos fatos marcantes da história de cada um/a, em um momento de desprendimento e de aceitação.

A busca pela excelência no serviço professoral é outra condição que esteve presente em nossos escritos coletivos... muito disso atravessado por nossas próprias histórias de vida e formação que congregam vivências e experiências na escola pública; a necessidade de superação de dificuldades de aprendizagem e resistir a preconceitos sofridos ao longo do processo formativo, externando o conceito de resiliência que nos acompanhou ao longo da disciplina; os problemas emergentes de questões econômicas; o desejo ainda na infância de conceber-se enquanto professor/a; a interação com diferentes formas de credo e como isso influenciou na manutenção do equilíbrio das diferentes dimensões da vida humana.

Mesmo que identifiquemos pares que não se enquadram em algum perfil elencado no parágrafo anterior, hoje, estando professores ou melhor... sentindo-se professores-pesquisadores, é inegável que a busca por desenvolver um trabalho efetivo e que agregue valor para si e para aqueles que interagem com cada um de nós nos parece ser um caminho interessante para todos.

O caminhar da docência aqui é atravessado pelo afeto, sendo presente em todas as narrativas, nos tornando professores-pesquisadores que acreditam na importância das relações afetuosas com nossos alunos, independentemente do nível de ensino. Ao ler ou ouvir as narrativas, fomos tomados pelo sentimento de identificação, reconhecendo-nos na escrita do outro. Ainda em relação a afetividade, temos um direcionamento que nos leva pensar numa perspectiva professoral a partir da “sensibilidade”, retratada como olhar sensível da realidade, um ser sensível ao outro, onde pensar em si é também pensar no outro.

O cuidado com o próximo está explícito nas narrativas, mas agora ressignificados também para o cuidado consigo mesmo, posto que estar bem consigo mesmo é pré-requisito para contribuir com o outro. Portanto, ao deslumbrar a escrita de si como uma possibilidade de “voltar no tempo”, criamos mecanismos para prospectar caminhos que nos permitam mudar, sair do lugar, ir e voltar, avançar... reconhecendo-se enquanto pós-graduando/a, imerso/a num processo de autoconhecimento e gerenciamento das próprias emoções, equilibrando as necessidades formativas com as expectativas de realização pessoal por intermédio da conquista do título acadêmico.

Importa dizer que esse mergulho no autoconhecimento produziu a descoberta do sentir-se professor-pesquisador, posto que mais uma vez, reforçamos ser um conceito em construção, permitindo diferentes percepções dos também diferentes autores dessa carta unitária, cientes de que a partir da interação com novas necessidades e expectativas e numa troca contínua com nossos pares, novas experiências, oportunidades e vivências surgirão no contexto de ensino e da aprendizagem nos mais diversos espaços em que podemos atuar, assumindo o compromisso com nossa transformação pessoal e em nosso meio social.

Nesse movimento de sentir-se professor-pesquisador, descobrimos a existência de um professor-referência, cuja presença em nossas vidas-trajetórias, trouxe/traz um barulho positivo que nos permite avançar em nosso processo formativo... e podemos ir mais além, pois, hoje temos ciência de que também seremos/somos esses professores-referências, tomando a responsabilidade de nos mantermos autênticos e fiéis as condições que acreditamos serem necessárias a um professor-pesquisador.

Nos vemos como seres humanos em constante construção, no processo de ressignificação mútuo e na responsabilidade de dar continuidade ao aprendizado sem fim. São nos medos, nas fraquezas, nas quedas, nos sorrisos, nas reciprocidades, em cada letra escrita, em cada frase construída, em cada mapa traduzido, em cada experimento científico que contribuimos para a mudança dos paradigmas que norteiam a educação que hoje por vezes nos confronta. Nossos anseios que se transformam em constantes expectativas são fruto de nossa persistência enquanto formadores e parte de um pensamento que se pauta em fazer uma parte, a fim de construir um “todo”.

No universo de nossa escrita de si habitaram diferentes sentimentos e emoções convergentes como: medo, insegurança, desconforto, superação, estranhamento, desconstrução, reconstrução, reconhecimento no outro, na maneira como o outro me constrói através das cartas, no acolhimento do ser e na sua reflexão a partir da ação. Neste sentido, esse “medo, assim como as demais emoções, se originam de reações elementares, cujo ponto de partida é a sensibilidade orgânica” (Wallon, 1971). Portanto, não dá para sentir-se professor-pesquisador sem dar voz e vez aos nossos sentimentos e na escrita de si descobrimos que a exposição voluntária e consciente dos nossos sentimentos é libertadora e condição sine qua non para o alcance de uma narrativa coerente, coesa e que produz empoderamento e (auto) formação para si e para o(s) outro(s).

Por fim, um dos sentimentos que nos pertencem e nos impactou ao longo do processo de escrita de si foi a gratidão, entretanto, por hora somos gratos a nós mesmos... pela audácia/ousadia em permitir-se sentir a dinâmica da disciplina, acessando nossos interiores e buscando em nós mesmos, experiências e vivências que nos fizeram melhores que ontem... transformados pelo poder da (auto)reflexão sobre o vivido e pela busca de sentir-se enquanto professores-pesquisadores.

Assumimos esse lugar permanente do devir, na procura do modo de ser, de um jeito próprio de se identificar, de estar na docência, do sentir-se autor, ator e inventor de sua própria história de vida, habitando um lugar onde os nossos borrões podem ser apagados e reescritos no exercício diário de quem cria, narra e reinventa à própria docência.

Dentro de um contexto e a partir de uma teia de relações interativas e complexas, de práticas de formações e práticas sociais formais e não formais que permitem a construção de representações sociais nos espaços e ambientes de formação do professor, vislumbramos nossas histórias de vida em memoriais autobiográficos que nos mostraram essa nossa (auto)finalidade do ser em si em seu mundo próprio, numa correlação interativa com o outro próximo, com pares outros, com os outros.

No exercício de partilha das experiências e histórias de superações encontramos conforto, acolhimento e mais encorajamento para seguir e encorajar outras pessoas, inclusive nossos alunos, posto que professores e professoras empoderados/as, não apenas no que tange aos conteúdos do currículo, mas compreendendo-se enquanto referências podem educar pelo exemplo, intencionalmente com palavras de incentivo, reiterando o interesse pela vida do aluno.

Sentir-se professor-pesquisador é acordar assim um dia, e dizer a si mesmo, hoje eu escolho mudar! E vasculhando o nosso registro de memórias, nossos contos, nossas histórias, encontramos as experiências, saberes e práticas que nasceram com as mais nobres das inspirações, que por vezes, só pra gente faz sentido, só pra gente tem valor e com os sentimentos transbordados, nos desfazemos daqueles

que nos limitam, nos sufocam, nos acorrentam, jogamos fora os manuscritos e papiros cheios de ideias e construções empoeiradas pelo tempo. E recomeçamos, preenchendo a falta e/ou ausência com novos motivos, feito um poema inacabado, a energia e a vitalidade dos adolescentes, a intensidade de quem já viveu um grande amor e a utopia dos idealistas e sonhadores.

Em todas as ideias aqui apresentadas através das cartas (auto)biográficas, enfatizamos o sentimento de paixão pelo sentir-se professor-pesquisador. Buscamos na história que cada um de nós trouxe consigo, a experiência de ter conosco, todos os dias, a oportunidade de constituir-se no professor-pesquisador que podemos e queremos ser. Cada partilha, por mínima que seja, vislumbrou a capacidade que temos de enxergar nossa própria imagem de docentes com a força de vontade de buscar mudar a realidade de todos aqueles que nos passam.

Somos espelho e precisamos refletir a imagem de um ser sensível, em busca de ressignificação, onde o aluno se torna inúmeras vezes nossa maior inspiração para sermos professores e o importante ao longo dessa jornada é nunca desistir, mas sempre persistir, de modo que, emprestamos os breves versos de José de Alencar que diz que “o sucesso nasce do querer, da determinação e da persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis”.

Portanto, caro destinatário, encerramos essa carta unitária, (m)unidos no sentimento de que estamos contemplando a grandiosidade que é a vida... nos sentimos vivos, inteiros e prontos para continuarmos persistindo no movimento que aqui iniciamos, levando na bagagem as vivências e experiências que impulsionam sentimentos positivos que contribuem no sentir-se revigorado/a, livre, autêntico/a e feliz.

Abraços!

(Coletivo de alunos do Mestrado e Doutorado em Ensino Tecnológico 2022: Alcilândia da Cunha Lima; Ariadene Santos Sousa; Clara Ximena Lourido Pardo; De Angelo Silva da Cruz; Eliane Barth Tavares; Elize Farias de Carvalho; Ercilene do Nascimento Silva de Oliveira; Felipe da Costa Negrão; Francinei Carvalho de Oliveira; Gabriela Carvalho Albuquerque; Gilmara Oliveira Maquiné; Jailes Pimentel dos Reis; Jannieli Moraes Lima; Lawrence Mota Galvão; Luciani Andrade de Andrade; Márcio Silveira Nascimento; Marcus Marcelo Silva Barros; Marise Gonçalves Costa; Milton Carvalho de Souza Junior; Nataliana de Souza Paiva; Paula Gabrielly Freire Jacyntho; Pércles Castro Corrêa; Rafael Oliveira de Almeida; Rosana Ferreira Palmeira; Sabrina Emanuela de Melo Araújo; Stephany Alice Pereira Monteiro; Suzy Aparecida Batista de Castro)

No documento final da disciplina congregamos nossas impressões acerca da experiência da escrita de si, em especial, da escrita em primeira pessoa, cujo grau de dificuldade em decorrência da experiência formativa no âmbito da graduação foi opinião consensual entre os estudantes.

Convergimos na consciência de que o sentir-se professor-pesquisador, por mais que se apresente de diferentes maneiras dada a polissemia do conceito, é um construto que está em constante modificação, não apenas no aspecto teórico do termo, mas também na compreensão de cada indivíduo autor-ator que atuou neste processo de contar de si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contar de si por intermédio das cartas (auto)biográficas resguarda múltiplos saberes que podem contribuir na formação de mestres e doutores no âmbito da Pós-graduação. Na experiência aqui contada e na literatura em Pesquisa Narrativa, corroboramos com o sentimento de que o contar de si deve ser encorajado e alavancado em nossos processos formativos, independentemente do nível de ensino.

Na sequência de atividades propostas pela disciplina de “Dimensões Paradigmáticas de Pesquisa e suas Tendências Investigativas no Ensino” do PPGET/IFAM fomos imbuídos do desafio da escuta de si, do outro e dos outros, articulando nossas histórias singulares com as histórias coletivas e construídas ao longo das aulas, identificando sentidos e atribuindo novos olhares sobre o narrado. Sem dúvidas, o movimento de escrita de cartas (auto)biográficas nos permitiu o gerenciamento de nossas vivências e experiências, sobretudo por convidarmos ao cerne do debate, os nossos sentimentos, cuja notação é sempre diluída entre a poeira cinzenta da universidade, que por vezes, nos grita a opressão e a maquiagem de nossos mais singelos modos de sentir, de ver e de compreender as intensas e calorosas discussões propostas pela academia.

REFERÊNCIAS

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza.; MORAIS, Joelson de Sousa.; ALVARENGA, Juliana Godói de Miranda Perez.; OLIVEIRA, Liliam Ricarte de. Acompanhamento em “pesquisafomação”. Experiências de orientação coletiva e escrita narrativa (auto) biográfica. **Márgenes Revista De Educación De La Universidad De Málaga**, v. 1, n. 3, p. 326-343, 2020.

BOLIVAR; Antonio.; DOMINGO; Jesús.; FERNANDEZ, Manuel. **La investigación biográfico-narrativo en educación: enfoque y metodología**. Madrid: La Muralla, 2001.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, identidade narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. **Horizontes Antropológicos [online]**, Porto Alegre, v. 9, n. 19, p. 283-302, 2003.

CONNELLY, Michael F.; CLANDININ, Jean D. *In*: LARROSA, Jorge. (Org.). **Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona, E: Laertes, 1995. p.11-51.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 133-147, 2016.

FEITOSA JÚNIOR, Edson Castelo Branco.; GONZAGA, Amarildo Menezes. Uma experiência com cartas autobiográficas. **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, Manaus, v. 5, n. 11, p. 297-307, 2019.

GONZAGA, Amarildo Menezes.; PONCIANO, Nilton Paulo. Pesquisa biográfica em educação: formação como estudo com pessoas. *In*: GONZAGA, Amarildo Menezes.; PONCIANO, Nilton Paulo. **Conversando sobre formação de professores**: experiências biográficas como territórios de práticas pedagógicas. Manaus, IFAM/CMC, 2022. p. 8-21.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação [online]**. n. 19, pp. 20-28, 2002.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994.

NEGRÃO, Felipe da Costa. A constituição do sentir-se professor e a inteireza de si: tecituras (auto)biográficas. *In*: GONZAGA, Amarildo Menezes.; PONCIANO, Nilton Paulo. **Conversando sobre formação de professores**: experiências biográficas como territórios de práticas pedagógicas. Manaus, IFAM/CMC, 2022. p. 35-51.

NÓVOA, Antonio. Carta a um jovem investigador em educação. **Investigar em Educação**, Porto, Portugal, n. 3, p. 13-22, 2^a série, 2015.

PASSEGGI, Maria da Conceição Botelho Sgadari. A experiência em formação. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

SANDIN ESTEBAN, Maria da Paz. **Investigación Cualitativa en Educación**: Fundamentos y tradiciones. Madrid: MCGRAW-HILL INTERAMERICANA, 2003.

SOUSA, Maria Goreti da Silva.; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes, [S. l.]**, v. 33, n. 2, 2015.

WALLON, Henri. **As Origens do Caráter na Criança**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

CAPÍTULO 2

**O (DES)CONSTRUIR-SE PARA ENCONTRAR-SE COMO
PROFESSORA PESQUISADORA**

Um mergulho para dentro de si

Alcilânia da Cunha Lima

Eu cresci ouvindo minha bisavó dizer que “há males que vem para o bem”, certamente, no primeiro momento, entendemos que se trata de ressignificar um sentimento ou um acontecimento, compreendendo que embora haja pontos negativos, também há positivos.

E como eu entendo essa frase? Bem, eu leio as entrelinhas, o que ficou no subjetivo ou imaginário dessa frase. Eu vejo um processo de dores, ressignificações, autorreflexão e um olhar para trás, sem saudosismo, apenas para entender quem me tornei hoje e os motivos das minhas decisões recentes.

Escrever uma carta (auto)biográfica é uma das tarefas mais difíceis que me foram sugeridas na vida, refletir sobre acontecimentos passados, pode não ser agradável, mas também nos permite visitar os monstros, as adversidades e refletir acerca do autoconhecimento, dos aprendizados e sobre o que decidimos fazer com isso.

Sobre esse convite a autorreflexão, Negrão (2022, p. 35) afirma que:

O convite à autorreflexão gera dúvida, desconforto e incerteza, mas também traz consigo a possibilidade de pausar as atividades inacabáveis do cotidiano, silenciar vozes externas e permitir ouvir-se, em uma dinâmica de introspecção a fim de gerar um ensaio ou talvez um recorte daquilo que se pensa sobre si, ou que se acha que pensa sobre si.

E para uma pessoa que não costuma ser muito eloquente, que tenta se preservar ao máximo, esses desconfortos só aumentam. Abrir o coração para descrever em versos sobre a vida requer coragem, principalmente para alguém que dificilmente deixa transparecer seus sentimentos, acontecimentos e pensamentos, e sim, essa pessoa sou eu.

Ricoeur (1991), afirma que ao contar uma história os indivíduos estão sujeitos à forma narrativa e à (re)construção dos fatos, sendo assim a temporalidade passa a ser um dos elementos norteadores da discussão. Para escrever esta carta, eu escolhi uma temporalidade da minha vida que vai ao encontro do momento em que nos conhecemos, ou melhor, do meu processo de desconstrução que começou há 5 anos atrás, e que me motivou a buscar os caminhos que me trouxeram até aqui.

O que você possivelmente vai ler daqui para frente é quase uma carta aberta da minha vida dentro dessa janela de tempo, posso te dizer que fora essa temporalidade que me fez refletir acerca das minhas atitudes, dos meus métodos, das minhas escolhas e me fez entender as entrelinhas do “há males que vem para o bem”.

Josso (2007), descreve que a

história de vida é, assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação.

Sendo assim, esta carta autobiográfica contém informações que poucas pessoas sabem, além da minha psicóloga, e escrevê-la talvez seja uma maneira de exorcizar as

últimas sombras que ainda permanecem dentro de mim, mas também te levar a entender como me encontrei como “professora-pesquisadora”.

Por aqui, as pessoas conhecem a Alcilânia, arquiteta urbanista, 32 anos, professora, e como alguns colegas da turma me chamam, “a garota do metaverso”.

Mas o que você ainda não sabe, é que sou a mais velha de seis irmãos, mas fui filha única até os 15 anos de idade. Como qualquer filha única, fui cobrada para ser a melhor em tudo (nos estudos, no trabalho e nas relações interpessoais).

Desde criança, fui mergulhada em pilhas de livros, cessada as brincadeiras de rua, ou seja, eu não tive uma infância muito normal. Eu estava sempre buscando a “tapinha nas costas da aprovação” dos meus pais, da minha família, dos meus amigos, e na grande maioria das vezes acabava por me frustrar.

Ao concluir o ensino médio em 2008, meu sonho era cursar Direito e após me formar, tentar carreira da magistratura. Mas minha família materna era contra, queriam que eu fizesse engenharia porque, supostamente, era o que combinava mais comigo. Então me inscrevi no vestibular em Arquitetura e Urbanismo, algo mais próximo da Engenharia, porém, mais longe do que de fato achava que queria naquele momento e mais próximo das escolhas que terceiros achavam que eu deveria fazer.

O primeiro semestre da faculdade foi terrível, mas com o passar do tempo, fui me encontrando e logo a magistratura ficou em segundo, terceiro, quarto plano, até que passei a não me ver mais no mundo do “direito”.

Em 2013, aos 22 de anos de idade, concluí o curso de Arquitetura e Urbanismo em uma das melhores universidades particulares do Amazonas, para minha área de formação (naquele ano). E como desde a infância, eu havia sido programada para ter sucesso na vida (essa frase contém ironia), logo fui contratada em uma secretaria municipal como chefe de uma equipe de projetos, onde eu passaria os próximos seis anos da minha vida, embora tivesse sido contratada para passar seis meses.

Aos 22 anos, eu tinha um excelente salário para uma jovem recém-formada, uma equipe muito focada, visibilidade e uma Diretora (chefe) que me incentivava a crescer e buscar o melhor, sendo também a responsável por eu entrar na docência.

O que não te contei até o momento, é que a Diretora do departamento e que também era minha chefe, havia sido minha professora no curso de graduação, me acompanhando de perto ao longo dos cinco anos, um dos motivos que fez com que ela me contratasse para coordenar a equipe dela, uma vez que entendia que a minha dedicação dentro do curso, era uma extensão da minha vida profissional.

Em 2017, aos 26 anos, aceitei o convite de voltar a universidade em que havia me formado, dessa vez como egressa e professora do curso de Arquitetura. Passei a trabalhar

na secretaria como arquiteta pela manhã e tarde, e a noite como professora, ou seja, a docência ficava como segundo plano na minha vida.

O início da minha carreira como professora, foi marcada pelos reflexos dos meus professores, onde extraí características que julgava interessante de cada um deles, e construí a minha persona do que seria “uma boa professora”, ou seja, eu era um tipo “professor Frankenstein”, ou como eu costumava falar: “professor sem personalidade”. Essa ausência de personalidade, ou a construção de múltiplas facetas, refletiu em muitos alunos reprovados, falta de sensibilidade, empatia, excesso de conteúdos, aulas cansativas e diversos alunos frustrados.

Nesse mesmo ano, em decorrência de mudanças estruturais no órgão ao qual trabalhava, acabaram por trocar a Diretora do departamento, ou seja, minha chefe. Quando a notícia chegou, peguei-me pensativa acerca das alterações, haja visto que ela era, ou melhor, é uma mulher e profissional sensacional, que sempre me incentivava a ser melhor, conseqüentemente, a equipe também recebia esse incentivo e todos ganhavam espaço e segurança.

A primeira reunião com o novo chefe, foi um choque de realidade e tanto! Ali percebi que a equipe já não existia mais, ouvir “não existe nós, existe apenas eu e vocês” foi bem duro.

Ao longo dos dias, tudo que havíamos construído em equipe ao longo de dois anos, foi colocado em uma pasta intitulada “lixo”, na área de trabalho do computador, e o sentimento de frustração tomou conta de mim de forma avassaladora.

Ali começava um dos meus maiores pesadelos, sem saber que eu estava de frente com a pessoa que inversamente me motivaria a estar aqui hoje, escrevendo essa carta aberta a você.

Aos poucos, vi todos os colegas de trabalho da equipe sendo exonerados, eu fiquei, não porque acabei sendo preterida pelo novo chefe, mas pelo fato de ter desenvolvido um bom trabalho durante aqueles anos que haviam se passado, e o Presidente da Instituição vetou a minha exoneração, o que deixaria o novo chefe bastante incomodado.

Em pouco tempo, eu passei a ser perseguida, controlada, calada e deixei de ser convidada para as reuniões de trabalho e tomada de decisões importantes, tive todas as minhas funções destinadas a outra pessoa e por muitos meses, minha única atividade era fazer pesquisa no *Google*, cortar e dobrar pranchas de projetos, uma vez que a equipe estava focada em “coisas mais importantes”, como dizia o Diretor.

Frequentemente eu era abordada na saída do banheiro com frases do tipo “você demorou muito”, passei a ter conversas monitoradas com os colegas de trabalho, idas ao café e banheiro contabilizados, a ouvir com mais frequência “você não é boa no que faz”,

“eu tenho na equipe uma arquiteta com três especializações e que corta papel pra mim”, “eu não vou demitir, mas vou dar motivos para que faça isso”.

Pouco a pouco, o meu trabalho que antes me motivava a acordar cedo todos os dias, havia se tornado o pior pesadelo da minha vida, claro que isso me afetou psicologicamente, muito embora naquele momento eu não tivesse noção do estrago psicológico que isso estava me causando.

Escrever sobre essa parte da vida ainda é muito desconfortável, por que as imagens dos acontecimentos ainda são vividas, mas como afirma Josso (2007, p. 435):

É assim que nossos fragmentos de memória individual e coletiva se transmitem em recursos, em fertilizantes, em inspiração para que nosso imaginário de nós-mesmos possa inventar essa indispensável continuidade entre o presente e o futuro, graças a um olhar retrospectivo sobre nós-mesmos.

Talvez eu tenha me tornado uma boa profissional, mas a grande verdade é que aos 27 anos de idade, eu não possuía maturidade emocional para lidar com a situação que estava acontecendo. Quando criança, fui ensinada e cobrada para ser a melhor em tudo que fizesse, mas em nenhum momento me foi cobrado ou ensinado a saber lidar com situações conturbadas da vida, como a que eu estava passando.

Passava horas me questionando sobre os motivos que levariam uma pessoa a querer minimizar o próximo, sobre se ter tentado ser boa profissional era realmente algo bom, afinal de contas, eu estava naquela situação justamente por me destacar dentro do ambiente de trabalho e por conta do ego desenfreado de um colega de trabalho.

Alguém havia quebrado minha casquinha de autoproteção que as circunstâncias da vida havia me colocado, eu estava exposta, não havia palminhas, palavras de incentivo, pessoas que me proporcionassem um ambiente seguro e calmo para o crescimento profissional, eu não estava em cima do palco, estava na plateia da vida, estava em meio ao caos, tentando sobreviver a um cenário desconhecido, lidando com sentimentos avassaladores e autodestrutivos. Como eu sairia desse panorama?

Eu sempre ouvi falar em assédio moral, mas pouco sabia sobre, e descobrir na prática foi difícil, aterrorizante, constrangedor e pouco a pouco fez com que eu acabasse por me perder de mim, até que o primeiro grito de desespero veio em forma de uma crise incessante de choro e um pedido de exoneração, parecia que ele enfim, conseguiria o que tanto buscava.

Eu não fui exonerada, me trocaram de secretaria. Fui para outra, onde mais uma vez eu tinha um chefe que me impulsionava a ser melhor no que eu fazia, mas eu já não era mais a mesma pessoa, eu tinha medo, dúvidas, inseguranças, buscava não me destacar por medo de ser perseguida e ter que enfrentar todo o inferno novamente.

Mas comecei a perceber, ao observar mais do que o normal, que o que eu havia passado era algo “comum” e muitas frentes de trabalho, e mesmo ainda tentando juntar meus pedaços internamente, comecei a me questionar sobre como eu poderia ser uma professora melhor, para evitar os “minis egos”, e abrir espaço para novos arquitetos, que pensassem mais no colaborativo, sendo seres autoreflexivos, mas principalmente, sobre o meu posicionamento enquanto professora dentro da sala de aula, para mudar ou minimizar esses conflitos nas próximas gerações de arquitetos, no mercado profissional.

E sim, minha cabeça estava uma loucura, tudo que havia passado como meu antigo chefe, começou a refletir em todos os aspectos da minha vida, logo tudo estava confuso, complexo, desafiador, ou melhor, auto desafiador.

Dessa vez, eu vivia meu próprio “iluminismo”, olhando para dentro e traçando um novo roteiro para vida, buscando entender minha missão, meus anseios, dores, inquietações, minhas fragilidades emocionais, e sim, estava fazendo terapia, porque como diz Josso (2007) “a invenção de si no singular plural implica então vigilância, vontade e perseverança para que sejamos seres vivos em transformação e não seres vivos em prorrogação”.

Comecei a perceber o impacto das minhas ações na vida de outras pessoas, passei a me observar quanto a possível reprodução de atitudes tóxicas com terceiros no meu cotidiano, e desse longo mergulho interno e do processo de autorreflexão e (des) construção, nasce a professora-pesquisadora.

Foi aprendendo a me olhar, que pude enxergar o próximo. Foi caindo do pedestal que passei a refletir sobre o meu papel no mundo. Foi observando as minhas ações e o que havia me tornado, que decidi trilhar um novo recomeço, dessa vez, colocando à docência em primeiro plano.

No contexto de se olhar e intervir, Josso (2007, p. 436) afirma:

A invenção de si pressupõe imaginável é possível um projeto de si, o que implica conquista progressiva e sempre em vir-a-ser de uma autonomia de ação, de uma autonomia de pensamento, de uma autonomia em nossas escolhas de vida e em nosso modo de vida. Pois, finalmente, a invenção de si pode tornar-se uma das formas tomadas pela posição existencial da intencionalidade, que se desdobra no cotidiano e não somente em situações ou contextos particulares.

Em 2020, comecei o ano exonerada, leve, livre, feliz e com o coração cheio de esperanças de que eu estava indo ao encontro de algo que eu nem sabia o que era, mas tinha certeza de que era bom.

Pedi a Deus um direcionamento do que fazer, porque naquele momento eu estava feliz, mas eu precisava focar na minha vida profissional também, e foi assim, que horas depois chegou ao meu e-mail uma convocação de entrevista em uma instituição de ensino na rede privada, para lecionar disciplinas em uma área em que eu estava me especializando, a construção virtual de projetos de arquitetura.

Aceitei o convite, e logo me vi lecionando em duas instituições de ensino superior. Conheci novas pessoas, fiz novos colegas de profissão, e logo eu estava conversando cada vez mais sobre as práticas de ensino adotadas em sala de aula, sobre como poderíamos traçar projetos de extensão, como poderíamos adotar práticas multidisciplinares em sala de aula, e essas trocas me permitiram pensar e rever atitudes, implementar novas práticas, pesquisar novas metodologias, mas principalmente, refletir acerca do meu posicionamento em sala de aula.

Moraes (1997, p. 18), afirma que:

Inovar, atuar pedagogicamente a partir de novas bases implica uma profunda mudança de mentalidade, o que é difícil, especialmente para aqueles que atuam na área educacional. Se acreditarmos que é o indivíduo que constrói o conhecimento a partir de situações concretas vivenciadas, o professor, para assimilar os novos conhecimentos implícitos na nova abordagem, requer tempo para poder comparar, estabelecer conexões, compreender diferenças e integrar conhecimentos.

E foi do mergulho para dentro de si, das minhas inquietações, dos momentos de autorreflexão e pesquisas, que um dia ao me olhar no espelho, vi o reflexo do que havia me tornado, eu vi a professora-pesquisadora pela primeira vez.

A docência não era mais o meu segundo plano, era o primeiro, era o que me motivava a acordar todos os dias de manhã, a pesquisar, a buscar novas alternativas, e foi o lugar que me encontrei após cinco anos de atuação como professora.

Antes, eu sentia vergonha de dizer que demorei a encontrar essa minha versão de professora, ou encarar a persona de fato. Hoje, eu entendo, que há uma diferença entre ser professor e escolher ser um professor-pesquisador. Para muitos, essa figura do pesquisador nasce de forma orgânica, mas em mim, nasceu de um longo processo de mergulho interno, que vem me proporcionando o autoconhecimento, reflexão e a decisão de tomar um novo rumo na vida.

Mas até o momento você deve estar se questionando sobre como chegamos até aqui, né?

Ao longo dos anos de 2020 e 2021, escolhi viver a docência de forma intensa, deixando a professora-pesquisadora que habitava no meu interior emergir. No meio desse processo, identifiquei falhas nas práticas que adotava em sala de aula, desde o início da minha vida como professora. Mas como eu iria mudar as inquietações da minha pessoa pesquisadora?

Eu não formei em licenciatura, mas bacharel em Arquitetura e Urbanismo, eu tinha lacunas pedagógicas abertas, que nem uma especialização em docência do ensino superior poderia preencher. Foi quando decidi que estava na hora de buscar solucionar ou minimizar esses desconfortos ocasionados pelo meu processo de formação docente, muito embora eu ainda não soubesse exatamente como proceder.

Esse aflorar de inquietações e a investigação por novas práticas educacionais, que motivaram a busca por melhorias na minha formação enquanto professora.

Moraes (1993) versa que:

Pensar na formação do professor para exercitar uma adequada pedagogia dos meios, uma pedagogia para a modernidade, é pensar no amanhã, numa perspectiva moderna e própria de desenvolvimento, numa educação capaz de manejar e produzir conhecimento, fator principal das mudanças que se impõem nesta antevéspera do século XXI. E desta forma seremos contemporâneos do futuro, construtores da ciência e participantes da reconstrução do mundo.

E foi assim, que quando estava próximo de finalizar a especialização em gestão e construção virtual de projetos de arquitetura, ao qual citei anteriormente, e em paralelo, aplicando em sala de aula o que estava aprendendo, decidi que para o artigo final, eu escreveria algo que eu pudesse levar para um mestrado em educação, porque ao meu ver, essa seria a melhor maneira que poderia preencher as lacunas abertas na minha formação, mas que também me mostraria novos horizontes, logo me permitindo seguir com a minha autorreflexão.

Assim, escrevi o meu artigo final sobre a realidade aumentada e virtual, voltada a área de educação, como consequência do que já estava desenvolvendo em sala de aula. A entrega final do artigo, coincidiu com a abertura do edital do mestrado ao qual me encontro agora, onde nos conhecemos. Muito embora eu tivesse certeza de que gostaria de continuar minhas autodescobertas e dar continuidade a minha pesquisa em realidade aumentada e virtual, ainda havia muitas incertezas e inseguranças dentro de mim.

O fato é que, quem passa por algum tipo de agressão na vida, seja ela psicológica ou física, não consegue superar facilmente as marcas que ficam, e mesmo eu tendo dado um novo rumo para minha história, marcas de segurança ainda pairam sobre as minhas conquistas, sempre refletindo em pensamentos de “eu não vou conseguir”, e com o processo de seleção do mestrado não foi diferente.

Passei por todas as etapas, mas na entrevista, quando colocada de frente as fragilidades do meu projeto de pesquisa, que foi de encontro às lacunas que estão abertas no meu processo de formação docente, eu cheguei à conclusão de que não seria dessa vez que entraria em um mestrado.

Esse sentimento tomou conta de mim, e me fez pensar “não tinha que ser, no ano que vem eu tento novamente”. Então chegou o dia da divulgação do resultado preliminar do processo de seleção, mas como no meu íntimo eu imaginava não ter passado, não me preocupei em ir atrás do resultado.

Nesse dia, realizei as minhas atividades cotidianas previamente agendadas e fui almoçar com uma amiga, durante o almoço recebi várias ligações de uma outra amiga,

quando atendi, por imaginar se tratar de uma urgência, a primeira frase que ela disse foi “amiga, você passou no mestrado”, e claro, o choque veio.

Eu repeti a frase que ela havia dito em voz alta, e a minha colega que estava almoçando comigo começou a chorar, mas a ficha ainda não havia caído. Eu não sabia naquele momento se dava água para amiga chorona, se falava com a outra ao telefone ou se tentava entender o que estava acontecendo.

Bem, a ficha não caiu no momento da ligação, nem com o choro da minha amiga, veio no momento da matrícula. Foi assinando uma folha, que naquele ato representava de forma simbólica uma conquista, que percebi que estava diante mais uma vez, de um desafio, de um processo intenso de dois anos, que provavelmente mudará minha vida.

Foi exatamente nesse momento, que o destino traçou o nosso encontro!

Eu não sei quem está lendo essa carta nesse momento, mas agora você me conheça um pouco mais, talvez não muito sobre “a garota do metaverso”, mas entenda um pouco mais sobre a humana em (des)construção, que abre espaço todos os dias para a construção da professora-pesquisadora que ainda está emergindo dentro de mim.

Uma professora-pesquisadora, que enfrenta sombras de um passado, que saiu da zona de conforto, que possui marcas, fraquezas, frustrações, mas que vem buscando todos os dias o ressignificar do que é atualmente como docente, como humana, mas proporcionando um solo fértil para que novas sementes possam ser germinadas.

Bem, nesse momento, essa carta (auto)biográfica descreve um pouco do meu processo autorreflexivo, que permitiu a minha autodescoberta e do meu emergir professora-pesquisadora em formação, mas que também trilhou caminhos para que pudéssemos estar aqui hoje.

Eu não sei como estarei daqui há dois anos, ao final desse mestrado, mais espero que possa ler essa carta novamente e complementar, descrevendo as minhas novas experiências vivenciadas em sala de aula, após um período debruçado em muitas leituras, que vem me permitindo ir ao encontro da minha busca por aqui, me reconhecer, me reencontrar, me ressignificar e entender o que é de fato ser uma professora-pesquisadora, afinal, como diz Ricoeur (1991, p. 139):

É pela escala de uma vida inteira que o si procura sua identidade: entre as ações curtas, às quais se limitam nossas análises anteriores sob o constrangimento da gramática das frases de ação, e a conexão de uma vida.

REFERÊNCIAS

JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre/RS, n. 3, v. 63, p. 413-438, set./dez. 2007.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. Campinas/SP: Papyrus, 1997.

MORAES, M. C. **Informática educativa: Dimensão e propriedade pedagógica**. Maceió: Almimeo, 1993.

NEGRÃO, F. C. A constituição do sentir-se professor e a inteireza de si: tecituras (auto) biográficas. *In*: GONZAGA, A. M.; PONCIANO, N. P. **Conversando sobre formação de professores: experiências biográficas como territórios de práticas pedagógicas**. Manaus: Biblioteca do IFAM, 2022. p. 35-51.

RICOEUR, P. **O si-mesmo como um outro**. Trad. Luci Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.

CAPÍTULO 3

VIVENDO À DOCÊNCIA COMO UM PANDA

Elize Farias de Carvalho

Olá, jovem colega!

Escrevi esta carta para lhe contar um pouco sobre mim, trazendo relatos sobre a minha trajetória profissional. Tenho que dizer, não é uma tarefa fácil. Talvez por nunca ter sido desafiada a tal construção, o medo, principalmente, do erro me incomoda. Mas, na fala do nosso colega Felipe, parte da “premissa de que o contar de si é um exercício que deve ser encorajado” (Negrão, 2022, p. 4). Por isso, para cumprir essa missão, tentarei responder a uma pergunta: quem é a Professora Elize?

Eu refleti muito para responder essa questão. Então, procurei uma forma de me visualizar e, a partir da leitura de Negrão, pude entender que no “movimento de conhecer-se é natural que evoquemos nossas singularidades com orgulho, uma vez que estas, consolidam uma imagem única de quem realmente somos, ou achamos que somos” (Negrão, 2022, p. 5). Foi então que surgiu a ideia de responder à questão fazendo um comparativo com algumas cenas de um filme. Dentre os estilos de filmes que eu aprecio, a animação é, com certeza, o meu preferido e o filme escolhido foi *Kung Fu Panda*, o qual eu acredito que seja familiar para você.

A animação gira em torno de um panda desajeitado chamado Po, que é um entusiasta do *kung fu*. Durante sua caminhada para se tornar um mestre do *kung fu*, sofre com diversos preconceitos. A escolha do filme vem do fato de ele retratar cenas que me fazem recordar a minha trajetória, além de compartilhar com o Po um desgosto por escadas.

Então, inicio me apresentando. Chamo-me Elize Farias de Carvalho, tenho 35 anos, sou natural de Parintins-AM, sou casada e cristã. Hoje resido em Manaus e trabalho como professora de Física no IFAM– CMC.

Eu me considero uma pessoa tímida, prefiro ouvir do que falar. Devido minha profissão, esse traço vem sendo contornado, pois eu preciso da comunicação dentro da sala de aula. Uma forma que eu encontro para inserir os conteúdos da disciplina é trazer alguns personagens de animes para conversar com os fenômenos apresentados, e até o momento tem funcionado.

Acredito que essa minha característica mais introvertida foi desenvolvida desde cedo, na infância, quando fui inserida na esfera religiosa. A questão espiritual sempre foi muito forte na minha vida. Fui criada para exercitar a paciência, o perdão e evitar confrontos. Adquiri vários hábitos que ainda hoje são muito presentes e com os quais eu sigo fielmente. Daí uma postura mais passiva.

A postura inativa desde a infância me colocou em uma zona de conforto da qual eu levei até o Ensino Superior. Creio que eu não tenha saído completamente desse estado que me traz segurança para evitar o erro.

Nesse sentido, a criação de Po foi semelhante, pois sua vida já estava definida, ele não precisaria confrontar ou assumir uma postura mais ativa, pois o seu futuro seria gerenciar o restaurante do seu pai, o Sr. Ping, o ganso, onde servia a melhor sopa de macarrão do Vale da Paz (KUNG FU PANDA, 2008).

Continuando, quanto a minha formação acadêmica, foi toda na rede pública. Minha mãe, que foi professora da rede municipal, constantemente mencionava que acreditava na competência dos seus colegas de profissão e por isso não tinha receio em colocar todos os seus filhos para serem ensinados em escolas públicas.

Minha mãe, Dona Eliana, que hoje é aposentada, sempre foi um exemplo de profissional. Batalhou muito em sala de aula, muito dedicada em cada pequena atividade proposta para seus alunos. A cada ano que iniciava era um novo planejamento. Eu e meus irmãos participávamos da vida de professora da Dona Eliana. Depois que já estávamos mais entendidos, ajudávamos a fazer lembranças e produzir materiais escolares para suas turmas.

Esse período foi muito importante porque, ao mesmo tempo em que eu admirava todo o esforço da minha mãe, eu também dizia para mim mesma “eu não quero ser professora!” Esse pensamento durou por um bom tempo, todo o meu ensino fundamental e médio.

Com o Po também foi assim, desde cedo foi ensinado a conduzir o restaurante e fazer sopa de macarrão, ele estava imerso no ambiente culinário, mas não estava empolgado com esse futuro, ele queria mais, sonhava com o *kung fu*.

Foi durante ensino médio que eu me direcionei para minha futura profissão, embora não tenha acontecido de forma tão agradável quanto eu imaginava. Durante minha adolescência eu mostrava interesse pelas áreas de exatas, mas ainda não sabia muito bem o que fazer. Foi no primeiro ano que iniciei meu contato com a ciência Física. A princípio, fiquei fascinada e comecei a me dedicar à disciplina. Como aquela ciência conseguia explicar tantas coisas, o Universo? Assim como o Po, que sonhava com o *kung fu*, aliás, não apenas sonhava, mas estudava incessantemente sobre a arte marcial, passou a conhecer técnicas, golpes e estudar sobre os mestres e eventos mais famosos, eu também comecei a procurar mais sobre essa ciência e me dedicar durante as aulas.

Foi então que eu recebi um baque, um “golpe do dedo Wuxi”, que ainda hoje não sei explicar muito bem o sentimento. Durante uma aula de Física, meu professor, com ar de superioridade, disse: “isso aqui é coisa para macho, homem. Isso não é coisa de mulher! Mulher não sabe fazer conta!”. Naquele momento, uma desesperança surgiu, porque eu acreditei. Era meu professor, por que duvidaria? Fiquei calada, não argumentei, nem mesmo um sinal de desaprovação. Não fui criada para confrontar, nem mesmo saberia como fazer.

Depois desse episódio, parecia que eu não tinha muito o que fazer a não ser procurar outra área para seguir. Eu já havia sonhado em ser uma física, matemática, engenheira, arquiteta, mas não poderia, porque eu sou mulher.

Mesmo não sabendo explicar o sentimento, eu me vejo na mesma cena entre a Tigresa e Po no Palácio de Jade, após a escolha do Dragão Guerreiro (Po). Tigresa, frustrada pela decisão de Oogway, de forma ríspida diz a Po: “você não pertence ao Palácio de Jade. Você é uma desgraça para *Kung Fu* e, se você tem algum respeito pelo que somos e fazemos, você terá saído pela manhã” (KUNG FU PANDA, 2008).

Depois daquelas palavras, eu decidi mudar e focar na Biologia. Eu tenho um apreço muito grande pelo meio ambiente, então seria o caminho que eu iria seguir. Esse novo caminho durou até o segundo ano do ensino médio, quando meu novo professor de Física iniciou o estudo sobre a Luz. Novamente, aquele sentimento surgiu, a curiosidade e vontade de saber mais só aflorava, mas ainda tinha um resquício do ano anterior. Diferente da experiência passada, o professor do segundo ano me incentivou muito para seguir a área ou as áreas afins, mas me alertou, “se você decidir fazer Física será professora”.

Tentei me concentrar em concluir o ano letivo e decidi ir ao próximo ano. Em conversa com meus pais sobre que decisão tomar, minha mãe me dizia que independente do que eu escolhesse, ela iria me apoiar. Em contrapartida, meu pai não se agradava da ideia de fazer algo que me levasse à sala de aula, principalmente, pela expectativa de salário tão baixo se comparado ao trabalho diário.

Assim como Po não queria decepcionar seu mestre Shifu, seu pai ganso e nem mesmo os Cinco Furiosos, pelos quais Po tinha uma grande admiração, eu também não queria desagradar os meus pais, nem os meus irmãos.

Finalmente decidi, fiz a minha inscrição para concorrer a uma vaga no curso de Licenciatura em Física, turno noturno e, para minha felicidade, fui aprovada. Uma sensação de alegria misturada com alívio surgiu, depois veio um nervosismo e uma ansiedade. Como seriam aqueles quatro anos e meio? Como dizia o Mestre Oogway, “muitas vezes você encontra o seu destino da maneira que você tomou para evitá-lo” (KUNG FU PANDA, 2008).

Os quatro anos e meio foram intensos. Minha turma iniciou no ano de 2005, era um ambiente predominantemente composto por homens. No ano seguinte, no terceiro período, eu passei a ser a única mulher da turma. Fiquei rodeada pelo universo masculino. Mesmo acanhada pela presença dominante dos colegas nesse período, pude observar e aprender com eles. Tratavam-me com respeito e tínhamos uma dinâmica de colaboração muito boa. Mesmo cada um tendo seguido caminhos distintos, ainda mantemos contato.

As disciplinas foram “pesadas”, como um treinamento de *kung fu*. Mas a preocupação estava no fato das disciplinas da área específica do curso serem consideradas prioridades

em relação às de natureza pedagógica. O que era preocupante, já que eu estava sendo formada para ser professora. Esse cenário ainda é observado até hoje.

No segundo semestre do ano de 2006 iniciei meu primeiro PIBIC em Matemática, onde tive o privilégio de ser orientada pelo Professor Dr. Ivan de Azevedo Tribuzy, na área de Análise e Álgebra Linear e no ano seguinte, com Lógica Matemática e Álgebra. O renomado professor Ivan foi um dos grandes exemplos de humildade que eu tive a honra de conhecer em vida. Mesmo com a saúde debilitada, não se negava a ajudar. Conversava de uma forma tão simples que até me acalmava diante das diversas preocupações que o curso e o projeto demandavam. Eu havia encontrado o Mestre Shifu.

Ter participado do PIBIC foi de grande valor acadêmico, pois foi nesse período que fui apresentada ao mundo da pesquisa. Porém, ainda mais valiosas foram as pessoas que eu conheci, com quem pude compartilhar as dificuldades que aquele momento propunha, não apenas na formação acadêmica, mas problemas de cunho pessoal. Muitos viviam as mesmas dificuldades ou tinham problemas que, aparentemente, eram mais preocupantes que os meus. Hoje muitos estão bem encaminhados profissionalmente e, para mim, é uma grande alegria e uma inspiração.

Consegui concluir o curso de Licenciatura em Física em 2009, mas, antes de concluir, já lecionava. Meu primeiro emprego foi em uma instituição particular e, logo depois, passei a trabalhar em escolas da rede estadual de ensino.

Na esfera privada, após passar pela experiência de seleção para a vaga de professora, em reunião com os coordenadores da instituição fui orientada a lecionar de acordo com o perfil da escola. A orientação foi lecionar sem poder “mostrar o aparelho”. Na época, eu usava aparelho ortodôntico e a expressão significava que eu não deveria sorrir para os alunos, mas manter uma postura mais séria, pois o foco eram as avaliações externas.

No princípio, achei um pouco estranho, pois a orientação era contrária às que eu havia estudado, mas tentei me adequar. Tenho que dizer que aquilo não estava me fazendo bem. Eu estava feliz pelo trabalho, em receber um salário, entretanto, quem estava na sala de aula não era eu.

Quando surgiu a oportunidade de mudar para a esfera da rede estadual de educação, fui com um sentimento de alívio, esperança e expectativa.

A experiência de trabalhar na rede estadual mostrou-me uma realidade que eu já tinha esquecido. Na posição de docente, me vi do outro lado. Porém, estava tão preocupada em passar o máximo de conteúdos que eu pudesse que deixei de lado o aluno. Como consequência, ocorreram várias reprovações. E eu atrelava a culpa à própria disciplina, aos conteúdos, menos à minha forma de conduzir o processo.

Conseguia manter um diálogo com os alunos, mas sentia que o processo estava com falhas. Quando um aluno me dizia que gostava de mim, mas não gostava da minha disciplina, eu entendia que ainda não tinha conseguido desenvolver uma mediação, alguma metodologia que motivasse meu aluno a se aproximar da Física. Foi como o dilema do Shifu para ensinar *kung fu* para o Po, não poderia ser igual ao treinamento dos outros, até que descobriu o potencial de luta de Po motivado pela comida. Era esse elemento que faltava, a “comida”.

Então, no ano de 2010, fiz o concurso para docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM campus Manaus Centro, no qual fui aprovada. Entretanto, só fui chamada em 2012, quando decidi “abrir mão” da minha vaga na capital para ser lotada no IFAM campus Maués, onde atuei durante mais de sete anos.

Foi uma escolha, e tenho que dizer que foi a melhor escolha que fiz naquele momento. Esses mais de sete anos mudaram minha vida em diferentes segmentos, principalmente no profissional.

A experiência de sair de casa, morar sozinha em uma cidade totalmente desconhecida para mim, sem nenhum contato conhecido, ficar longe da minha família, dos meus amigos de infância, da minha rotina, tudo foi um desafio, um bom desafio. No início, a saudade era grande, principalmente da minha mãe, mas eu podia conversar com ela todos os dias, se a conexão telefônica permitisse, é claro. Problema comum na maioria dos interiores do Amazonas. E, quando possível, poderia pegar um barco e passar o fim de semana com a família.

Viajar de barco foi uma experiência que me mudou durante esses anos. A princípio, era algo exaustivo, incômodo, perigoso, cada situação “só Jesus!”, além de reclamar da sopa. Essa forma de pensar estava conectada à vontade de voltar para casa. Queria algo rápido, imediato, as quase 24 horas de viagem pareciam nunca ter fim. Percebo que sempre categorizei esse momento como algo maçante, negativo e me esqueci de olhar para os aspectos relevantes daqueles momentos. Apreciar a paisagem em diferentes épocas do ano, conhecer em qual barco eu iria saborear a melhor sopa, conhecer pessoas e suas histórias singulares só passaram a fazer parte da minha percepção tempos depois.

As viagens de barco possuem uma grande importância na minha vida, porque foi durante uma viagem de barco que eu conheci, naquele momento, meu futuro marido. Também professor do instituto e, assim como a maioria do corpo docente, não tinha vínculos familiares na cidade de Maués. Então, os deslocamentos para Manaus eram frequentes.

Um novo ambiente, uma nova escola, um novo público. Viver em Maués foi com certeza uma das experiências mais ricas que Deus me proporcionou. Foi em Maués que eu pude exercer minha profissão com mais liberdade, tentar coisas novas e crescer como

pessoa. Imagino que foi semelhante à experiência de Po ao se mudar para o Palácio de Jade, novas dinâmicas, novos companheiros de luta e fazendo o que gostava, lutar *kung fu*.

Verifiquei um público discente muito receptivo. Trabalhei com o ensino médio, o qual tinha maior familiaridade. Tive a oportunidade de lecionar para o público adulto, nas modalidades Subsequentes e no PROEJA. Com esses alunos percebi que conhecimento, por si só, não é suficiente. As necessidades e dificuldades apresentadas são distintas do público mais jovem do ensino médio. As realidades desses alunos me fizeram enxergar o quão rasa estava minha prática como professora. Para mim, o importante era o conteúdo, o domínio matemático e a interpretação dos fenômenos físicos. Grande engano.

Os alunos chegavam cansados de um dia todo de trabalho pesado, braçal e alguns ainda com fome. As mãos sujas de tinta, graxa, cimento e eu querendo demonstrar o Teorema da Energia Cinética. Foi então que eu decidi colocar meu rigoroso plano de ensino de lado e me coloquei na função de ouvinte. Ouvir os alunos, encorajá-los a falar, porque muitos têm receio em se manifestar, assim como eu tinha. Refazer o planejamento, torná-lo mais flexível, observar o que está sendo produzido, pouco para alguns, pois todo o ementário não foi cumprido. Porém, houve um avanço, muito mais meu como docente, do que dos alunos.

A prática do desapego às minhas crenças sobre o que é importante trabalhar em sala de aula é algo que ainda hoje exercito. É um processo no qual estou inserida e pretendo continuar experienciando. De acordo com o Mestre Shifu, “se você só fizer o que sabe, não vai ser nada além do que já é” (KUNG FU PANDA, 2008).

Além do trabalho em sala de aula, desde 2014 participo das Olimpíadas Brasileiras de Física para as Escolas Públicas (OBFEP), a Olimpíada Brasileira de Física (OBF) e da Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica (OBA) e mais recentemente, com a Mostra Brasileira de Lançamento de foguetes (MOBFOG) onde tenho uma grande satisfação em colaborar nessa dinâmica de divulgação científica e mais especificamente no ensino de Física. É bonito ver a dedicação dos discentes e a expectativa criada em poder participar de um evento nacional. Para um aluno do interior do Amazonas, é um acontecimento ímpar, motivo de orgulho tanto para ele quanto para a família.

Outro episódio de grande impacto na minha vida profissional foi o ingresso na Pós-Graduação. Em 2016 fui aprovada no processo de seleção de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIM) pela Universidade Federal do Amazonas. Uma conquista, o sonho de ingressar no mestrado estava se realizando, o sentimento foi de euforia e logo o de ansiedade sobre como seria aquele momento.

O mestrado foi um divisor de águas na minha profissão. A docência ganhou um novo significado. A cada disciplina, cada professor me deixava com mais certezas de que eu precisava mudar hábitos que eu havia adquirido em sala de aula. Esse período

não foi apenas para aquisição de um título, mas me mostrou a necessidade de exercer minha profissão, com uma qualidade superior, o que significava parar de supervalorizar os conteúdos e as genialidades como Newton ou Einstein, sem mostrar todo o contexto e produção coletiva desenvolvido antes e depois deles.

Conheci professores que me direcionaram durante a pesquisa, que mostraram possibilidades que, eu sozinha, não conseguiria perceber. Isso inclui meu orientador, o Prof. Dr. Yuri Expósito Nicot. Meus colegas foram parceiros, quando eu mais precisei, eles não me abandonaram, pelo contrário, sempre solidários. Meu mestrado foi de aprendizado, mas para isso uma mudança de postura foi necessária.

Quando retornei para meu ambiente de trabalho, na cidade de Maués no ano de 2018, eu estava semelhante ao período em que iniciei minha carreira, cheia de ideias e querendo explorar alternativas metodológicas que eu havia estudado. Nas palavras do Mestre Shifu, “eu não tenho que lhe transformar em mim, eu só tenho que lhe transformar em você mesmo” (KUNG FU PANDA, 2008). E foi o que eu fiz, tive a oportunidade de trabalhar e observar que a dinâmica das aulas havia mudado.

Ser professora é o que me faz feliz profissionalmente, é o que eu quero fazer e é por isso que eu quero melhorar a cada dia. É no exercício da profissão que eu vou construindo memórias, relações e colocando metas. Eu aprendo com meus alunos e eles aprendem comigo.

Eu vibro de felicidade quando vejo o crescimento e as conquistas de cada um, de alguma forma, eu faço parte desse sucesso. Não para me vangloriar, pois eu sei que a minha geração está passando e o futuro pertence aos nossos alunos, eles conduzirão os próximos processos. Nas palavras de Freire (1996, p. 25), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

Redirecionar minha prática para o aluno foi uma transformação que, até hoje, estou aprimorando a cada ano letivo que inicia. Aprendendo com os erros e observando os acertos, o processo de trocas de experiências com os meus pares foram e continuam sendo essenciais para melhorar a Professora Elize.

Hoje continuo lecionando no Instituto, não mais em Maués, agora em Manaus, desde 2020. E os desafios continuam. Ao ser incluída nesse corpo docente fui agraciada com colegas que desde o primeiro momento foram muito receptivos, respeitosos e amigáveis. Se dispoño a me ajudar no que fosse necessário, me senti acolhida e um sentimento de alívio e felicidade predominou.

Retornar a lecionar na capital me trouxe lembranças boas e ruins, mas, principalmente, trouxe uma nova fase.

O público ficou mais diversificado, podendo atuar no Ensino Médio Técnico, Subsequente, Superior e Superior na modalidade EAD. Por isso, continuar estudando é um caminho necessário na trajetória docente.

Portanto, ingressar em um Programa de Pós-graduação em nível de doutorado seria mais um desafio para crescer profissionalmente e caminhar para me tornar uma pessoa melhor.

É assim que eu entendo, se apropriar de conhecimento só faz sentido se for para uma mudança, primeiramente, interna, pessoal, “paz interior”, para depois influenciar os outros. Para mim, o conhecimento deve gerar “bons pensamentos, boas palavras, boas ações” (Bohemian Rhapsody, 2018).

Hoje, como aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico (PPGET) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, minhas responsabilidades aumentaram. Já na primeira disciplina consegui perceber o quanto eu ainda tenho que aprender, aprimorar e me apropriar de diversas leituras. Agora, com a segunda disciplina, fui desafiada a escrever esta carta e o processo tem sido particularmente libertador.

Escrever esta carta me fez refletir tantos episódios que me acometeram, trouxeram à memória tantas pessoas que passaram pela minha vida e foram fundamentais na minha formação. Muitas delas nem fazem ideia do quão importante foram para mim. Vem, nesse momento, um sentimento de gratidão e até de arrependimento por eu não ter dito diretamente um “muito obrigada” quando tive a oportunidade. É como afirma Negrão em relação à autoria de si, gera “resultados fantásticos de autoconhecimento, planejamento da própria vida e empoderamento” (Negrão, 2022, p. 2).

Refletindo sobre o que foi escrito, percebo que as minhas ações devem sempre projetar, seja em sala de aula ou nas pessoas ao meu redor, a humildade. Ciente de que eu tenho um longo caminho não linear que está sujeito a erros, acertos e mais erros. Finito e insignificante, se comparado à grandiosidade do Universo, mas que em meu ambiente de trabalho pode trazer bons pensamentos e bons sentimentos, boas palavras e reflexões, boas ações e boas atitudes.

Respondendo à questão: Quem é a professora Elize? Com certeza, não sou o Dragão Guerreiro e não preciso ser! Mas a professora Elize é uma professora que adora assistir animes, ler revista em quadrinhos, assistir séries e filmes de super-heróis. Acredita que encontrou o amor da sua vida durante uma viagem de barco. A professora Elize é fascinada pela ciência, particularmente, pela Física, mas está longe de compreender, em sua totalidade, o Universo. E isso é algo bom, pois sempre há mais para investigar, mais para perguntar, mais para aprender. É assim que eu me vejo, como um sistema complexo e dinâmico, constituído de sentimentos, experiências e vivências. Uma eterna aprendiz.

Agradeço a leitura da minha carta e me despeço com a expectativa de ter contribuído com você de alguma forma.

Um abraço,

Elize.

Skadoosh!

REFERÊNCIAS

BOHEMIAN RHAPSODY; Direção: Bryan Singer. Produção: 20th Century Fox. Reino Unido e Estados Unidos: 20th Century Fox, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KUNG FU PANDA; Direção: Mark Osborne e John Stevenson. Produção: Dream Works Animation. Estados Unidos: Paramount, 2008.

NEGRÃO, F. C. A constituição do sentir-se professor e a inteireza de si: tecituras (auto) biográficas. *In*: GONZAGA, A. M.; PONCIANO, N. P. **Conversando sobre formação de professores**: experiências biográficas como territórios de práticas pedagógicas. Manaus: Biblioteca do IFAM, 2022. p. 35-51.

CAPÍTULO 4

SEMENTE DE SI

Semeando pesquisa e florescendo o saber

Ercilene do Nascimento Silva de Oliveira

Caro leitor, inicio minha narrativa com uma questão: uma pessoa pode ser semente de si? Na inquietude de um existir em construção, lanço-me como grão no fértil solo da Ciência projetando mudança, transform(ação). Filha da Amazônia, amante da natureza, percorro os versos do poema “*A planta sabe*”, do poeta e escritor Celdo Braga¹, para entrelaçar minha narrativa, tecendo como Ariadne² a trajetória em busca da luz do saber nesse labirinto de opções no itinerário de uma pesquisadora em construção. Sigo no meu professorar, na trilha da Educação Ambiental, dos espaços formativos naturais e do olhar inquieto de quem descobre o mundo do ensino no tempo e no espaço da virtualidade com suas infinitas possibilidades.

Aqui estou para descrever, narrar e prescrever meu propósito de ser professora-pesquisadora. Na escala de uma vida inteira, como nos descortina Ricoeur (1991), a identidade se faz nessa ação curta do tempo, na qual decidi conectar um fragmento de vida para contar a história entrecruzada com versos do poeta e o construto da mitologia. Essa sou eu. Uma comunicóloga, pedagoga, mestre em Educação e doutoranda em Ensino Tecnológico. Sou semente a germinar.

Em silêncio a planta sabe,
desde o tempo de semente,
buscar a água na vertente
da dura entranha do chão.
(Celdo Braga, 2012)

Antes de tudo, perfaz-se o “*tempo de semente*”. O percurso escolhido para esse relato inicia em 2018, no entanto convém esclarecer que tive vivências na docência no âmbito do ensino técnico em radiodifusão quando, em meados da década de 1990, conciliei o exercício profissional de comunicadora com a docência na condição de professora convidada de um curso técnico da Fundação Rede Amazônica, onde colaborei com a formação de muitos estudantes nas áreas de rádio e TV.

Voltando ao meu caminhar como professora-pesquisadora, de fato ele se efetiva em agosto de 2018, ainda como aluna especial, almejando o tão sonhado mestrado. Na busca do saber, o grão encontrou a água. A água aqui tem nome: “Augusto Fachín-Terán” o professor Biólogo, amante da natureza, o primeiro orientador. Sim, gente pode ser água, e ajudar a traçar, com suavidade líquida, a dureza de um caminhar de quem tem ânsia pelo saber e muita terra dura em seu percurso formativo. Percebo agora o quanto as experiências são importantes na tecitura de nosso saber. São esses momentos que nos passam e nos transformam em pessoas diferentes. Larrosa (2002) nos revela bem isso ao descrever que aprendemos pela experiência e ela se faz em escuta, no olhar, no pensar e no sentir. Um integra o outro nesse movimento de completude do ser.

¹ Poema “*A planta sabe*” de Celdo Braga. Disponível em: <https://versosecores.wordpress.com/2012/01/26/145/>. Acesso em: 03 mai. 2022

² A versão adotada para o mito grego do Fio de Ariadne está disponível em: <https://vidaemfio.com.br/mito-grego-o-fio-de-ariadne/>. Acesso em: 03 mai. 2022.

Certamente, nessa relação estudante-professor, na qual vivenciei a experiência de aprender com o professor Terán, fui novelo no urdir desse labirinto nos percursos formativos das inquietudes, descobertas, dúvidas, angústias, partidas, choros, recomeços e alegrias, porque semente é vida, e ela brota com decisões exclusivas de quem tem um sonho, um propósito: ser professora-pesquisadora. Nesse movimento de relações, criamos nossas narrativas em um roteiro que Josso (2007) chama de “vivências transformadoras”, pois envolvem atitudes, comportamentos e pensamentos que nos mudam de forma significativa.

“*A felicidade inicia dentro de você*”, assim disse-me um dia meu ex-orientador, professor Terán. Sou semente, sim. Mas alguém semeou. Acreditou que aquele bago pequeno poderia crescer. Jogou água no tempo certo e deixou a natureza agir. Na temporalidade do ciclo, o ano era 2019. Como sou ser espacial, tenho no mundo amazônico dos ambientes não formais o meu lugar de fala a configurar o meu fazer docente. Nesse itinerário relato que fiz ao lado desse professor, que foi referência para mim, tendo a certeza de que o acaso, como nos diz Ricoeur (1991), transmuta e se torna destino com a história sendo narrada a partir do meu modo de ver esse fragmento de tempo.

Se fosse responder a essa carta, Josso (2007) talvez me falasse que o trabalho de refletir a partir de narrativas, colabora para minha formação, pois me permite pensar, sentir, imaginar, emocionar, apreciar e amar. É a medida de mutação de uma vida singular que se sobrepõe aos contextos profissionais e sociais (Ricoeur, 1991). As minhas vivências movem-se no ir e vir como mestre em Educação e doutoranda em Ensino Tecnológico.

Sou um ser, faço história e experencio os efeitos dessa rota. Sou corpo descrito pela Ciência, mas sou consciência cognitiva pura, encarnada em um corpo, como bem nos descreve Merleau-Ponty (2018), ao falar sobre nossa percepção e como ela nos guia em direção a uma verdade traçada em vivências e emoções. Afinal, somos temporais, como as plantas, nascemos, crescemos, vivemos e morremos, ou não, depende de que semente deixamos no solo por onde passamos.

Conhece a força do inverno,
sabe o calor do verão:
entende o poder dos ventos,
temporal ou furacão.
(Celso Braga, 2012)

Temporal ou furacão? Para você o que foi a Pandemia da Covid-19? Para mim foi um turbilhão de emoções. Tinha dois anos para viver intensamente as experiências de um mestrado. No entanto, o tempo encurtou e o espetáculo mudou. 2019 foi produtivo. Resiliência foi a palavra a guiar meus passos. A semente regada, cresceu com a força do vento. Avançou em pontos de turbulência e soube recuar em momentos decisivos. Assim aportei em 2020 cheia de projetos.

Na tempestade pandêmica, conheci o virtual por necessidade. O percurso híbrido entrou no universo da pesquisa e ressignificou o caminho. No virtual, aprendi que emoções podem ser tão reais quanto o tocar no presencial (Levy, 1993). A pesquisa me mostrou ser possível navegar na virtualidade de um museu natural sem sair da sala de aula, sem sair de casa. As mudanças tecnológicas promoveram alterações no espaço e no tempo de todos os envolvidos na pesquisa, estava ali tão próxima a percepção dos livros de filósofo francês (Merleau-Ponty, 2018).

Contudo, na força do vento, na avassaladora e mortal realidade, perdi para o vírus o amigo, o orientador, o pai de pesquisa. Temporal ou furacão? Para mim, os dois e um pouco mais. Foi na dor de perder que reencontrei o caminho da pesquisa. E na dor, aprendi com Larrosa (2002) que as lições da experiência também são feitas no sofrimento, nesse movimento de desventura, mudei, entrei em transform(ação).

Sabe construir na luz,
com singela maestria,
a concentrada energia
para o destino cumprir.
(Celso Braga, 2012)

Se a planta tem na luz uma nascente de vida, busquei na claridade do conhecimento a fonte da força para superar a morte. Sou semente, lembra? Alguém plantou. Semear é ver crescer. Avançar tem um sentido. O professor Terán falava muito sobre isso. Para ele, crescer na ciência era andar em parceria. Em um vídeo no Youtube, ele perpetuou essa lição:

A gente tem que semear todos os dias boas sementes, e cuidar que germinem. Caminhar é fazer parcerias. Compartilhar. Trocar ideias. Essa pessoa faz parte da história da nossa vida. Muitos de vocês deixaram sua pegada em nosso caminhar. A vida é uma constante ajuda. Um constante companheirismo. Não tem melhor coisa do que estimular a cooperação (Fachín-Terán, 2021).

A parceria foi minha base com meu professor-referência. Quem verdadeiramente conviveu com ele sabe o sentido disso. Entende o significado da expressão “caminhar junto” e percebe em que momento a sua pegada estabeleceu sinergia com a dele nas trilhas dos espaços não formais, e de todos os ambientes onde havia uma aula dialogada usando um elemento da fauna e flora da Amazônia, facilitando o ensino e o processo de pesquisa.

Se escrevesse uma carta à Smith (2017), certamente ela me responderia dizendo que a essência de vida passa por pilares. O primeiro deles é o sentimento de pertencer, cuja derivação maior vem do amor: “*quando se conduz com amor, cria-se laços que elevam todos os Inter convenientes*”. Em nome desse sentimento, emergiu naturalmente o segundo pilar: o propósito. A chave para cumprir o destino e mover adiante foi ser professora-pesquisadora.

Ir além de si próprio, transcender é esquecer o “eu” e pensar no “nós”, ajudar alguém. Esse é o terceiro pilar descrito por Smith (2017). Nessa relação dialógica entre pares, a educação se faz presente também na comunicação, na problematização, de onde aflora a semente freiriana (Freire, 2019) com as vivências se consolidando no refletir e no agir.

Contar histórias, a história de nós mesmos. Chego então ao quarto pilar (Smith, 2017), no qual em narrativas percebemos que somos autores e podemos mudar o curso do que contamos. Afinal, a nossa vida é uma lista de acontecimentos que podemos alterar, interpretar e recriar. E com a maestria de quem conduz a própria vida, na batuta de um novo acorde, a planta, que foi semente, cresceu.

Sabe o grande desafio
de crescer, frutificar,
repartir sua existência
com quem dela precisar.
(Celso Braga, 2012)

A Ciência se faz com parcerias e partilhas. O grande desafio, diz o poeta, é “*crescer, frutificar, repartir sua existência*”. A gente aprende agregando, cedendo, ensinando, estudando, vivendo. Meu semear na pesquisa é feito de partilha, da troca de experiências, da parceria. Somos movidos por afetividade, nos diz Morin (2000), mas até que ponto na percepção das emoções de nossas pesquisas não somos levados ao erro? Nesses momentos de cegueira do saber e do egocentrismo que as parcerias são bem-vindas. Elas são freios morais, se bem usadas.



Fonte: Arquivos pessoais

Nas vivências como professora-pesquisadora, tive profícuas parcerias e aprendi, com Morin (2000) que a complexidade humana não pode ser dissociada dos elementos constitutivos dela. A participação comunitária e os sentimentos pertencem à espécie humana. “Somos a um só tempo seres cósmicos e terrestres” (Morin, 2000). Nas fotos, momentos singulares nas investigações científicas, nas hipóteses do ensino de Ciências, nas testagens de práticas possíveis de aplicar na Educação Básica. Partilha de existência com o diverso que em projetos, se torna uno.

Sabe ser colo e abrigo
de quem voa ou quem caminha,
de quem rasteja ou se aninha
no pé de sua morada.
(Celso Braga, 2012)

O rastejar do poeta traz o sentido do caminhar mais lento, de quem precisa de colo. A planta surge pequena e, para crescer e ficar frondosa, além do tempo, requer cuidados. Ensinar é um ato de atenção, de dedicação, de empenho em prol do outro. Do diversificar para multiplicar saberes.

Nessa vida de semente, compreendi em Moraes (2000) que a Ciência se explica na relação com a natureza, e a vida faz parte disso. Nesse processo, posso dizer que ensinamos e aprendemos por meio de experiências e interações com as pessoas e nosso conhecimento emerge por meio das nossas realizações em todo esse processo. Então, negar ajuda é dizer não ao colo, ao caminhar junto.

A Ciência olha para o passado, mas projeta o futuro. Dar colo não significa acomodar, deixar de acreditar em uma educação mais justa, com indivíduos capazes de olhar para si e pensar em um ser criador, gestor da própria vida e da pluralidade. E nesse mundo global, na dita “sociedade do conhecimento”, somos eternos aprendentes.

Sabe sofrer em silêncio
com os duros golpes do machado,
quando a mão desavisada.
ignora o seu passado.
(Celso Braga, 2012)

Não sei viver no silêncio. Comecei na Comunicação, escolhi a Educação para ressignificar o meu ser. Dialogar é meu verbo. Descobri nas vivências de Freire (2019) que o diálogo é o nosso encontro no mundo.

Em Demo (2010), vi que Ciência se questiona por que ela surge da inquietude do pesquisador e se mantém científica nesse exercício educativo de conjugar método e cidadania. Mas não posso esquecer: sou semente, sou planta, não posso deixar um pedaço de mim no caminho. Meu professorar é constituído de saberes que eu vivi. O meu conhecimento é do tamanho do mundo construído em livros, em amizades e de tudo que chamamos de vida.

Ao tombar desfalecida,
sabe que vou renascer
na semente prometida
de um novo amanhecer.
(Celso Braga, 2012)

No tempo histórico compreendido entre 2018 e 2022, vão-se quatro anos. Pouco tempo para aflorar uma árvore gigante. As emergentes levam centenas de anos para ocupar o dossel da floresta e reinar majestosas. Árvores morrem? Algumas não, ao contrário, elas persistem por centenas de anos. Se fossem pessoas a permanecer vivas tanto tempo, poderíamos dizer que elas protagonizariam momentos históricos mundiais diversos, como guerras e o nascer de um novo milênio no qual a sustentabilidade é o fio condutor de temáticas globais.

Então, conduzindo aquela semente de 2018 e olhando o seu germinar, percebo que ela quase tombou. Vírus mata árvore? Sim, mata. E pessoas também. Mas não desfaz sonhos. Ao contrário, pode fortalecer. Lembra do fio de Ariadne? Aquele que conduziu meu labirinto pessoal na busca do fazer docente na pesquisa científica? O novelo permeou os caminhos tortuosos e trouxe à luz de um novo amanhecer. Hodierno é o olhar de quem inicia nova semente: a de se fazer professora-pesquisadora no doutorado em Ensino Tecnológico.

Em Demo (2010), vi que não podemos ser nem neutros, nem objetivos demais, afinal, somos pessoas envoltas em conglomerados de “razão e sentimentos, cultura e preconceitos, linguagem e emoções, passados e memórias”. Nesse novo amanhecer, o olhar é voltado ao virtual e as perspectivas de perceber a natureza com oportunidades de ensinar a partir de experiências mediadas pelo tecnológico e digital.

Por fim, deixo o poeta e a mitologia, para concluir minha narrativa com a sapiência de um estudioso que em seus cem anos de vida, ainda fala do inesperado. Morin (2000), ao narrar diversos fatos históricos, nos dá a certeza de que na história o inesperado vai acontecer de novo, e de novo. Por isso, é preciso viver na incerteza. É preciso ter a coragem da semente para vencer as intempéries do tempo, se tornar planta e depois uma árvore centenária.

Morin (2000) é sábio demais, e como lição final, empresto suas palavras para conduzir o meu caminhar daqui por diante: “Precisamos viver em pequenos oásis de vida e de fraternidade”. Que assim seja!

REFERÊNCIAS

DEMO, P. **Educação e Alfabetização Científica**. Campinas, SP; Papyrus, 2010.

FACHÍN-TERÁN, A. **As parcerias no percurso do professor**. Youtube, 10 fev. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M0mcvVikZsQ&list=PL81cpM_RIH5k-9t7b_T9ac5xQc_KDVewdW&index=3&t=3s. Acesso em 05 jun. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 67 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Revista Educação**. Porto Alegre, n. 3, v. 63, p.413-438, 2007.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto R. de Moura. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

RICOEUR, P. **O si-mesmo como um outro**. Tradução de Luci Moreira Cesar. Campinas: Papirus, 1991.

SMITH, E. E. **A Vida é mais do que ser feliz**. TED Ideas worth spreading, (Online), 2017. Disponível em: https://www.ted.com/talks/emily_esfahani_smith_there_s_more_to_life_than_being_happy?language=pt. Acesso em: 03 mai. 2022.

CAPÍTULO 5

LAMPEJOS DE UM PROFESSOR-PESQUISADOR EM FORMAÇÃO

Felipe da Costa Negrão

IMPRESSÕES SOBRE O CONTAR DE SI

Não saber para quem escrevo traz consigo um conforto desconfortável. É confortável por não enviar o conteúdo da narrativa ou a constante procura pelo sim sobre si no outro. Ao mesmo tempo, torna-se desconfortável quando, sem saber quem estará do outro lado, exponho narrativas pessoais que hoje dialogam apenas comigo, mas que certamente ganharão vida em outras pessoas no futuro.

Nesse sentido, contar sobre si mesmo é realmente um grande desafio... Não se trata, portanto, de remoer o passado, mas principalmente de atribuir novos significados ao presente e ao futuro através de uma “reflexão retrospectiva”, uma vez que cada episódio incorpora “referências coletivas” que se relacionam com a experiência vivida (Josso, 2016).

A liberdade proporcionada ao contar sobre si mesmo é uma grande conquista que gostaria de compartilhar neste texto. Durante muito tempo, os princípios do positivismo fizeram parte do meu contexto de pesquisa, muito disso, em virtude da própria formação acadêmica que defendia o distanciamento do objeto e tantos outros meios de composição da pesquisa universal. No entanto, atualmente me permito trocar algumas abordagens e adotar outras ferramentas que devolvem o protagonismo ao ser humano em sua totalidade, contrapondo as abstrações e desumanizações frequentemente propostas pelo cientificismo positivista.

A vivência antecede a experiência, sendo esta algo que nos marca, nos transforma e nos faz tremer (Larrosa, 2002). Uma experiência nos encanta, nos faz vibrar e nos impulsiona a contar. É por isso que toda narrativa é resultado de uma experiência vivida... assim, narrativa e experiência estão entrelaçadas na “dialética do tempo” (Pereira; Silva; Hobold, 2021).

Mesmo sem perceber, estamos imersos em um ambiente de biografização, ou seja, inscrevemos nossas experiências em estruturas temporais que organizam nossas ações e comportamentos, com base em uma lógica de “configuração narrativa” (Delory-Momberger, 2016). Em suma, o exercício de contar de si abre espaço para a expressão autêntica de nossa subjetividade e contribui para a construção de significados compartilhados. Por meio das narrativas, exploramos a complexidade das experiências humanas, conectamo-nos com os outros e construímos nossa identidade.

CARTA DE UM JOVEM PROFESSOR-PESQUISADOR

O que compreendo como uma carta? Minhas memórias acessam um passado em que a correspondência via Correio era um caminho bem comum... Lembro-me de enviar cartas a rádio... esperando ser sorteado para conhecer alguma celebridade da música que passava pela cidade, mas isso nunca aconteceu.

O que contar em uma carta? Quantas linhas preenchem o limite do meu narrado? Qual tipo de letra devo adotar? O que devo narrar? Quando começar a redigir a carta? Essas foram algumas inquietações que me passaram ao pensar nessa atividade de contar-se e acho importante dividir com você aí do outro lado.

A narrativa desta carta encontra sua essência na perspectiva do professor-pesquisador. No entanto, até ontem, eu me questionava se realmente havia encontrado clareza nessa discussão. Preciso confessar que ao longo dessas semanas, muitas concepções que haviam sido consolidadas por muito tempo foram abaladas. Hoje, sinto-me mais preparado para refletir sobre esse tema, mesmo que essas reflexões (in)tensas tenham limitado um pouco a minha capacidade de expressão. Foi necessário um exercício profundo de reflexão sobre o que li, ouvi e vivenciei para finalmente reunir coragem e tecer minhas memórias com base nas experiências, vivências e sentimentos que moldam quem sou hoje.

Ao refletir sobre o papel do professor-pesquisador, sou levado de volta à minha formação inicial em Pedagogia. Não me recordo de ter considerado esse conceito em nenhum outro momento, exceto quando fui apresentado a Paulo Freire e Pedro Demo durante minha graduação. Ao escrever isso hoje, percebo que nunca parei para pensar, ao longo de toda a minha trajetória na educação básica, que meus professores também precisavam ser pesquisadores. Isso se deve, em grande parte, à convicção positivista de que o professor está pronto, completo e detém todo o conhecimento.

Quem nunca teve essa impressão, não é mesmo? E pior, quem nunca reproduziu o estereótipo de que o professor tem todas as respostas e sabe de tudo? Minhas memórias me permitem afirmar que os maiores modelos de docência nesse período, para mim, eram aqueles que pareciam ter um conhecimento completo de tudo. *“Nossa, como o professor X é inteligente”*, eu diria ao ouvi-lo falar por horas sobre um determinado assunto... Onde estava a noção de que somos seres inacabados? Será que a escola nos permite refletir sobre nossa própria incompletude? Ou estamos presos à ideia de que nossos cérebros em desenvolvimento precisam ser preenchidos com uma quantidade incontável de conteúdos para sermos considerados “alguém na vida”? Não cabe a mim responder a essas questões. Deixo para você refletir comigo, aí do outro lado.

Pois bem, ingressei no curso de Pedagogia com um leve desejo de me tornar professor universitário... Lembro-me de expressar essas palavras ainda no primeiro período, para uma professora de Ludicidade, durante o momento de apresentação de si no primeiro dia de aula. Você pode se perguntar... como ter certeza de querer ser algo que ainda está descobrindo o que é, por meio dos exemplos e da experiência com outros professores formadores? Não saberia responder, mas uma das poucas certezas que já começavam a se formar em meu pensamento era que lidar com o público infantil não era o meu ponto forte. Foi um palpite ousado! Como dizem, deixei nas mãos do destino. Afinal, eu não fazia ideia do caminho necessário para concretizar esse desejo.

Dito isso, você aí do outro lado já pode ter uma breve noção do meu lugar de fala, mas quero revisitar com você outros momentos do meu percurso formativo antes de chegar ao cenário profissional da docência universitária.

Brinco de ser professor desde pequeno, mas cheguei ao curso de Pedagogia sem grandes conhecimentos sobre a profissão, motivado por uma breve conversa com um amigo... Eu que já estava matriculado no curso de administração, vislumbrei a possibilidade de seguir a carreira docente. Com a matrícula feita, fui surpreendido pelas críticas da família, que considerou minha escolha profissional como a pior possível, especialmente quando o foco estava nas cifras do holerite.

Minha trajetória no curso não é linear, acredito que isso aconteça com todos nós... mas sempre temos a expectativa de que seja linear, ou estou enganado? Durante esses anos de formação, fui envolvido por conflitos identitários... Pausa! Preciso te confessar mais uma coisa... antes de mencionar os conflitos identitários, eu comecei a escrever aqui “conflitos pessoais, espirituais e profissionais”, cada um em sua própria esfera, mas então percebi a presença de todas essas dimensões em mim e a importância de não me fragmentar. Afinal, eu sou tudo isso. Por isso, retomei a ideia dos conflitos identitários, pois ali residiam muitas dúvidas, inquietações, decepções, e tudo isso afetava diretamente a minha totalidade. Somos seres únicos, não é mesmo?

A falta de linearidade em minha trajetória acadêmica me levou a encontrar uma professora que olhou para mim com uma perspectiva diferente. Permita-me contextualizar: no quinto período do curso, ainda lidando com crises de identidade, e aqui devo mencionar a vertente da identidade sexual, pois o reconhecimento de minha própria orientação sexual causou um grande impacto interno. Mas voltemos à narrativa... em um momento em que meu compromisso com os estudos parecia ter diminuído, encontrei no meu percurso formativo a professora Mônica. Ou melhor, acredito que tenha sido encontrado por ela.

Durante uma atividade da disciplina de ensino de Ciências, a professora Mônica, com uma expressão de decepção, disse ao meu grupo que precisávamos levar nossa formação mais a sério e que tínhamos potencial. Ser visto é de extrema importância, e isso me constrange até hoje, no sentido de assumir a responsabilidade por tudo o que digo ou deixo de dizer aos meus alunos. Nossas palavras precisam ser cuidadosamente escolhidas e valorizadas. Foi através desse “puxão de orelha” pedagógico, como gosto de chamar essa situação, que recuperei meu entusiasmo pela docência, pelo curso e até mesmo por mim mesmo... No final da disciplina, a professora presenteou com um livro os alunos que se destacaram em seus grupos, e para minha surpresa... fui um dos escolhidos. Esse episódio marcou minha intensa busca por me tornar um professor-pesquisador, especialmente porque foi nessa disciplina que tive contato com esse conceito.

Ao longo do meu processo formativo, encontrei em Paulo Freire (2019, p. 30) a premissa de que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. Isso significa que a dúvida vem antes do conhecimento, e que ao adquirir conhecimento, sinto a necessidade de compartilhá-lo com os outros. Nessa troca, garantimos que a “curiosidade epistemológica” nos impulsiona a alcançar novos níveis de ser e estar no mundo.

Outro encontro teórico significativo ocorreu com Pedro Demo (1996). Lembro-me de ouvir muito o seu nome durante a graduação. Uma outra professora costumava dizer “é preciso pesquisar... é preciso publicar...”, mas será que isso era o suficiente? Mais uma vez, sinto vontade de fazer uma pausa para refletir com você que está lendo... Quando contava a história da professora que enfatizava mais a necessidade de publicar do que o próprio conteúdo da disciplina, eu sempre procurava justificar a importância desse caminho... Mas onde eu iria publicar? Como? Por quê? E o que eu iria publicar? Assim, eu me tornava refém do modelo... da receita pronta... do caminho já traçado... A falta de respostas para essas perguntas me fez buscar por elas... Hoje, vejo dessa forma. No entanto, muitas vezes, quando compartilhei esse episódio, coloquei a responsabilidade na professora, argumentando que ela poderia ter sido mais clara... É aquela velha concepção de que queremos o peixe pronto, em vez de aprendermos a pescar.

Dito isso, peço licença para dar um salto no tempo, e assim chego ao final do curso com a defesa pública do temido Trabalho de Conclusão de Curso. O medo residia na fala, pois sempre fui mais inclinado a escrever... O trabalho estava pronto e validado pelas duas orientadoras, mas o receio de me comunicar era real... Ainda não mencionei, mas a timidez que faz parte da minha identidade muitas vezes me colocou em conflito comigo mesmo. Após vencer a defesa, fui encorajado por outra professora a submeter o artigo para uma revista. No entanto, ele não foi aceito. Mas em outro momento, já um pouco mais fortalecido pela validação externa, consegui submeter o texto a um evento científico na UFAM.

É importante ressaltar aqui que o curso de Pedagogia chegou ao fim... Agora, Felipe assinava como “graduado”, e foi assim que ocorreu sua primeira experiência de comunicação científica para um público maior... Essa era a visão que eu tinha de um professor-pesquisador... Um professor que participa ativamente de eventos, não apenas como espectador, como aquela professora mencionada anteriormente costumava falar. Mas será isso? Ser professor-pesquisador resume-se apenas a apresentar um trabalho em um evento? Podemos observar como as vivências e experiências nos (e)levam à consciência de nós mesmos e também nos encorajam a arriscar pequenas conceitualizações que permeiam nossa vida.

E assim comecei uma busca incessante por participação em eventos... Construindo minha identidade... Sentindo-me como um professor-pesquisador... Essa era minha resposta quando me questionavam sobre o motivo de transitar por diferentes instituições, muitas vezes carregando um banner no braço com a pesquisa a ser apresentada.

Vamos a outro salto? Segure a minha mão e vamos juntos para o ano de 2015..., mas, antes disso, preciso te confessar que não está sendo simples selecionar os episódios aqui contados... acho que você me entende... afinal, a autocensura grita aqui dentro, nos indicando a hora de parar, mesmo que outras vozes digam que ainda há muito o que contar. Pois bem, os próximos episódios já ilustram o eu professor universitário... o que era desejo de um calouro em início de curso, tornou-se realidade.

Com a experiência na docência universitária, começo a perceber que a constituição do professor-pesquisador se dá pelo desejo de querer ser um professor-pesquisador. É por meio do contato com a dinâmica da sala de aula e dos desafios apresentados pelo ambiente de aprendizagem que nos formamos como seres incompletos, em constante busca por novos conhecimentos para nos validar. E é nesse ponto que surge o confronto interno... A consciência do inacabado é positiva, mas no início pode ser desconfortável não saber... Isso me faz lembrar de um poema que escrevi nessa época, destacando certezas incertas e reflexões sobre os erros...

*Existe o lado bom de não saber
É prazeroso o dom de perguntar
Reconhecer o quão limitado sou
Em direção a excelência eu vou.*

*Se for preciso errar, errarei
Para melhorar o que me tornei.
Não é fracasso eu errar
É fracasso quando desisto de tentar.
(Errar – Felipe da Costa Negrão)*

Hoje, os escritos sobre “errar” atravessam meu pensamento e me remetem a Bachelard (1996, p. 18), que nos convida à reflexão de que “aquilo que cremos saber ofusca o que deveríamos saber”. Nesse contexto, surge a ideia dos “obstáculos epistemológicos”, os quais não se limitam à falta de conhecimento sobre algo, mas principalmente aos conhecimentos cristalizados que carecem de atualização e de novos olhares sobre a experiência vivida. Em outras palavras, a consciência do inacabado nos proporciona a oportunidade de conhecer mais sobre o mundo, e isso deve impulsionar nosso papel como educadores.

A docência universitária exigiu que eu me deparasse com múltiplos saberes, e a consciência do inacabado se tornou palpável quando recebi a listagem de disciplinas que lecionaria pela primeira vez... De um polo a outro... a “loucura” de gerenciar tantos planejamentos e aulas a serem ministradas para turmas lotadas em uma instituição privada em Manaus. Para ser mais enfático, lembro-me do sentimento de estar diante de uma classe com cento e vinte (120) estudantes de Pedagogia. Posso ouvir minha respiração ofegante e meu coração acelerado diante da experiência naquele momento. Expressar o primeiro

“boa noite, pessoal” não foi fácil, mas essas experiências que me fizeram tremer hoje dão sentido ao que reconheço como ser um professor-formador.

Ainda no contexto da docência universitária em uma instituição privada, recordo-me de me deparar novamente com as palavras de Pedro Demo (2011, p. 75). O livro em questão é esteticamente belo... brilhava na livraria e essa beleza me motivou a folhear algumas páginas antes de decidir levá-lo comigo. Logo na introdução, o autor nos diz que “passamos pela universidade não só para aprendermos a construir conhecimento metodologicamente adequado, mas também para, nesse mesmo processo, nos formarmos melhor”. Naquela época, eu estava longe de explorar o que hoje entendo como processo de (auto)formação, mas perceba o quanto essa frase, que me impactou lá atrás, me fez refletir e reconsiderar minha atuação profissional.

Ainda em diálogo com Pedro Demo, nesse mesmo livro, encontro uma premissa que permeia minha trajetória até os dias de hoje: a necessidade de o professor ser um autor. Demo (2011) nos leva a refletir sobre a situação em que muitas vezes o docente se encontra distante da pesquisa, como se a prática investigativa fosse uma tarefa apenas para aqueles envolvidos na academia. O autor chama a atenção para a contradição de dar aulas sem ter produção própria e destaca que “os docentes já tentam exigir que seus alunos pesquisem, mas, na prática, vivem uma situação hipócrita ao exigir dos alunos o que eles mesmos não fazem ou talvez nem sequer saibam fazer”. Foi a partir desse episódio de confronto comigo mesmo, com minha formação e com minhas crenças, que comecei a pensar sobre como incorporar essa experiência de leitura em minha prática.

Comecei a documentar minhas práticas pedagógicas, especialmente aquelas que ocorreram fora da universidade. Utilizei instrumentos como questionários e formulários no *Google Forms* para coletar evidências da participação dos estudantes. Lembro-me do texto intitulado “Os primeiros desafios e impactos de acadêmicos de pedagogia: uma vivência em sala de aula”, que escrevi em colaboração com uma professora-formadora para o Fórum de Estudos e Leituras de Paulo Freire da Região Norte, realizado na Universidade do Estado do Amazonas em 2016. O texto abordava a experiência dos estudantes de Pedagogia em sua primeira visita a uma escola e buscava refletir, com base na Pedagogia da Autonomia, sobre o papel do educador no processo de aprendizagem e ensino.

Paulo Freire acreditava que todo conhecimento é inacabado, ou seja, não estamos prontos! Dentro dessa corrente, é possível refletirmos a respeito de nossa prática enquanto educadores, visto que por muitas vezes acabamos induzindo nossos alunos à mera reprodução de conteúdos, pois foi assim que muitos de nós aprendemos. Mas será que não é hora de uma quebra de costumes? (Negrão; Castro, 2016, p. 1915).

O trecho em destaque problematiza a docência universitária, trazendo à tona um desconforto inspirado pela leitura de Paulo Freire. No entanto, é importante refletir sobre a tendência de reproduzir conteúdos predefinidos que nos rodeia. Somos constantemente

seduzidos por modelos, manuais, cartilhas e formatos que nos enquadram em perfis pré-estabelecidos, negando assim a valorização das singularidades dos estudantes. É por isso que a ação-reflexão-ação se torna uma ferramenta fundamental para uma avaliação contínua de nós mesmos como professores-pesquisadores.

Nesse momento de se reconhecer como professor-pesquisador, o mestrado em Educação em Ciências na Amazônia (UEA) trouxe novas perspectivas para a carreira científica. A jornada de me ver como pesquisador foi gradual, especialmente porque estava navegando em territórios desconhecidos. A Educação Matemática se tornou o objeto de estudo, alinhada com o estágio supervisionado para futuros professores de matemática. Durante esse período, enfrentei muitos desafios para superar a matemafobia que desenvolvi na infância, já que a disciplina sempre encabeçou a lista das mais odiadas por mim. Quanto a isso, devo te contar que a pesquisa é libertadora. Conforme tive acesso à literatura em Educação Matemática, percebi que o processo de ensino e aprendizagem dessa disciplina poderia ser diferente, muito diferente. E anos mais tarde, me tornei professor efetivo da disciplina de Conteúdo e Metodologia do Ensino de Matemática na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Pois bem, a minha trajetória na docência em universidade pública teve início no final do ano de 2019. Após passar pelas etapas do concurso público, assumi a carreira na disciplina mencionada anteriormente. Essa conquista representa um marco na minha vida, pois consolida o meu maior desejo profissional, que era trabalhar com adultos, especialmente na área de formação de professores.

O professor-pesquisador ressurgiu em um cenário diferente, onde a quantidade de alunos por turma é um primeiro diferencial positivo. Além disso, as orientações também se destacam, pois agora, em vez de dez, trabalho com no máximo três estudantes na iniciação científica. Isso me permite dedicar um tempo de qualidade para aprofundar reflexões e promover aprendizados mútuos.

No desafio de se manter professor-pesquisador, a pandemia da Covid-19 nos obrigou a adotar as tecnologias digitais como meio de garantir a continuidade do ensino por meio das telas. Em outro texto (auto)biográfico, retrato a minha primeira experiência com o ensino remoto emergencial na UFAM. Sem dúvidas, foi um momento em que cada professor foi colocado à prova pela própria vida. Na produção, enfatizo a importância de comunicar as nossas experiências, pois “falar sobre si pode ser um instrumento de formação e empoderamento para outros e para si mesmo” (Negrão, 2021, p. 99).

Por fim, percebo que abordar a ideia de professor-pesquisador envolve muitas nuances. Até o momento, esses foram os episódios que considero relevantes para ilustrar esse processo de se sentir como professor-pesquisador.

Abro uma “brecha” para relatar a experiência inicial no doutorado, um curso muito desejado por mim, especialmente pela possibilidade de adotar a escrita de si como meio avaliativo. O encontro com esse universo das narrativas é um exercício de delícias e dissabores, como costume dizer. Reconheço a beleza na arte de narrar, de contar sobre si, de mediar histórias de vida e de ouvir a voz de pessoas que nem sempre foram ouvidas. É a oportunidade de ser em toda a nossa integralidade, dialogando com saberes provenientes de diferentes fontes, cientes de que viver é uma jornada (Telles, 2013). Ser professor-pesquisador significa estar disposto a atravessar a si mesmo, explorar os motivos que nos tornam quem somos. É compreender a vida como um universo de possibilidades investigativas e, mais do que nunca, requer escuta, observação, silêncio e o olhar além das palavras. É buscar eternizar experiências permeadas por uma variedade de sentimentos, conscientes de que as palavras “professor-pesquisador” nos direcionam para a reflexão sobre os processos (auto)formativos que se entrelaçam em nossa intensa profissão.

Me despeço de você, agradecendo pela partilha e pela atenção dedicada a esta leitura. Tenho a certeza de que, ao ser acessado por você, terei novos episódios a recordar e novas histórias a contar, em um eterno ir e vir de diálogo consigo e com os outros chancelados pela escrita.

Escrever é brincar sério com as palavras.

É dizer tanto em poucas linhas.

É assegurar o direito de ser lido.

De ser visto e ouvido.

Quem escreve diz... e diz muito.

Diz tanto que há vezes em que é necessário o olhar atento

Para compreender o mundo traduzido em letras.

Escrever é libertar o grito da alma

Engasgada pela própria lida.

É reconhecer que as palavras podem acariciar e também bater.

É estar em constante contato com a filosofia da vida

Observando e transcrevendo em linhas o que se vê.

Escrever é ação silenciosa.

É perceber os dedos caminharem livremente ao encontro do papel ou de
teclas.

Escrever é ação virtuosa.

É denunciar injustiças com as próprias mãos.

É amarrar as ideias soltas e perdidas pelo chão.

Escrevo para ser...

Encontro-me ao escrever...

(Sobre escrever – Felipe da Costa Negrão)

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 18.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 133-147, 2016.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 1996.
- DEMO, Pedro. **Praticar Ciência**: Metodologias do conhecimento científico. São Paulo: Saraiva, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 61 ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz & Terra, 2019.
- JOSSO, Marie Christine. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. *In*: SOUZA, Elizeu Clementino de.; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.2, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.
- NEGRÃO, Felipe da Costa.; CASTRO, Vanderléia Souza. Os primeiros desafios e impactos de acadêmicos de Pedagogia: uma vivência em sala de aula. *In*: I FÓRUM DE ESTUDOS LEITURAS DE PAULO FREIRE DA REGIÃO NORTE: EDUCAÇÃO POPULAR EM DEBATE, 2016, Manaus. **Anais...** São Leopoldo: Casa Leiria, 2016. v. 01. p. 1907-1915.
- NEGRÃO, Felipe da Costa. Narrativas (auto)biográficas da docência em tempos de Ensino Remoto Emergencial. *In*: RODRIGUES, João Victor Figueiredo Cardoso et al. (Orgs.). **Ensino de Graduação em tempos de pandemia**: Experiências e oportunidades para uma Educação Tecnológica na Universidade Federal do Amazonas. Manaus: EDUA, 2021, p. 99.
- PEREIRA, Lara Rodrigues.; SILVA, Carolina Ribeiro Cardoso da.; HOBOLD, Márcia de Souza. A narrativa (auto)biográfica na pesquisa de formação de professores: conceitos essenciais e possibilidades metodológicas. **Revista Cocar**, v. 15, n. 32, p. 1-14, 2021.
- TELLES, Tenório. **Renovação**. Manaus: Editora Valer, 2013.

CAPÍTULO 6

DOS ENCONTROS E DESENCONTROS PARA SE TORNAR UMA PROFESSORA

Gilmara Oliveira Maquiné

Vou iniciar essa carta como gosto de iniciar uma conversa. Olá! Me chamo Gilmara Oliveira Maquiné, tenho 33 anos de idade, sou nascida e criada em Manaus/AM. Nasci no dia 29 de janeiro de 1989 (alguns meses antes do previsto), sou filha de uma mãe maravilhosa, guerreira, linda e o amor da minha vida, Sra. Araci Oliveira Maquiné¹ a quem dedico minha carreira e todas as conquistas advindas desse caminhar.



Fonte: Arquivos pessoais

Ser professora ou me ver como professora me remete, inicialmente, a algumas brincadeiras enquanto criança. Lembro-me de ficar encantada com as professoras da educação infantil e das séries posteriores, as via com exemplos de inteligência e afeto. Talvez muito da minha maneira e cuidado ao lecionar, atualmente, advém dessa época, pois, as professoras da primeira infância marcam nossas vidas de maneiras incríveis, nas mais diferentes experiências de ensino-aprendizagem.

Nesse trajeto da vida, reúno aqui momentos que marcaram minha vida profissional docente e suas raízes com as experiências que vivenciei, com o principal objetivo de compartilhar momentos que contribuíram para o meu momento de agora. Vale ressaltar, que essas “recordações-referências” (Josso, 2004, p.39), hoje as entendo assim, são fundantes para os desafios que encontro nas salas de aula.

Durante a minha jornada de desenvolvimento profissional, tive oportunidades de atuar em diferentes níveis de ensino. Em cursos técnicos, tanto da área de informática quanto de outras áreas, como por exemplo, no Programa Pró-Funcionário, voltado para profissionais que trabalham em escolas públicas de Manaus (merendeiras, secretarias etc.). Nesse contexto, experimentei os primeiros passos do papel docente em sala de aula com pessoas de diferentes faixas etárias e não demorou muito para os desafios surgirem. As primeiras sensações foram de extrema felicidade de estar ministrando para uma turma tão diversa e em sua maioria adulta, ou seja, estavam ali em busca de uma formação que

¹ Minha mãe sofreu um AVC Hemorrágico grave em fevereiro de 2021 enquanto trabalhava na linha de frente do COVID-19. Esse acidente impactou diretamente no meu ato de ensinar, pois ainda estamos em processo de recuperação com ela. Esse processo requer dedicação e diminuiu o meu tempo para organizar as práticas de ensino-aprendizagem. Porém, vamos superar esse momento. Parte dessa história, contei aqui: <https://www.vakinha.com.br/2268136>

contribuísse para suas respectivas realidades. Logo em seguida, com os primeiros questionamentos dos alunos o sentimento de ter os conhecimentos colocados em “cheque” sempre que um aluno(a) fazia uma pergunta. O sentimento de insegurança era grande nesses momentos, pois, essas foram as minhas primeiras práticas docentes e hoje associo essa insegurança a falta de experiência e a não formação direcionada à docência.

Para que possa entender esse contexto da minha formação, sou graduada em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Mestra em Ensino Tecnológico e atualmente Doutoranda em Ensino Tecnológico, com todo esse processo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. Porém, para chegar até aqui, a caminhada tem sido longa, passando momentos formativos voltados para a prática na educação básica, graduação e pós-graduação.

Minha formação acadêmica vem sendo construída desde 2008, quando iniciei o curso técnico em informática no CEFET/AM, Campus Centro. Nesse cenário, estudando a noite e trabalhando durante o dia. Tais circunstâncias se fizeram necessárias, pois, estudei toda a minha educação básica em escolas públicas sem uma formação específica, ou seja, ao final do Ensino Médio, em 2007, precisei ingressar no mercado de trabalho para ajudar nas contas de casa, foi somente aí que percebi que eu podia e precisava fazer mais para concretizar os sonhos de uma carreira próspera.

No curso técnico em informática, descobri o mundo da computação e percebi um sentimento de pertencimento a esse mundo. Porém, eu era uma das poucas mulheres da turma, conforme podemos ver na imagem abaixo. Atualmente, isso me deixa um pouco desconfortável, porém, na época eu achei natural e julgo não ter sofrido nenhum tipo de preconceito por parte de meus colegas. Embora, refletindo acerca das trocas vivenciadas durante as aulas, alguns comentários de professores homens me veem a memória tais como “tá achando difícil, vai fazer um curso de culinária”. Para o meu momento docente atual, busco não repetir esse comportamento com as minhas alunas, pois sei que qualquer comentário pejorativo pode desencorajá-las e sei que a computação necessita muito de nós mulheres.



Fonte: Arquivos pessoais

Antes de concluir o curso técnico, iniciei minha carreira na área de Tecnologia da Informação na Gerência de Informática da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Amazonas (FAPEAM). Desde o primeiro dia, identifiquei dois pontos importantes, primeiro: o aprendizado construído durante as aulas do curso técnico me ajudou com o caminho inicial na carreira, porém, não seria o suficiente. Segundo: os professores e professoras do curso técnico me inspiraram a acreditar que ensinar seria um caminho possível para a minha carreira, pois, já reconheciam traços de minha personalidade.

Em meados de 2010 consigo passar no vestibular do IFAM para o curso de Desenvolvimento de *Software*. Durante a graduação surgiram diversas oportunidades para desenvolvimento de habilidades técnicas. Nesse período, duas professoras se tornaram referência para a minha trajetória, a primeira foi a Profa. Viviane Gomes, qual com muito zelo e respeito me indicou o caminho para a seleção em uma vaga de instrutoria no Telecentro Comunitário do IFAM (episódio que discorro com detalhes mais a frente). A segunda foi a Profa. Andréa Mendonça, pois, com toda a sua energia e vontade de ensinar me assustou à primeira vista causando estranhamento. Hoje em dia, consigo entender que parte do modo de ensinar da Profa. Andréa advém da necessidade de conversar com o mercado e entregar excelentes profissionais. Essas características percebo na minha prática docente.

Nesse processo da graduação, fiquei interessada em uma oportunidade que meus colegas não achavam interessante, pois era para ser professora no Telecentro de Inclusão Digital do próprio IFAM. Esse foi meu primeiro contato com a sala de aula. Lembro-me dos sentimentos de alegria e felicidade em ter a possibilidade de compartilhar com a comunidade um pouco conhecimento que obtive durante as aulas do curso técnico em Informática e da graduação.

Durante o período no Telecentro, comecei a entender os desafios postos a nós professores que vão desde a elaboração de materiais, avaliações e perpassam aqueles conteúdos que ensinamos aos alunos. Porém, esse “autoconhecimento” ou “autoconfian-

ça” se faz na minha relação comigo mesma perpassa a formação acadêmica (Larrosa, 1994), ou seja, vem sendo costurado numa mescla entre teoria dos livros de computação e práticas advindas das minhas experiências no mercado de trabalho de informática e trocas com meus pares.

Fui construindo minha carreira docente em concomitante com a profissão de desenvolvedora/analista de sistemas. Essa prática me proporcionou a aproximação com os alunos de curso técnicos considerando que esses, em sua maioria, focam no desenvolvimento de habilidades de programação. Esse é um ponto muito positivo da minha formação para o mercado, pois, consegui colocar em prática os conhecimentos teóricos e técnicos adquiridos no período de graduação e ainda voltar para a escola e ensinar a novos futuros programadores.

Nessa trajetória, foram surgindo alguns questionamentos e sentimentos que emergiram no ato de lecionar, tais como: Como ser uma professora competente? Como atuar em meios tão adversos? Como lidar com a expectativa dos alunos e alunas?. Assim como questionam-se Oliveira; Costa; Aikawa (2023) “Fizemos um esforço para borrar as fixações de um bom professor e dissolver o professor tecnicista, o professor competente, o professor construtivista e tantos outros inscritos em nossos corpos (...)”. Tais questionamentos me movem a continuar buscando formações, tanto para novas linguagens de programação, quanto para aprimoramento e melhoria da minha prática pedagógica. Ainda busco essa ideia de professora competente, pois, acho importante que meus alunos e alunas consigam desenvolver habilidades, tanto técnicas quanto de relações interpessoais. Deste modo, na minha visão, uma professora competente está para além de ensinar os conteúdos teóricos e técnicos da computação, sempre alinhando com as necessidades de socialização com os outros.

Depois de terminar a graduação, em 2015, passei um longo tempo somente atuando no mercado de trabalho. Esporadicamente voltava a sala de aula para algumas disciplinas do curso técnico do CETAM. Em uma dessas experiências, fui convidada a ministrar uma disciplina em uma escola estadual na qual eu tinha sido aluna na educação básica. Ao adentrar a escola, senti uma nostalgia e um sentimento de dever cumprido. Os pensamentos eram: “Quem diria que eu ia ter a chave da sala dos professores”. Lembro ainda do sentimento de satisfação, de poder devolver para a minha comunidade um pouco de todo o investimento que foi feito na minha formação toda em escolas públicas gratuitas. Esse tempo foi salutar para que eu conseguisse enxergar o caminho que me fazia feliz, era a docência. Esses sentimentos provocaram em uma reflexão necessária a tomada de decisões que mudaram o curso da minha carreira. Não foi uma decisão fácil, pois, atualmente em se tratando de remuneração os cargos no mercado de TI são remunerados acima da média da carreira de professores. Porém, a sensação de contribuir diretamente

para a formação de novos programadores/programadoras e ainda mudar a realidade deles/delas me movia, me deixava com o sentimento de completude.

Após essas experiências com os cursos técnicos, na comunidade onde cresci, identifiquei que de fato eu gostava de ensinar, pois ver o desenvolvimento dos alunos e ajudar a mudar a realidade deles é algo muito emocionante.

Deste modo, quando decido o caminho a percorrer, me inscrevo no Mestrado em Ensino Tecnológico e ingresso na turma de 2018. Somente após ingressar que tive a certeza de que tinha escolhido o caminho certo, tanto para a minha carreira docente quanto para minha vida. No Mestrado tive contato com literatura de Formação de Professores, o que a priori impactou fortemente na minha formação, pois lembre-se, eu não tive a base pedagógica na minha formação inicial, logo, tudo que eu via estava disposta a entender a fundo.

Em 2019, fui contratada como professora em uma escola particular de Manaus para o curso técnico em informática, ministrando disciplinas para o desenvolvimento de habilidades técnicas da área de programação de computadores. Uma turma de jovens alunos/alunas no turno noturno. Neles me vi e reconheci, relembrei os tempos que eu estudei no CEFET/AM. De fato, eu estava experienciando o ser professora. Quanta felicidade! Consegui ver esses alunos se formarem a muitos ingressarem no mercado de trabalho.

A primeira turma do curso técnico em informática que acompanhei nessa escola, foi muito especial. Eu consegui vê-los crescer e desenvolver-se na carreira de programadores.



Fonte: Arquivos pessoais

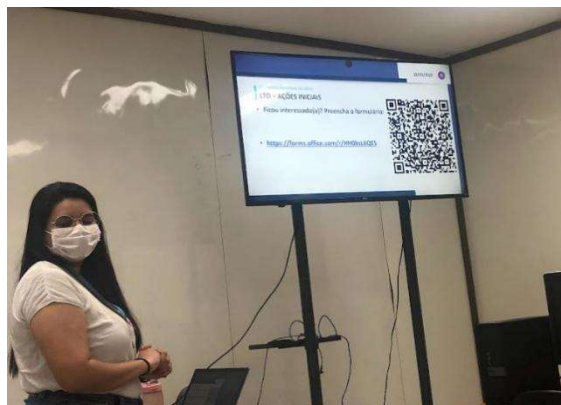
Na terceira turma do curso técnico, fomos acometidos pela pandemia do Covid-19. Aí tudo se tornou remoto, aulas via videoconferência. Eu achava que seria tranquilo, porém, eu travei! Congelei! Eu não me sentia à vontade em conversar com a câmera, sentia falta da sala de aula, enfim... Vou compartilhar aqui o link da primeira vídeoaula que fiz.²

Essa experiência influenciou bastante na minha maneira de ministrar aulas, principalmente na necessidade de escutar os alunos e de perceber a participação deles. O silêncio da sala de aula virtual me incomodou muito, trouxe à tona um sentimento de solidão

² Disponível em: <https://youtu.be/x3196gX-gNM>

e de talvez não estar ofertando a melhor aula que conseguia. Uma das situações mais difíceis é ficar em uma sala de aula em silêncio.

Após isto, em 2021 ingressei em uma Faculdade para ministrar aulas para a graduação nos cursos de Redes de Computadores e Ciências da Computação. Percebi a distância entre o lecionar para o nível técnico e para a graduação, algumas diferenças me chamaram a atenção logo à primeira vista: os alunos do nível técnico demonstravam maior interesse nas aulas. Aí percebi que além do conteúdo que estava mais teórico, eu precisava me reinventar a adequar aquela nova realidade.



Fonte: Arquivos pessoais

Todo o caminhar até o momento, me leva acreditar que ainda estou em processo de descoberta no ser docente/professora. A cada dia descubro que não existe um modelo ideal a ser seguido, somos o que podemos ser naquele momento. Obviamente nos preparamos, mas só saberemos durante a prática. Por esse caminhar tenho descoberto ainda a pesquisa, o ser pesquisadora é um desafio à parte, o qual merece toda a atenção e dedicação para desenvolver esses primeiros passos. Com o doutorado, tenho desconstruído algumas certezas e tem sido gratificante.

O que me acalenta nesse momento é o que traz as professoras Oliveira; Costa; Aikawa (2023) quando dizem que “o processo (des)formativo vivido no exercício da docência é uma montagem de vida, na qual os recortes, os deletes, as sobreposições e as junções constituíram-se em possibilidades outras de olhar e nos (re)posicionar diante do mundo”. E ainda na música Metamorfose Ambulante do Raul Seixas “prefiro ser essa metamorfose ambulante. Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante... Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”.

Um forte abraço!

REFERÊNCIAS

JOSSO, Marie-Christine. **A experiência de vida e formação**. 2.ed. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2004. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica ∞ Educação. Clássicos das Histórias de Vida).

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35-86.

OLIVEIRA, Caroline Barroncas de.; COSTA, Mônica de Oliveira.; AIKAWA, Monica Silva. Explorações constitutivas: o que quer um professor pesquisador? *In*: GONZAGA, Amarildo Menezes.; LIMA, Augusto José Savedra. (Orgs.) **Entrecruzamento de (des)caminhos (auto)formativos em narrativas de professores**. Manaus: Biblioteca do IFAM, 2023. p. 40-54.

CAPÍTULO 7

**TECENDO OLHARES SOBRE SI E SOBRE O FAZER
DOCENTE EM UM PROCESSO DE IDAS E VINDAS NOS
CAMINHOS DA DOCÊNCIA**

Luciani Andrade de Andrade

Para mim, é quase inevitável iniciar esse processo sem lançar mão dos fertilizantes que constituem minhas memórias individuais, que inspiram meu imaginário sobre mim para, então, conseguir trazer essa continuidade entre presente e futuro a partir de um olhar sobre mim, do que já fui, do que sou e do que pretendo ser (Josso, 2007).

Um desses fertilizantes refere-se a uma pessoa muito especial em minha vida, eu diria minha inspiração profissional, meu exemplo de pessoa, de docente e de pesquisador, por que não de professor-pesquisador. Mais um pouco, e te desvelarei quem é essa pessoa. Por enquanto, prossigo minha escrita te revelando que esta pessoa especial, em um dado momento de minha vida, já adulta e já professora, me disse que se recordava de mim quando criança brincando de ser professora com minhas bonecas. Recorda como eu me comunicava com elas, todas arrumadas como em uma sala de aula, e eu reproduzindo as falas, talvez de meus professores a época: “presta atenção!”, “estão entendendo?”, “se não fizerem a tarefa vão ficar de castigo!”. Eu, particularmente, não me recordo com tanta clareza dessas passagens de minha vida de criança, lembro-me sim que gostava muito de brincar de professora. Mas, nossas recordações de criança podem, de acordo com os fatos, não serem lembradas com tanta exatidão, assim, rendo-me a acreditar no que essa pessoa especial me conta, pois ela já era adulta e eu criança quando desses acontecimentos.

A brincadeira de professorar ficou na infância, pelo menos por um bom tempo de minha vida, pois minha trajetória acadêmica não me conduziu a formação docente, na verdade passou bem longe. Aproveito para te contar que me formei em administração de empresas pela Universidade Federal do Amazonas no ano de 2004, lá na minha querida Parintins, onde vivi momentos que guardo com muito carinho.

Porém, a vida tem dessas coisas, de nos levar para caminhos que nós não havíamos pensado para nós, e mesmo quase que sem querer, mesmo muito por acaso, acabei me tornando professora. Em contato com a docência, agora não mais em uma brincadeira de criança, quis nesta profissão permanecer, mesmo sem preparo, sem o conhecimento necessário. Na verdade, te confesso que neste primeiro contato com a docência, nem me dei conta de todo o preparo que o professor deve possuir para ensinar.

Bom, até aqui você pode observar que adentrei o mundo docente sem conhecimento da docência, e isso foi um tanto quanto assustador, e eu demorei muito para entender que para ser professor não é necessário dominar somente os conhecimentos específicos dos conteúdos que você deve ministrar aos alunos, mas, e, principalmente, como você irá fazer isso. Essa minha morosidade em compreender tudo isso, pode ter se dado pelo fato de ser comum no ensino de disciplinas técnicas a crença de que o ato de ensinar se realiza com naturalidade sem necessidade de formação específica, bastando somente determinado corpo de conhecimentos técnicos (Nóvoa, 1992).

Observando essa condição onde me encontrei por anos, hoje posso concluir que há um número expressivo de colegas professores nas instituições de ensino, que compreendem um modelo de professor que não questiona, mas, reproduz um conhecimento, e que não se veem na condição de aprendiz que se reinventa. Estendo essas colocações aos licenciados que em sua formação docente também buscam um modelo a recriar e assim apenas seguem amontoando seus grãos de areia no decorrer de sua formação inicial para a docência (Oliveira; Costa; Aikawa, 2023).

Rememorar e (re)contar o início de minha experiência docente me faz recordar de como foram apavorantes meus primeiros contatos com a sala de aula, mas, ao mesmo tempo me faz (re)pensar onde me encontro neste momento, como a sala de aula se tornou para mim um espaço reconfortante, me faz pensar no que aprendi de lá até aqui, o que em mim mudou, e o que mais posso experimentar nessa vida docente. O confronto entre passado, presente e futuro se compreende como um espaço tridimensional no qual nós pesquisadores narrativos iremos contar histórias lembradas de nós mesmos sobre épocas passadas e épocas atuais, e todas essas histórias irão fornecer roteiros possíveis para histórias futuras (Clandinin; Connelly, 2011).

E essas minhas histórias de fato se confrontam, pois recordar aquelas cenas iniciais de todos olhando para mim, e esperando aprender alguma coisa onde eu seria a responsável por ensinar, era como um filme de terror. Lembro-me com exatidão dos dias em que eu tinha que ministrar aulas. Eu nem conseguia comer, eu ficava em um estado de “transe nervoso”, e como hoje o ato de ministrar aulas se tornou um ato prazeroso e balizador de minha escolha profissional. Mas, deixa eu te contar como eu fui parar em uma sala de aula, pois é uma boa história.

No ano de 2008, fui aprovada e nomeada em concurso público para o cargo de Administradora da Secretaria de Saúde de Roraima, e por lá fiquei durante três anos, os quais também recorro com carinho, pois foram anos de muito aprendizado e amadurecimento na profissão de administradora. No entanto, as horas de trabalho eram flexíveis (das 07:00 às 13:30), sobrando tempo para outras atividades e mesmo outros trabalhos, e, é aí que surge a Universidade Federal de Roraima (UFRR) em minha vida, a qual dedico grande amor, pois foi lá que descobri que a docência seria a profissão que eu gostaria de seguir para o resto da vida.

Foi especificamente no ano de 2009, que as portas da docência se abriram para mim, quando foi lançado um edital para professor substituto de administração na UFRR. E após um processo seletivo do qual eu não esperava nada, fui aprovada para ministrar algumas disciplinas no curso de administração. Recordando tudo isso, neste momento em que te escrevo essa carta, sigo sem acreditar como eu passei naquele processo seletivo, já que a quantidade de pessoas que concorriam era grande e, talvez, mais experientes que

eu na profissão. Contudo, eu acredito que era o destino torcendo a meu favor, e a vida me empurrando para a minha verdadeira profissão, aquela que eu ensaiava desde criança.

Olhando para esse momento de seleção até este momento, (re)vejo os caminhos percorridos e as experiências vivenciadas em todos esses anos, 13 anos para ser exata, e ousou te dizer que enxergo e acredito hoje na docência para além de uma simples profissão que deve ser pautada em algumas diretrizes metodológicas ou pedagógicas. Ao contrário, cada dia mais eu entendo que o fazer docente se constitui em um ato de amor. De amor ao próximo e ao mundo, pois o que deixaremos, findo essa nossa trajetória, serão aquelas pessoas tocadas por nós e aqueles ensinamentos construídos, que muitos levarão para a vida. Portanto, me atrevo a dizer que ensinar é mesmo para quem gosta, para quem vê sentido nesta profissão para muito além de salário, ou posição em uma cadeia social. É para quem de fato busca transformar pessoas.

E veja bem, não me entenda mal, não estou querendo aqui romantizar minha profissão, porque sou plenamente consciente de todos os obstáculos que enfrento diariamente para que tudo isso se concretize, mas falo no sentido de você dedicar sua vida e seus propósitos a causas que de fato fazem sentido para você e para outros. Senão qual o sentido de levantar todos os dias e dedicar boa parte do seu dia àquela atividade?

Portanto, o professor deve, mesmo com tantas adversidades, dar sentido ao seu fazer docente, construir uma identidade, olhar para si e para o outro no sentido de dar significado a sua profissionalidade, esse Si que em muitas narrativas vai galgando os degraus de uma vida inteira a procura de sua identidade (Ricoeur, 1996). Para isso, é preciso extrapolar os limites a nós impostos desde nossa formação no jardim de infância, e nos colocar em situação de eternos aprendizes, onde nos constituímos e reconstituímos a cada novo ciclo de vida que inicia, ressignificando nosso caminhar e nossos propósitos, autoanalisando nosso processo, refletindo nossa profissão.

A identidade profissional se constrói a partir de inúmeros contextos sociais, e a identidade do professor se constitui também pelo significado que cada professor, enquanto autor e ator, confere a atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores e do modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor (Pimenta, 2012).

Neste ponto de minha micronarrativa, te conto que já se esgotou o meu vínculo com a UFRR, sendo afastada da sala de aula por tempo indeterminado. E neste tempo, eu, realmente senti falta de tudo que me ligava àquele ambiente acadêmico, dos colegas, do clima da universidade, de lecionar e, em especial, do contato com os alunos, que eu recordava com grande pesar, mas também com muita empolgação.

Apesar de não vislumbrar uma nova oportunidade de lecionar naquele instante, não havia desistido de me tornar professora de fato e de direito, apenas dado uma pausa na carreira por conta das ocasiões do destino, ainda assim, o meu ser da imaginação seguia firme e centrado em projetar uma possibilidade de estar de volta às salas de aula. É este ser que se manifesta em sonhos e projetos que já serviram de marcos para orientar a nossa existência ou que nos permitem formular outros novos, e neste contexto, a UFRR foi um grande marco em minha vida (Josso, 2007).

Nesse momento de afastamento da sala de aula, eu mal sabia que, dez anos mais tarde, esse afastar-se da sala de aula, da escola e dos alunos (refiro-me as questões físicas) seriam cruciais para o meu refletir a profissão novamente, mas isso vou te contar mais a frente, vamos por partes!

Retomando ao contexto dessa minha história de professora, de repente surgiu em minha vida, a possibilidade de retornar à docência. Isso mesmo! Novamente os ventos do destino soprando em meu favor, isso porque, foi publicado edital para professor efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM) oportunizando vagas para professores de administração, e vi aí a minha chance, quase que única, de adentrar novamente a profissão docente, só que agora de forma definitiva.

Dediquei-me a estudar os conteúdos da prova, era o primeiro grande concurso do IFAM desde que este havia passado de Escola Técnica a Instituto Federal, então era mesmo uma oportunidade e tanto. De forma intensa estudei e logrei aprovação no ano de 2010, vindo a ser nomeada em 2011 para atuar como professora de administração no Campus Presidente Figueiredo.

Como a vida docente sempre me coloca à prova, passados seis meses que havia tomado posse e já me encontrava em plena atividade docente no campus, e cá entre nós amando cada segundo dessa minha nova história, passei por um grande pesadelo. Uma pessoa desgostosa com a sua não aprovação no concurso, impetrou recurso junto ao Ministério Público Federal (MPF), obtendo êxito, e tornando nossas nomeações sem efeito. É isso mesmo que você está lendo, fomos todos exonerados, foi como se nunca tivéssemos sido aprovados, nomeados e convocados! Ou seja, voltei a estaca zero, só que agora sem emprego, já que havia pedido exoneração do cargo de administradora na Secretaria da Saúde do Estado de Roraima.

Foram dois meses de agonia, no qual mais uma vez o destino se encarregou de agir. Enquanto eu sofria com a minha exoneração, para mim totalmente injusta, uma amiga me manda a notícia de que haviam me nomeado para o cargo de administradora na Suframa (resultado de um concurso que havia feito, eu sinceramente, nem lembro quando), e, nesta ocasião, para não ficar sem trabalhar, fui lá e assumi a vaga.

Nesse mesmo tempo ocorriam novamente a execução da segunda etapa de provas do concurso do IFAM (provas didáticas), sim aquele do qual fui exonerada por força judicial, e, após longo período de reflexão, decidi por refazer essa prova. Em minha mente eu apenas pensava em resgatar minha vaga de volta. Ao final deu certo, pois fui outra vez aprovada no concurso para professor do IFAM. Nesse pouco mais de dois meses, os quais fiquei afastada de sala de aula e que de novo experienciei o exercer da profissão de administradora, foram cruciais para não me enxergar mais satisfeita nesta profissão. Foi uma chave virada em minha cabeça, na qual ficou claro que aquilo não era mais para mim, que eu queria outra coisa, e essa coisa era a docência. Foi então, que retornei ao IFAM, em definitivo, e cá estou.

Enquanto recorro essa história, passou pela minha mente a seguinte situação a qual nunca havia refletido: Será que tudo isso não aconteceu para testar se eu queria mesmo ser professora? Será que não foi a vida me dando uma chance de escolher? Será que fiz a escolha certa? Para mim eu fiz, e eu nunca tive dúvidas disso, até a pandemia chegar. Mas, não vou adiantar os fatos, contudo, mais tarde retomarei a esta última pergunta.

Retomando minha vaga de professora no IFAM Campus Presidente Figueiredo, pude além de exercer a docência, também desenvolver pesquisa e extensão, tripé dos Institutos Federais, e também participar, por alguns momentos, da gestão, o que para mim foi muito satisfatório, pois neste sentido, pude atuar nas duas frentes de trabalho, professora e administradora. Tá, mas você irá dizer: “ah! Mas você falou que não se via mais satisfeita na profissão de administradora”. Sim, é verdade, e isso prossegue, contudo, é bem diferente você contribuir e colaborar com aquilo que você acredita. E sim, eu acredito na Educação!

Enfim, fiquei quatro anos exercendo as funções a mim atribuídas, seja professora, seja coordenadora de projetos (pesquisa e extensão), seja participando das ações do campus como colaboradora ou mesmo coordenando alguma pasta administrativa. Porém, não me via satisfeita, ou melhor completa, ou mesmo convicta de que estava ministrando aulas de forma “correta”. Eu fazia umas coisas meio que instintivamente, umas davam certo, outras não muito, mas sempre busquei tentar inovar, contextualizar, remeter ao nosso cotidiano de cidade do interior no Amazonas os assuntos abordados e que deviam ser aprendidos, e aqui, vou usar o termo aprendido porque até adentrar o mestrado eu não sabia que tínhamos que construir conhecimento, apesar de até tentar fazer isso, mas sem qualquer ligação com a teoria pedagógica ou algo do tipo, contrariando por total desconhecimento a filosofia do grande mestre Paulo Freire que já nos ensinava que na busca de reconhecer os saberes necessários à prática educativa, é possível um olhar para uma docência voltada a um sujeito autônomo, inconcluso, em permanente movimento e por isso, a ação pedagógica permeia-se em mudanças (Oliveira; Costa; Aikawa, 2023).

Te contarei um outro momento de minha trajetória docente de grande importância para mim e para a minha profissão, que foi a minha entrada no Mestrado Profissional em

Ensino Tecnológico do IFAM. Para isso, recordo dos momentos de preparação para a prova de seleção, onde compreendi que tudo aquilo que eu imaginava, de fato era verdade, quer dizer, eu tinha mesmo que aprender a ser professora, pois para mim parecia óbvio o professor ter que saber para onde vai, ter um plano a seguir e ter bons resultados (Oliveira; Costa; Aikawa, 2023). Ainda na condição de aprendiz e buscando ressignificar minha prática docente, eu me dei conta de que concebia em minhas aulas algumas coisas que eram validadas pelos teóricos, e tudo isso me levou por um caminho que a cada coisa que eu lia eu ficava muito impressionada, e você que é licenciado vai pensar que eu sou maluca, mas é que pra um bacharel qualquer teoria do mundo da educação é uma “viagem”.

Após esse período de estudos para adentrar ao mestrado, fui, além de aprender sobre os conteúdos que seriam cobrados na prova escrita, aprendendo também a me reconhecer em alguns teóricos os quais escrevem e descrevem muito bem o professor não licenciado, e pude observar que eu podia sim melhorar minha prática pedagógica, meu fazer docente, enfim, amadurecer na profissão. Foi então, que logrei, enfim, aprovação no mestrado, após uma reprovação anterior, e pude recomeçar a estudar, só que agora estudar algo que poderia fazer sentido em minha vida, que iria delimitar minha trajetória profissional para sempre.

As primeiras aulas do mestrado foram uma tortura para mim, eu quase não entendia nada, demorei muito para compreender muitos conceitos, que na minha mente deviam ser tratados de forma mais pragmática e efetiva, como no caso dos currículos, ou mesmo sobre tecnologia. Mas, ainda assim pude sair da minha caixinha, do meu quadrado de formação positivista, aquela que compreende a ciência sob rígidos padrões metodológicos prontos para explicar a ciência e elucidar verdades (Ávila, 2013). Essa maneira de ver a ciência e mesmo de fazer pesquisa estava impregnado em mim, e isso foi um processo muito doloroso, porque a cada dia eu tinha que desconstruir teorias para reconstruir uma nova forma de observar e compreender o universo. Destaco aqui a paciência da professora Rosa ao me ajudar nesse processo. Hoje revendo as coisas que escrevia nas atividades de texto da disciplina dela, não sei como ela considerava alguma linha do que eu escrevia. Só tendo muita paciência mesmo! Por ela toda a minha admiração e gratidão. Ela foi fundamental no período da escrita da dissertação.

Passado as disciplinas, fui me dedicar ao projeto de pesquisa que a essa altura iria se modificar todo, mas como meu orientador sempre me orientou a tomar um café em cada xícara por vez, eu esperei o momento certo de me dedicar a ele (projeto), e só eu sei a agonia que imperava dentro de mim, pois todos os outros colegas já vinham mexendo em seus projetos desde o primeiro dia de aula, e eu me sentia ficando para trás. Ainda não confiava no que vinha pela frente, eram caminhos ainda pouco estáveis, tudo muito novo e eu sempre muito ansiosa. Mas, no fim tudo deu certo para a primeira defesa no seminários de projetos.

Para seguir no que tenho para te contar aqui, precisarei agora retomar ao início dessa escrita, quando eu mencionei uma pessoa especial. Então, essa pessoa especial é meu orientador, Prof. Amarildo, que hoje nos oportuniza esses momentos de aulas impactantes e engrandecedoras, uma vez que ao narrar minha história, experiências e vivências eu me oportunizo o auto conhecer, entender e compreender as minhas nuances, as camadas que me compõem, que formam o meu Si e que constroem minha identidade (Ricoeur, 1996). E, nesta escrita autobiográfica, onde posso identificar a autoria do Si, este como um indivíduo singular que conta suas histórias a partir de lembranças, que reflete e infere na busca de se compreender, e que tem como resultados o autoconhecimento, que possibilita o planejamento de sua própria vida e o seu empoderamento (Negrão, 2022).

Minha história com ele não começa em 2015 quando adentrei o mestrado e ele tornou-se meu orientador, mas, durante minha infância em Parintins. Sim, o professor Amarildo, parintinense como eu, acompanha minha trajetória de vida pessoal há muito tempo, pois sendo amigo de juventude de meu pai, sempre esteve presente em minha vida e de meus irmãos. E, é por isso que por ele teço grande admiração e o tenho como referência de vida.

Ele não sabe, e talvez fique sabendo agora que, nos momentos em que meus pais tiveram que dedicar atenção total a meu irmão mais velho acometido de leucemia, guardo em memória, como sendo ele, uma das pessoas que me cuidavam nesses períodos nos quais meus pais tiveram que tratar meu irmão em São Paulo. Talvez, ele não lembre, mas, eu lembro muito bem que toda tarde ele vinha me buscar para passear na sua moto vespa, e eu amava porque ele me deixava ir em pé na frente da moto e eu ia feliz da vida. Foi ele quem me batizou pelo apelido engraçado e que até um dia desses ele ainda me chamava, mas deixou de chamar, acho que pela profissionalidade que devemos ter um com outro, afinal a vida me trouxe para perto dele, primeiro como colega de casa (IFAM) e depois como orientanda. Contudo, vou te revelar que me sentia muito acarinhada com esse apelido, e há sim toda uma história por trás dele, que deixarei para uma outra oportunidade. Recordo ainda, de quando estava residindo em Boa Vista (RR) e ele foi para lá participar de algum evento, me procurou para que eu fosse buscá-lo, pois ele queria saber onde eu morava, como era o local, essas coisas, e duvidou de mim quando fui buscá-lo no meu carro e pedi que entrasse que eu ia levá-lo até meu apartamento. Ele me olhou e disse: “E tu sabe dirigir? olha não vai me acidentiar”. Enfim, deu tudo certo! São situações que me recordo e que fazem sentir acolhida em todos os sentidos, sem contar outros muitos momentos em que ele esteve presente em minha vida, e mais ainda quando adentro o IFAM em especial na pós graduação (mestrado). Foram momentos ímpares de extremo aprendizado.

Neste meu caminhar docente, desponta em mim o Ser de Afetividade o qual nos permite adentrar, durante este processo de conhecimento e autoconhecimento, no universo dos laços construídos, mantidos ou rompidos, que se constroem por valores interiorizados

e não conscientes, ou mesmo escolhidos após reflexão (Josso, 2007). Neste caso, para mim as duas acepções se constituem nessa escrita. Portanto, não tenho como prosseguir nesta caminhada de auto descoberta sem referendar aquele que sei que é referência para tantos, como observamos pelas palavras de tantos colegas durante nossas aulas e mesmo nas palavras de Daniele e Daniel, ambos seus orientandos no mestrado.

Me questionei muitas vezes antes desta escrita se deveria ou não nos expor desta forma como aqui estou fazendo, lembrando de forma recorrente de suas falas: “olha a autocensura, vocês devem mostrar aquilo que acham pertinente mostrar”. E eu aqui não me vi na condição de só mostrar a sua representatividade, mas enaltecer seus caminhos, seus ensinamentos, sua intencionalidade em tudo que o instiga, a sua inquietude, o seu não contentar-se, a sua condição de mestre que ensina e aprende junto, que não enxerga um fim pronto e acabado no ser professor, mas, se reveste de professor-pesquisador.

Não posso seguir mais adiante sem destacar um último episódio de minha trajetória de aprendente com o professor Amarildo durante o mestrado, o qual se finda com a entonação altiva e cativante de um lindo poema que ele dedicou para mim quando eu defendi a dissertação, e também me recordo em como ele ficou feliz em me conceder o título de mestre, pois ele sabia, ali naquele momento, com a minha família reunida, tudo que nós já havíamos passado para que eu pudesse conquistar esse título.

Durante o mestrado, o professor Amarildo me apresentou uma forma de conduzir o processo investigativo muito acolhedor e autônomo, deixando evidente os traços da intencionalidade e significância de tudo que nos apresenta a docência e o mundo da pesquisa neste universo. Como já destaquei, eu só era uma professora mesmo, sem qualquer base. E, portanto, fazia questão de ficar atenta as suas falas e ações, seja nas aulas, seja no estágio em docência quando o acompanhei em sala de aula, e, também onde realizei minha pesquisa, e o que mais aprendi com ele foi que não é preciso ter pressa, que o processo nos mostra os caminhos, que tudo vai se definindo, que é preciso ter calma, mas que é preciso haver um propósito, e que tudo é pretexto para...

E eu sei que dei certo trabalho para ele porque sou muito agoniada, e lembro dele me mandar ir tomar sorvete e namorar, ao contrário de outros orientadores que nos mandam estudar sem parar. Tudo isso me fazia ficar perplexa, mas depois relaxada, porque para mim demonstrava que estava tudo indo bem, que eu estava indo pelo caminho certo, mesmo com ele se recuperando de seu tratamento contra um câncer que lhe acometeu nesse mesmo período. Externo aqui como fiquei preocupada com toda a situação pessoal que ele vivia naquela época, e como, hoje, eu o admiro ainda mais, passada toda essa tempestade, por sua resiliência, seu empoderamento, e como hoje ele se apresenta como uma pessoa realizada e feliz, isso fica explícito.

Ao final do mestrado, como já adiantei aqui, deu tudo certo, e aqui cheguei, no doutorado. Após novamente uma reprovação, me dediquei a estudar novos conceitos, outras possibilidades de pesquisa e também refleti sobre o que me havia passado no ensino remoto durante a pandemia.

Anteriormente, havia mencionado quando contei sobre minha experiência na Suframa, sobre ter ou não feito a escolha certa em me tornar definitivamente professora, e mencionei também que nunca havia tido dúvidas sobre isso, até a pandemia. Pois bem, no período da pandemia enquanto estávamos no ensino remoto, tive que me adaptar as questões do ensino mediado por tecnologia, e fui em busca de me capacitar e seguir levando aos alunos conhecimentos suficientes para uma boa formação.

Me dediquei a aprender a fazer vídeos, *podcasts*, apostilas didáticas e auto explicativas dos conteúdos, contudo, o resultado disso foi lamentável. Eu havia acreditado que as experiências da pandemia poderiam ser a possibilidade de uma nova forma de ensinar e de fazer a educação, mesmo que com tantos desafios, como no caso de nós que estamos no interior do estado sem acesso à internet de qualidade, dentre outros fatores. Confesso, que me esforcei muito, mas não havendo retorno dos alunos fui me frustrando de um jeito inimaginável, fui me dando conta de que não havia possibilidades de realizar o trabalho docente longe de sala de aula, sem o contato com os alunos, percebi que na verdade era o contato com os alunos, a dinâmica de sala de aula que me deixavam muito feliz e realizada na profissão. E, diante de um cenário em que víamos muito distante um retorno presencial, comecei a duvidar se eu havia feito lá atrás, em 2012, a escolha correta, porque eu via outros colegas tirando de letra, achando até melhor ficar assim, algumas palestras que o IFAM promovia com professores de outros lugares, todos demonstrando resultados surpreendentes de como estavam fazendo tudo acontecer.

Então, eu cheguei à conclusão de que o problema era eu, e que se eu era mesmo uma professora eu deveria saber conduzir o ensino não importavam as condições. E foi aí que eu surtei e queria só sair do IFAM, deixar toda essa história de professora para trás, que eu não estudei para ser professora, eu queria só desistir de tudo. Em desespero, busquei ajuda profissional e comecei um longo processo de recuperação de minha condição primeira, e para isso, precisei me afastar totalmente do IFAM e dos alunos. E eu confesso que sofri muito, pois para mim tudo isso sempre foi motivo de grande realização, jamais poderia imaginar que o caminho que eu decidi escolher se tornaria motivo de adoecimento para mim.

Após dois meses de licença médica, e seguindo ainda em terapia, pude compreender esse novo momento de minha vida, e que na verdade afetou a vida de todos. Ainda sigo buscando compreender muitos dos resquícios que tudo isso me deixou, mas também aprendi a lidar com emoções, frustrações, medos, dentre outros sentimentos que nos tomam, e hoje tento encarar a profissão docente mais suavemente, ocupando lugar entre

as pedras caçando jeitos, modos de ser e estar na docência para compor, decompor e recompor (Oliveira; Costa; Aikawa, 2023).

Todos estes momentos vividos e experienciados foram motivos provocadores de outros questionamentos que me conduziram a pesquisa do doutorado, reprovada na primeira tentativa, o que eu já imaginava que aconteceria, pois eu vinha desse meu período de adoecimento mental, mas que me reconduziram a novas proposições, e até um pouco mais condizentes com o que eu busco e menos carregadas do que passei durante a pandemia.

Chego, então, na aprovação no doutorado, a qual foi um momento ímpar, mas também de agonia, porque como já havia passado pelo mestrado já imaginava a sobrecarga de estudos e dedicação que estavam por vir. Contudo, até o momento, tenho desfrutado de um estudo prazeroso e muito compatível com a minha ideia sobre educação, ensino e o mundo que vivemos.

A disciplina atual, conduzida pelo professor Amarildo de uma maneira que não me surpreende, pois é a sua forma de fazer todos olharem para si, de buscarem compreender ou tentar compreender o antes incompreendido e desconhecido, nos desafia a esta escrita, e é impactante porque nos tira da nossa zona de conforto, porque nos faz refletir sobre nós em um processo de nos contar e recontar, de nos ressignificar, e ressignificar a nossa história, contudo, sem perder a continuidade do que é dito pelos teóricos que nos sustentam, sem deixar escapar o contexto no qual estamos inseridos que nos impacta e o qual impactamos.

Poder escrever sobre nós e partilhar isso com os colegas, e eles conosco, permite colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida (Josso, 2007). Contar de si é um exercício que precisa ser encorajado, principalmente, dentro desse nosso contexto, o da educação, pois oportuniza a reflexão sobre a vida em sua essência, ainda que seja preciso se despir de fantasmas que assolam a vida adulta, em especial, a vida acadêmica, marcada e manchada por ideais positivistas, binários e sem muito espaço para reflexão (Negrão, 2022).

Enfim, permitir se contar e recontar, olhar para si mesmo, construir uma narrativa sobre, é desajustar e desalinhar tudo o que compreendemos dentro da caixinha que muitos aqui se amparam, tornando-se um processo um tanto quanto doloroso e desafiador, mas repleto de significância. E neste caminhar, tenho certeza que após está escrita (auto) reflexiva, todos aqui serão outras pessoas, após esse processo, após essa disciplina, após esse momento único de construção e partilha de vidas, onde questões, preocupações e inquietações, puderam ser explicitadas a partir de um trabalho individual e coletivo sobre a narração de cada participante, permitindo que as pessoas em formação saiam do isolamento e comecem a refletir sobre a possibilidade de desenvolver novos recursos, estratégias e solidariedades que estão por descobrir ou inventar (Josso, 2007).

Mas, ao final, o que dele permanece em mim?

Luciani A. de Andrade (2022)

*Permanece a calma na caminhada
Caminhada centrada naquilo que somos e no que podemos ser!
Mas, o que somos?
Eternos aprendentes
Eternos professores indo e vindo no refletir da nossa profissão!
Aprendentes então, em constante reflexão!
Mas, que reflexão?
Reflexão do ser, do aprender, do aprender-a-ser-professor!
Mas, que professor?
O professor pesquisador!
Que aprende com o que lhe toca, e naquilo que ele toca
Professor em reflexão!
Sendo, então, dono de si. Mas, não da razão!
Que se apropria dos contextos. E que tudo se torna pretexto!*

REFERÊNCIAS

ÁVILA, G da. **Epistemologia em conflito**: uma contribuição à história das guerras da ciência. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY F. M. **Pesquisa Narrativa**: experiência e história em pesquisa narrativa. Universidade Federal de Uberlândia, 2011.

NEGRÃO, F. C. A constituição do sentir-se professor e a inteireza de si: tecituras (auto) biográficas. *In*: GONZAGA, A. M.; PONCIANO, N. P. **Conversando sobre formação de professores**: experiências biográficas como territórios de práticas pedagógicas. Manaus: Biblioteca do IFAM, 2022. p. 35-51.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. *In*: NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote - Instituto Inovação Educacional, 1992.

JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre/RS, n. 3, v. 63, p. 413-438, set./dez. 2007.

OLIVEIRA, Caroline Barroncas de.; COSTA, Mônica de Oliveira.; AIKAWA, Monica Silva. Explorações constitutivas: o que quer um professor pesquisador? *In*: GONZAGA, Amarildo Menezes.; LIMA, Augusto José Savedra. (Orgs.) **Entrecruzamento de (des)caminhos (auto)formativos em narrativas de professores**. Manaus: Biblioteca do IFAM, 2023. p. 40-54.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. *In*: PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes Pedagógicos e atividade docente**. 8 Ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 15-38.

RICOEUR, P. **O sí mismo como outro**. Madrid- España: Siglo Veintiuno de España Editores, S.A. 1996.

CAPÍTULO 8

TRAJETÓRIA AUTOFORMATIVA **Ressignificar através das narrativas**

Marcus Marcelo Silva Barros

[...] Há quem fale que a vida da gente
É um nada no mundo [...]
[...] Somos nós que fazemos a vida
Como der, ou puder, ou quiser [...]
Viver e não ter a vergonha de ser feliz
Cantar, e cantar, e cantar
A beleza de ser um eterno aprendiz

Gonzaguinha

Nas últimas décadas, de forma intensa e progressiva, a educação passou a reconhecer a importância da narrativa como metodologia de investigação e de desenvolvimento pessoal e profissional de professores, valorizando seu papel como meio de conhecimento em diferentes contextos educativos (Reis, 2008).

A utilização das narrativas no processo de formação surge no Brasil a partir da década de 1990, emergindo várias pesquisas sobre formação de professores, dialogando com pesquisas internacionais que abordavam a formação ao longo da vida, reconhecendo a experiência acumulada do profissional como considerável fonte de conhecimento e de formação, ganhando, cada vez mais, espaços em eventos científicos e em projetos de formação (Freitas; Ghedin, 2015).

Quando buscamos o significado e a utilização da palavra narrativa, Reis (2008, p. 18) nos apresenta que:

Em linguagem cotidiana, a palavra “narrativa” é utilizada como sinônimo de “história”, ou seja, um relato de ações envolvendo seres humanos ou outros animais humanizados. Academicamente, o termo narrativa diz respeito geralmente à estrutura, ao conhecimento e às capacidades necessárias para a construção de uma história. As histórias são caracterizadas por um argumento envolvendo (1) personagens, (2) um princípio, um meio e um fim, e (3) uma sequência organizada de acontecimentos.

Ainda na intenção de conceituar o termo narrar, Martinez (2008, p 23) apresenta que:

O ato narrar é antiquíssimo. “Sagas, lendas, tradições, histórias, contos são a quinta-essência dos povos e compõem a história do mundo e dos variados saberes. As palavras estão conosco desde sempre: como gemido, grito, fonia e voz. Elas, primeiro orais e depois escritas, contam a saga da viagem, ficam e constroem a memória de mulheres e homens que não se conformam em perder a vida, tentando converter o temporário em eterno”.

O início desse processo de construção de uma carta autobiográfica, revelou o quão difícil é, pensar sobre minhas vivências e experiências, sejam pessoais ou profissionais, articulando-as de tal forma, ao ponto de se revelarem como contundentes contribuições para o meu processo de autoformação. Cada tempo e espaço de nossa trajetória, nos permite

conectar os fragmentos de nossas vidas e de nossas histórias, ressignificando cada uma delas dentro de um contexto atual.

Cada vez mais, as pesquisas educacionais procuram perceber os conhecimentos ou saberes dos professores com o objetivo de contribuir para a formação de novos profissionais, evidenciando a importância de reconhecer que estes conhecimentos são uma forte contribuição à formação profissional, procurando assim, dar voz e vez a esses professores, às suas histórias de vida, compreendendo como eles constroem seus saberes profissionais (Betti; Mizukami, 1997).

Busquei aqui delinear narrativas, através de uma carta autobiográfica, a partir da questão norteadora que considera que o professor precisa ter clareza da construção de seus referenciais identitários, baseando-se nas dimensões: ontológica, teórico-epistemológica e metodológica, associando essa condição a uma releitura da própria história, vivências e experiências.

Um importante referencial a ser citado em nossa pesquisa é a obra de Clandinin e Connelly (2011), que tem como título: Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa, onde apresenta a jornada dos autores, que pesquisam a forma pela qual a narrativa pode aprofundar o entendimento sobre a experiência profissional e acreditam que as histórias ilustram a importância de aprender e pensar de forma narrativa.

Na busca de revisitar e refletir sobre o passado, a fim de trazer novos sentidos e significados, emerge o ano de 1988, momento pelo qual me era oportunizado vivenciar, em um ambiente escolar muito cobiçado e disputado da época, o ingresso na então Escola Técnica Federal do Amazonas – ETFAM, hoje Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM. Inicialmente para cursar a 8ª série, e posteriormente o Curso Técnico em Eletrotécnica.

As narrativas provocam mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Tal afirmação é corroborada por Cunha (1997, p. 187-189) quando apresenta que:

Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados [...]. Através da narrativa ele vai descobrindo os significados que tem atribuído aos fatos que viveu e, assim, vai reconstruindo a compreensão que tem de si mesmo.

Ainda no Ensino Médio, tive a oportunidade de conhecer, no corpo docente da ETFAM, professores que possibilitaram inúmeros momentos de aprendizagem, em aulas práticas no laboratório, aulas propedêuticas, e por que não citar as aulas de Educação Física, nos treinos de Futebol. Esses profissionais se dedicavam não só às suas práticas docentes, mas sobretudo, em muitos momentos, na subjetividade do ensinar, uma vez que a docência é muito mais do que ministrar conteúdos, organizar e corrigir avaliações (Negrão, 2022).

O ano já era final de 1993, recém-formado no curso técnico em Eletrotécnica - ETFAM, vislumbrava ingressar na carreira de Engenharia Elétrica, assim como a grande maioria da turma e colegas, ou como era a trajetória “normal” a seguir. Porém, em 1995 a veia musical falou mais alto, me direcionando a uma nova trajetória e desafio, estruturar um grupo musical em Rio Branco, Acre, onde desenvolvi essa atividade, de forma intensa, por quase oito anos.

Com o passar do tempo, perceberia claramente, o papel fundamental que a música iria representar em minha vida profissional docente. Pois foi através da música que no ano de 2000, vivenciei pela primeira vez uma sala de aula como professor, assumindo, como instrutor de música/cavaquinho, turmas no Serviço Social do Comércio – SESC, desenvolvendo essa atividade por 5 anos.

Ao tratar da narrativa como um caminho para compreender o professor, Campos (2015, p.18), comenta que:

As narrativas estão presentes na vida humana de diversas maneiras e em diferentes épocas. São as formas mais comuns que utilizamos para nos comunicar, relatar fatos ocorridos no passado, transmitir experiências, valores, crenças, tradições enfim, estão presentes em todas as formas de relação humana. Analisá-las pode elucidar uma infinidade de aspectos que permitam a compreensão do professor como um sujeito para além de questões didáticas, metodológicas e epistemológicas. [...] Apresentamos também a narrativa como um método de pesquisa capaz de contribuir significativamente ao possibilitar a compreensão de aspectos relacionados à formação de professores e enriquecer conhecimentos sobre o Ensino Tecnológico, contribuindo assim para novos processos de formação.

Ainda sobre a perspectiva da narrativa como um caminho metodológico e de investigação, Clandinin e Connely (2011) afirmam que se entendemos o mundo de forma narrativa, então convém, para uma melhor compreensão, estudá-lo de forma narrativa, uma vez que entendemos que a vida é composta por fragmentos narrativos estabelecido em diversos momentos históricos, compreendendo que “a narrativa é o melhor modo de representar e entender a experiência” (Clandinin; Connely, 2011, p. 48).

Tento neste momento de exercício de construção de minha carta autobiográfica, revisitar as memórias e rememorar experiências e aprendizagens vividas ao longo de minha trajetória pessoal e profissional. Ao mesmo tempo que o sujeito ordena suas representações vividas para o relato - quer escrito, quer oral - ele reconstrói sua experiência de forma reflexiva e, portanto, acaba constituindo uma autoanálise que lhe cria novas bases de compreensão de sua própria prática (Betti; Mizukami, 1997).

Mas considero que a grande “virada de chave”, foi somente em 2007, já como Bacharel em Administração, onde tive a oportunidade de ingressar, mesmo que em caráter provisório, no Instituto Dom Moacyr – IDM, instituição Estadual, responsável pela Educação Profissional no estado do Acre, na mediação em vários cursos do eixo Gestão e Negócios. Foram diversos momentos que percebi as inúmeras oportunidades de ensinar e aprender,

não só através das metodologias e processos inerentes à Instituição, mas sobretudo, vivenciar e compreender o grande aprendizado construído pela socialização de saberes e experiências entre os pares, me possibilitando, cada vez mais, me perceber professor.

Refletindo sobre as narrativas como instrumental educativo e como elas provocam mudanças na forma de como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros, Cunha (1997, p. 187) considera que:

Trabalhar com narrativas na pesquisa e/ou no ensino é partir para a desconstrução/construção das próprias experiências tanto do professor/pesquisador como dos sujeitos da pesquisa e/ou do ensino. Exige que a relação dialógica se instale criando uma cumplicidade de dupla descoberta. A o mesmo tempo que se descobre no outro, os fenômenos revelam-se em nós. [...] Ao mesmo tempo em que o sujeito organiza suas ideias para o relato - quer escrito, quer oral - ele reconstrói sua experiência de forma reflexiva e, portanto, acaba fazendo uma autoanálise que lhe cria novas bases de compreensão de sua própria prática.

Acredito que, muito provavelmente, a graduação em Administração e as mediações nos cursos voltados para gestão e negócios, despertou e favoreceu a criação e o desenvolvimento de algumas atividades empresariais, entre os anos de 2002 e 2010, me permitindo um contato direto com o mundo empresarial e com empreendedores que tinham como vocação a busca de realizações cada vez mais significativas, tanto do ponto de vista profissional, pessoal e social.

Narrar a minha própria trajetória profissional é um grande desafio, uma vez que se caracteriza, por um lado, de um caminho único e singular, e por outro, constituído de muitos conhecimentos, experiências e significados. A prática docente não é constituída de um único conhecimento, mas da coadunação de diferentes saberes oriundos de diversas fontes e natureza, havendo forte relação com as experiências e aprendizagens pessoal e profissional e com a compreensão do processo educativo.

Ao analisar e verificar quais momentos de minha trajetória, poderiam apresentar significados importantes para a formação profissional e prática docente, identifiquei em um momento temporal, a concretização de um grande sonho, em 2011, o ingresso no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre – IFAC, como docente na área de Administração, onde me proporcionou e me proporciona, até hoje, reflexões sobre minhas experiências e aprendizagens, onde passei a atribuir um novo sentido e significado a esse movimento de ressignificação.

Podemos perceber e evidenciar que as narrativas ocasionam mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros, configurando como um processo profundamente emancipatório, oportunizando às pessoas uma forma de produzir sua própria formação, autodeterminando a sua trajetória (Cunha, 1997).

Torna-se importante ressaltar o destaque dado por Reis (2008, p. 20) ao referir-se sobre a importância das narrativas no desenvolvimento pessoal e profissional dos professores:

Os professores, quando contam histórias sobre algum acontecimento do seu percurso profissional, fazem algo mais do que registrar esse acontecimento; acabam por alterar formas de pensar e de agir, sentir motivação para modificar as suas práticas e manter uma atitude crítica e reflexiva sobre o seu desempenho profissional. Através da construção de narrativas os professores reconstróem as suas próprias experiências de ensino e aprendizagem e os seus percursos de formação.

Na intenção de identificar elementos que reforcem a importância das narrativas para a formação de professores, Gastal e Avanzi (2015, p. 150) nos apresenta o que emerge nos processos de produção de narrativas:

A produção da narrativa permite emergir aspectos da subjetividade que, à medida que dão sentido à experiência vivida, contribuem para a formação do professor. O ato de contar para outro proporciona a reconstrução da experiência formativa do autor e contribui para sua autocompreensão. Narrar em primeira pessoa dá abertura para a emergência de aspectos criativos e reflexivos; com isso, o ato de narrar tem repercussões sobre a qualidade da reflexão desenvolvida.

É válido ainda ressaltar a importância do método (auto)biográfico para a formação de professores, uma vez que valoriza a história de vida e passa a considerar alguns elementos formadores, que comumente são desconsiderados pelas abordagens clássicas, possibilitando que cada indivíduo compreenda a forma de como se apropriou desses elementos formadores, possibilitando um novo conhecimento sobre o homem social (Nóvoa, 2010).

Na tentativa de direcionar a minha carta para um fim (parcialmente falando), e com a sensação que muitas vivências, experiências e sentimentos foram suprimidas/censuradas, Cunha (1997), nos apresenta que o fato da pessoa evidenciar situações, suprimir episódios, reforçar influências, negar etapas, lembrar e esquecer, destacar momentos, tem muitos significados e estas aparentes contradições podem ser exploradas com fins pedagógicos.

Não poderia deixar de destacar o grande significado e relevância, que o retorno à Instituição, que me proporcionou o início de um despertar, me faz perceber que as minhas experiências docentes, foram e são construídas, sustentadas e recontextualizadas. A oportunidade em ingressar no Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico – MPET, do IFAM, em 2016, torna-se também um divisor de águas, pois propiciou descortinar um universo repleto de indagações e caminhos a percorrer.

E agora em 2022, tenho uma nova oportunidade de “voltar à casa” a possibilidade de participar do Doutorado Profissional em Ensino Tecnológico PPGET, permitindo ainda mais vivenciar, experienciar e me apaixonar pelo professorar, junto a uma turma eclética, nas diversas perspectivas, de profissionais docentes que percebem os novos desafios, compreendendo a complexidade que permeia os processos formativos.

Quando nos apaixonamos pelo que fazemos, conduzimos com amor e deixamos de lado o individual e surge o coletivo, em uma relação dialógica que exercita o ecletismo. A ciência/pesquisa se faz com parcerias e partilhas (agregando, cedendo, ensinando, estudando, compartilhando...). E é nesse ambiente do PPGET que temos a oportunidade de vivenciar isso na prática, somos seres únicos, somos diversos, somos ecléticos, cada um na complementariedade do outro.

Apresentar minha trajetória pessoal e profissional, me faz compreender a importância de perceber o percurso vivenciado, de forma que proporcione reflexões sobre nosso processo de formação, nos desafiando, todos os dias e em todos os espaços, frente ao novo e fazendo do desafio constante, o motivo de viver e ressignificar nossa história pessoal e profissional.

Somos seres em constante construção/transformação, onde a ciência se apresenta como esse labirinto de opções, com infinitas possibilidades, para nosso projeto de mudança. Se faz necessário continuar, se faz necessário buscar, se faz necessário RESSIGNIFICAR, uma vez que não temos e não devemos ter a resposta final, pois nossa conclusão é, e sempre será parcial. Precisamos nos permitir percorrer nossos sentimentos, vivências e experiências, para a construção de nosso processo formativo.

Mesmo com toda complexidade que envolve o tema sobre narrativas, destacamos a relevância do uso das narrativas na formação de professores, entendendo sua importância como instrumento de formação, pois através das narrativas, o professor vai descobrindo e percebendo os significados que tem atribuído aos fatos vivenciados ao longo de sua trajetória e, dessa forma, vai reconstruindo a compreensão que tem de si mesmo e (re) significando vivências anteriores.

REFERÊNCIAS

BETTI, Irene Conceição Rangel.; MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. História de vida: trajetória de uma professora de Educação Física. **Motriz. Journal of Physical Education**. UNESP, p. 108-115, 1997.

CAMPOS, Alessandra Tomé. **Narrativas de professores no ensino tecnológico**. 177 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, IFAM, Manaus, 2015.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY F. M. **Pesquisa Narrativa**: experiência e história em pesquisa narrativa. Universidade Federal de Uberlândia, 2011.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 23, p. 185-195, 1997.

DE ARRUDA MONTEIRO, Filomena Maria. Práticas de investigação narrativa com professores em exercício: contribuições significativas ao desenvolvimento profissional. **Revista Teias**, v. 15, n. 37, p. 118-129, 2014.

FREITAS, Lilliane Miranda; GHEDIN, Evandro Luiz. NARRATIVAS DE FORMAÇÃO: origens, significados e usos na pesquisa-formação de professores. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 10, n. 19, 2015.

GASTAL, Maria Luiza; AVANZI, Maria Rita. Saber da experiência e narrativas autobiográficas na formação inicial de professores de biologia. **Ciência & Educação**, v. 21, n. 1, p. 149-158, 2015.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói**: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008.

NEGRÃO, F. C. A constituição do sentir-se professor e a inteireza de si: tecituras (auto) biográficas. In: GONZAGA, A. M.; PONCIANO, N. P. **Conversando sobre formação de professores**: experiências biográficas como territórios de práticas pedagógicas. Manaus: Biblioteca do IFAM, 2022. p. 35-51.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

REIS, Pedro Rocha dos. As narrativas na formação de professores e na investigação em educação. **NUANCES: estudos sobre Educação**, p. 17-34, 2008.

CAPÍTULO 9

OS ESTRANHAMENTOS DE UMA PROFESSORA PESQUISADORA

**Da realidade (in)visibilizada aos (des)caminhos
trilhados**

Nataliana de Souza Paiva

O homem está no mundo e com o mundo. Se apenas estivesse no mundo não haveria transcendência nem se objetivaria a si mesmo. Mas como pode objetivar-se, pode também distinguir entre um eu e um não-eu. Isto o torna um ser capaz de relacionar-se; de sair de si; de projetar-se nos outros; de transcender. Pode distinguir órbitas existenciais distintas de si mesmo. (Freire, 1979, 15).

Pensar e refletir a própria prática é uma tarefa complexa, exige rigor e postura autocrítica, principalmente considerando o fato de estarmos envolvidos com o processo de trabalho no cotidiano escolar, de nossas vidas, de nossas construções e estranhamentos. Assim, falar de nossas vivências e experiências é desafiador, pois nos torna vivos, inconclusos e concretos, ao passo que revela nossa identidade, que se embebe de inúmeras possibilidades de transformação da própria práxis educativa por meio da pesquisa.

Escrever uma carta de si, provoca vários sentimentos, sobre eles que gostaria de escrever aqui, pois cada cena da vida carrega o intrínseco, o elemento que junta muitas partes aparentemente sem vínculos, mas que com o tempo ganham forma, direção, se transformam em atos. Esses atos, por suas vezes, potencializam novas relações humanas, ressignificando a nossa vida, produzindo novos acolhimentos, alimentando novas ideias, novos projetos, ousando fazer no mínimo diferente de outrora. Considerando que narrar de si rememora trajetórias de vida e de trabalho, atualiza saberes e redimensiona espaços de formação, aprendizagem, profissão e da própria condição docente (Câmara; Passeggi, 2013).

As vivências relatadas aqui são extraídas das experiências e vivências na história de uma pessoa que trabalhou desde os 14 anos na indústria no Polo Industrial de Manaus (PIM) nos anos 1991 até 1995 de onde trouxe vários elementos que coadunam de forma reflexiva com sua práxis formativa, pois se deparou na escolha de um curso de magistério logo no segundo grau, hoje conhecido como ensino médio, onde estudou por 4 anos os fundamentos da educação, do fazer docência para os anos iniciais do ensino fundamental com técnicas de aprendizagem, passando pelo momento do estágio supervisionado em escola pública e se fazendo trabalhadora em uma fábrica com o forte Taylorismo/Fordismo no seu cotidiano.

Mais tarde, quando ao terminar o ensino médio, houve a oportunidade de passar no concurso para o magistério e logo ser desafiada a trabalhar com uma turma de 1º ano do ensino fundamental, em escola pública, onde todos os estudantes estavam em distorção idade-série. Aqui eles e eu estávamos tentando nos encontrar e foi logo o primeiro momento que a professora pesquisadora apareceu diante de uma realidade (in)visibilizada de alegrias, fracassos, caminhos do professorar em meio aos saberes da docência.

Acaminhada na docência nos desafia a estudar, aprender, apreender e se desenvolver na prática e na pesquisa, como também imbuída de saberes. Para Tardif (2000) “[...] os saberes provêm de fontes diversas (formação inicial e contínua dos professores, currículo

e socialização escolar, conhecimento das disciplinas a serem ensinadas, experiência na profissão, cultura pessoal e profissional, aprendizagem com os pares etc.)” (p. 212).

Assim, na trajetória da docência surgiu a necessidade e o sonho de cursar a Licenciatura em Pedagogia que ajudasse a transcender a ideia de “tia” e de quem era uma professora sem ensino superior, no intuito de ser visibilizada como uma profissional da educação. Neste tempo, a necessidade se deu pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 23 de dezembro de 1996, onde ressalta a importância de professores dos anos iniciais terem a formação em pedagogia e o sonho é de ser a primeira pessoa na família a cursar o ensino superior e em uma universidade pública. Essas memórias enquanto fontes de pesquisas (Câmara; Passeggi, 2013) revelam o cenário apresentado a muitos professores dos anos iniciais da rede pública em todo o país, buscando/necessitando da formação continuada em serviço no final dos anos de 1990 e nos anos 2000.

A docência nos inspira, marca com hachuras e tramas na caminhada do professorar. Desta forma, vejo que a ideia é essa mesma, é importante o movimento, as brincadeiras com as palavras, a liberdade da reflexividade, tudo na forma, no ritmo do tempo de cada um, o tom de aprender a totalidade, o relacional, o cotidiano do fazer pedagógico vivido. Saber que precisamos mais de muito, é interessante, mas não é rápido, pois tudo tem seu tempo, desapego das imagens do passado, da imagem de si mesmo na construção do professor pesquisador, pois é relevante nos libertar dos modelos impostos e das convenções limitadoras.

Ser professora pesquisadora, com suas inquietudes, incompletudes, rupturas e conflitos, nos faz pensar que a pesquisa no processo de formação do professor se constitui como eixo central na (re) elaboração, aprendizagens e reinterpretação de novos saberes e conhecimentos da realidade educacional, pensando em novas formas de agir e de ser do mundo (Ghedin, 2009).

Na pesquisa, quanto mais nos perguntamos, temos a oportunidade de emergir caminhos na busca do nosso melhor naquele momento de aprendizado. Pois “o aprendizado é um processo complexo; não acontece de forma linear, por acréscimo, de modo a somar alguns novos elementos ao que sabíamos antes. Estrutura-se mediante redes de conexão que cada sujeito faz, [...]” (Cyrino; Toralles-Pereira, 2004, p.2)

Hoje, no componente curricular de Dimensões Paradigmáticas da Pesquisa e Tendências Investigativas no Ensino, no Programa de Pós-Graduação ao nível de doutorado, mais uma vez o fazer pesquisa, me desafia, pois foi apresentado enquanto proposta metodológica, escritas e leituras de cartas de si, a partir de memórias ontológicas, epistemológicas e metodológicas, que nos permite dialogar, ignorar, questionar, refletir, resistir e incorporar as experiências na narrativa de si (Mota, 2013), são novos tempos, novos olhares no campo da pesquisa.

Assim, as primeiras impressões quando os acadêmicos foram chamados a falar sobre a estrutura, a metodologia e o processo avaliativo, fiquei pensando, o que é isso? De que forma esse plano foi pensado? O que se quer da gente? Como dialogarei com o que venho fazendo no campo da pesquisa em educação e do professorar? E agora, parece que as pequenas certezas se transformaram em inquietações, dúvidas, movimentos, mexendo com o meu ontológico, epistemológico e metodológico.

Assim, percebo que há muitas transformações na minha maneira de compreender o processo de pesquisa e sobretudo o pedagógico. O que me transforma? Essa pergunta me desloca para uma grande questão que está intimamente relacionada com o fazer docente enquanto vou me questionando sobre o ato de pesquisar e de ensinar sendo sujeito da minha própria história.

Contudo, é imprescindível que tomemos cuidado com esse mundo tão especializado do saber humano decorrente dos avanços da produção do conhecimento em diferentes áreas da ciência, mesmo reconhecendo sua relevância não podemos deixar de refletir criticamente sobre esse processo, para não nos fecharmos num mundo à parte, muitas vezes encastelado. Não estamos negando a importância do saber especializado nem fazendo um discurso apologético ao generalismo acadêmico, longe de mim essa maneira de pensar.

A especialização do conhecimento provoca um distanciamento entre as formas do saber humano e seus saberes tradicionais, a qual não podemos deixar de refletir. Nesta perspectiva, a extrema especialização pode provocar incomunicabilidade e fragmentação do saber, surgimento de comunidades que se “[...] fecham cada vez em seu esoterismo de linguagem e de códigos, gerando ‘guetos culturais de técnicos e especialistas’, que produzem saberes sempre parciais e setorizados (Vargas Llosa, 2009, p. 21).

Portanto, a intenção aqui é realizar uma retomada de questões mais relevantes, procurando refletir sobre as vivências e experiências (in)visibilizadas nos (des)caminhos trilhados de uma professora com estranhamentos, que problematiza, se habitua, se transforma, se encontra e desencontra, se constrói e desconstrói na caminhada da pesquisa.

REFLEXÕES E ALGUMAS LIÇÕES

Partindo das expectativas do processo pedagógico mergulho num universo de aprendizagens, conflitos, angústias e realizações no campo profissional, no desenvolvimento pessoal e de pesquisa, num exercício contínuo e dinâmico de reflexão sobre a própria prática e de uma prática pedagógica reflexiva e propositiva a partir da pesquisa.

A esse respeito, à atuação como professora pesquisadora serve de inspiração para novas metodologias de ensino e aprendizagem, estímulos ao pensamento reflexivo, exigindo uma (re)(des) construção de conhecimentos e práticas enquanto formadora, que

me permitiu ser mais consciente do meu próprio fazer ontológico, epistemológico e metodológico diante de desafios e dificuldades que foram surgindo.

Esse processo de professora pesquisadora se constrói marcado por rupturas e contradições, enquanto vamos nos fazendo e redefinindo nossa maneira de pensar e agir, uma condição essencial para desenvolver uma práxis¹ comprometida e com maior engajamento. Onde cerne da questão está no exame consciente de nosso papel como professor pesquisador em eterna formação.

A partir da pesquisa as próprias bases teóricas e metodológicas assumem novas dimensões e a visão pedagógica se tece numa práxis mais dialógica, na construção com o outro. Sem dúvida, o aprendizado é na sua essência um processo complexo, não acontece de forma linear, por acréscimo, de modo a somar alguns novos elementos ao que sabíamos antes. A compreensão da realidade, também é sustentada pela reflexão teórica, e isso é uma condição necessária para a prática transformadora, ou seja, a práxis. Nesse sentido,

entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere um trabalho de educação das consciências, de organização dos meios materiais e planos concretos de ação; tudo isso como passagem indispensável para desenvolver ações reais, efetivas. Nesse sentido uma teoria é prática na medida em que materializa, através de uma série de mediações, o que antes só existia idealmente, como conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação. (Vazquez, 1977, p. 207)

Considerando a práxis como ação transformadora do homem sobre o mundo, o que significa não apenas atividade prática, mas atividade prática sustentada na reflexão, na teoria, Vazquez (1977) postula a práxis criadora, uma práxis indispensável para produzir a ação transformadora.

Nessa perspectiva, posso afirmar que a postura reflexiva sempre marcou minha formação e postura profissional enquanto professora, porém agora essa reflexão. Em outras palavras, a partir das experiências vividas, assimilo mais lucidez científica e clareza pedagógica dessa práxis educativa, se permitindo ao crescimento do professor pesquisador, do profissional de educação, onde me sinto autora e atriz de uma ação, sendo um ato reflexivo que me capacita o pensamento e dá novos sentidos para minha práxis pedagógica. Para Alarcão,

[...] a reflexão é “uma forma especializada de pensar”, pois “implica uma prescrutação activa, voluntária, persistente e rigorosa daquilo em que se julga acreditar ou daquilo que habitualmente se pratica, evidencia os motivos que justificam as nossas acções ou convicções e ilumina as consequências a que elas conduzem” (1996, p. 175).

Diante desse contexto, as minhas percepções como professor pesquisador são continuamente redimensionadas numa perspectiva reconstrutiva, são inventadas no diálogo e na produção de novos significados, são feitas e refeitas na própria ação criadora, numa consciência ativa ao longo processo.

¹ Práxis é uma palavra comumente utilizada como sinônimo ou equivalente ao termo “prático”. No sentido que lhe atribui o marxismo, práxis diz respeito a “atividade livre, universal, criativa e auto-criativa, por meio da qual o homem cria (faz, produz) e transforma (conforma) seu mundo humano e histórico a si mesmo” (Dicionário Marxista).

PROCESSOS (IN)VISIBILIZADOS AOS (DES)CAMINHOS TRILHADOS DE PESQUISA

Lembro-me que no mestrado em educação na linha de políticas públicas, onde discuti o projeto político-pedagógico de escolas municipais, onde a gestão da educação e da escola estavam latentes com o recorte histórico do final dos anos 2000, onde tive a oportunidade de estudar epistemologias da pesquisa em educação na agenda Objetividade - entorno controlado isolado; Subjetividade – entorno de contexto, cenário, interativo; e da Concreticidade – entorno das condições históricas materiais (Gamboa, 2001).

Ainda neste sentido, de acordo com Gatti (2012) no movimento de novas construções na pesquisa em educação, ainda se coloca o problema das formas e meios de levantamento de dados, dos modos de inserção do pesquisador no contexto da pesquisa e sua relação com os pesquisados e com o objeto de pesquisa. Ainda para Gatti (2010) existem quatro pontos relevantes na aproximação do real destacando o cotidiano, estudos etnográficos, domínio bibliográfico, dicotomia entre qualitativo e quantitativo. Então, a questão epistemológica e metodológica estava voltada para uma linha histórico crítica.

Para mim, vivenciar a pesquisa tornou-se um momento de grande desafio enquanto professor pesquisador, uma vez que se precisa investigar e indagar a realidade, articulando recursos metodológicos apropriados e subsidiados à construção objetiva das argumentações, ou seja, descristalizar e reconstruir conhecimentos a partir do real.

Também, nesse momento da pesquisa me trouxe em um lugar de fala onde a ciência e seu desenvolvimento acontecem por meio de uma metodologia consistente. Por conta disso, a pesquisa tem como desafio ao investigador conhecer os problemas que cercam a investigação e assim equipa-se dos instrumentos adequados para estudá-lo. Nesta perspectiva, a essa linha de raciocínio para Chizzotti (2006, p. 11) afirma que:

Para esta atividade o investigador recorre à observação e à reflexão que faz sobre os problemas que enfrenta, e à experiência passada e atual dos homens na solução destes problemas, a fim de munir-se dos instrumentos mais adequados à sua ação e intervir no seu mundo para construí-lo adequados à sua vida.

Contudo, sabendo dos limites que sempre podem advir na aproximação do real, traçou-se como fundamento na pesquisa do mestrado o processo qualitativo de discussão teórico-prática por meio do método histórico-crítico por compreender a educação como um processo dinâmico no plano da realidade, no plano histórico, e sob trama de relações contraditórias e conflitantes (Frigoto, 2001).

Desta forma, tenho refletido muito sobre minha experiência enquanto professora pesquisadora, incluindo a autoavaliação no campo do trabalho, da formação, da autoformação, como educador em formação, inconcluso por natureza ontológica, epistemológica, metodológica, social e pedagógica, ainda que profissional atuante como docente que vem se permitindo ao exercício do fazer reflexivo e da reflexão na ação.

Assim, a possibilidade da narrativa enquanto dimensão epistêmico-metodológica para falar desta caminhada, nos oportuniza olhar de forma sensível à subjetividade humana, considerando um encontro entre o pesquisador-sujeito-colaborador das (re) significações das experiências pessoais, na relação com o outro e com o contexto social, valorizando a singularidade, onde pessoas passam de objeto das análises para sujeitos protagonistas da investigação (Souza; Meireles, 2018).

Nessa atmosfera de ansiedades e receios, o novo é desconcertante e perturbador para todos nós e desestabiliza nosso porto seguro. Diria que a saída encontrada é refletir a incompletude errante da professora pesquisadora que gradualmente se familiariza, se solta e se permite as diversidades e as novas experiências.

E foi nesse momento que pensar o professor pesquisador que meados dos anos de 2010 que venho me envolvendo com a questão da avaliação em larga escala do ensino superior e depois na educação básica. Onde fui convidada para trabalhar nas análises estatísticas e pedagógicas de itens de testes cognitivos, onde coloquei mais uma vez a professora pesquisadora me desafiando na área da psicometria e estatística, pois no campo da aprendizagem pela formação já fazia parte dos meus estudos.

Concomitante a esse processo, me vi inquieta, pois não dava para pensar na avaliação sem pensar na formação do professor, agora entrou em cena os caminhos de outras metodologias, de outras formas de ensinar e de aprender, inclusive pensando a pedagogia como ciência da educação no ensino de engenharia. Hoje, no PPGT me vejo desafiada em pensar um caminho metodológico para o ensino tecnológico.

Voltando a questão inicial, retomemos o olhar ao professor pesquisador que por excelência me torna aprendiz, onde o meu eu humano, se permitiu fazer o percurso e aprender o caminho na própria travessia, no próprio caminho. Eis o encanto, que me provoca o fascínio. A travessia também se marca pela insegurança, medo, angústia, mas essencialmente rica de descobertas, de novos caminhos, sinalizando futuras travessias.

O ser não pode ser compreendido se não como um ser de relações que se constrói em relação consigo e na relação com o outro. Tudo isso nos leva a pensar que essas relações se dão por meio da formação, da pesquisa, dos aprendizados, das vivenciadas enquanto educadora ao longo do nosso processo de autoformação, nas idas e vindas, com muitos obstáculos, mas também com muitas alegrias.

Neste sentido de estranhamentos, de campos (in)visibilizados e (des)caminhos na construção de uma professora pesquisadora, vejo minha prática pedagógica tecida por essa inquietude, feita muito mais de desejos, buscas, trocas e entregas. “[...] feita através da “[...] experiência e da reflexão sobre a experiência. Esta reflexão não surge do nada, por uma espécie de geração espontânea. Tem regras e métodos próprios”. (Nóvoa, 2003, p. 5).

Os processos fundamentais da prática pedagógica são feitos de maneira compartilhada, em diálogo profundo, na relação com os outros. Somos mais e aprendemos mais na interação e acompanhados um do outro e coletivamente, assim a elaboração desta carta de si se faz em um momento de inquietude, de incerteza, de busca, da errância, no movimento.

Diante dos estranhamentos de uma professora pesquisadora percebo que os saberes são temporais (Tardif, 2000), se desenvolvem na compreensão de diferentes manifestações, de vivências e experiências no processo de construção da identidade docente.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. Ser professor reflexivo. *In*: ALARCÃO, I. (Org.). **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Porto Editora, 1996, p. 171-189.

CÂMARA, S. C. X.; PASSEGGI, M. C. Memorial autobiográfico: uma tradição acadêmica no Brasil. *In*: PASSEGGI, M. C.; VICENTINI, P. P.; SOUZA, E. C. (org.). **Narrativas de si e formação**. Curitiba: CRV, 2013.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CYRINO, E. G.; TORALLES-PEREIRA, M.L. Trabalhando com estratégias de ensino-aprendizado por descoberta na área da saúde: a problematização e a aprendizagem baseada em problemas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 20(3):780-788, mai-jun, 2004.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

FRIGOTTO, G. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. *In*: FAZENDA, I. (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GAMBOA, S. A. S. A dialética na pesquisa em educação. *In*: FAZENDA, I. A. (Org.) **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GATTI, B. A. **A construção da pesquisa em educação do Brasil**. Brasília, Editora Plano: 2002.

GATTI, B. A. A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, [S. l.], v. 28, n. 1, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpaee/article/view/36066>. Acesso em: 21 jun. 2022.

GHEDIN, E. Tendências e dimensões da formação do professor na contemporaneidade. **4º Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar**. Universidade Estadual de Londrina. Londrina, junho de 2009.

MOTA, K M. S. A escrita de si nos tempos formativos da pós-graduação: leituras entrecruzadas de memoriais acadêmicos. *In*: PASSEGGI, M. C.; VICENTINI, P. P.; SOUZA, E. C. (org.). **Narrativas de si e formação**. Curitiba: CRV, 2013.

NÓVOA, A. **Novas disposições dos professores**: A escola como lugar da formação. Adaptação de uma conferência proferida no II Congresso de Educação do Marista de Salvador (Baía, Brasil), em Julho de 2003. Disponível em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/685/1/21205_ce.pdf. Acesso em: 03 de setembro/ 2022.

SOUZA, E. C.; MEIRELES, M. M. de. Viver, narrar e formar: diálogos sobre pesquisa narrativa. NAKAYAMA, B. C. M. S.; PASSOS, L. F. (Orgs.). **Narrativas, pesquisa e formação de professores**: dimensões epistemológicas, metodológicas e práticas. Curitiba: CRV, 2018.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade** [online]. 2000, v. 21, n. 73 [Acessado 6 Outubro 2022] , pp. 209-244.

VARGAS LLOSA, M. É possível pensar o mundo moderno sem o romance? *In*: MORETTI, F. (Org). **O Romance**, vol. 1: A cultura do romance. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

VAZQUEZ, A. S. **Filosofia da Práxis**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977.

CAPÍTULO 10

A PESQUISA CIENTÍFICA E A CONSTRUÇÃO CONSTANTE DE UM PROFESSOR

Paula Gabrielly Freire Jacyntho

O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis.

José de Alencar.

Buscar significado para entender as escolhas da vida é, sem dúvidas, uma tarefa difícil, porém importante para que um sujeito seja capaz de traçar metas, entender os porquês, aceitar os desafios cotidianos, buscar transformações e alcançar o aperfeiçoamento, sem esquecer que, enquanto ser humano, independente dos seus apontamentos, estará em constante construção consigo, com sua sociedade e com o mundo. A busca pela significância envolve, acima de tudo, uma visão holística sobre sua trajetória de vida, um enfoque construtivista nas questões que envolvem as vivências e experiências adquiridas ao longo da vida e a necessidade de entender o real sentido das adaptações impostas à nós em cada fase da construção do conhecimento.

Tentar narrar a própria história faz o indivíduo repensar seu próprio posicionamento enquanto ser humano, que dentro de suas próprias questões, nas próprias indagações, especialmente aquelas que reforçam a formação enquanto educador e suas atribuições, as quais refletem os frutos de sua própria vida (Nóvoa; Finger, 2010).

A narrativa de si e de suas experiências é o expressar da busca pelas respostas do seu eu e de suas transformações, pois narrando o mesmo se torna coautor de sua vivência. Para que haja compreensão real dos fatos o sujeito percorre diálogos formadores intensos, criando vínculos entre consigo e com os indivíduos que percorreram sua história, tornando o que se conhece como sujeito relacional (Camasnie, 2007).

Nossa jornada de vida, contada em pequenos recortes históricos, deduz uma longa caminhada nas trilhas da educação, começando pelos fatores que nos transformaram em ser o que somos. Mais desafiador é tentar lidar com as inquietações que surgem com o passar do tempo e, com isso, enxergar as necessidades de transformação e conscientização que são de fato necessárias. Buscar resiliência diante de situações caóticas, as quais foge de nosso controle, é uma forma de superação diante da manifestação de pensamentos. Assim, formam-se professores pesquisadores, capazes de contribuir com a busca pela ciência em favor das metamorfoses sociais e com a formação de pensamento crítico-construtivo capaz de gerar significado diante do que ensina e para quem ensina.

Junqueira e Deslandes (2003) afirmam que a resiliência é um ato fenomenológico advindo de condições adversas que:

[...] se coloca como uma possibilidade [humana] de superação num sentido dialético, isto é, representando um novo olhar, uma ressignificação do problema, mas não o elimina, pois constitui parte da história do sujeito. O caráter contextual e histórico da resiliência se expressa seja do ponto de vista biográfico, seja do conjunto de interações dadas numa cultura determinada (Junqueira; Deslandes, 2003, p. 235).

Assim, surge a minha história que, apresentada em recortes, porém em uma linha do tempo contínua, retrata a construção de uma professora de biologia, engajada na formação cognitiva, no conhecimento e na perspectiva de criação de mentes capazes de mudar a realidade através do protagonismo.

Mas para começar a contar breves momentos desta trajetória não poderia deixar de me apresentar, ou pelo menos tentar passar uma imagem de mim para meu leitor, já que falar de si requer tantos atributos. Meu nome é Paula Gabrielly Freire Jacyntho, tenho 31 anos, sou graduada em Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário do Norte - Uninorte. Ao concluir estes cursos, me engajei em uma Pós-Graduação em Análises Clínicas pela Universidade Estácio do Amazonas, no ano de 2015, despertando a curiosidade (agora bem mais aguçada) em me aprimorar nos conhecimentos do campo da saúde, com o objetivo de levar em forma de conhecimento a dualidade saúde – educação, entendendo a real importância e interdependência que estas áreas exercem nos ambientes formadores. Assim, iniciei minha segunda formação e, em 2021, concluí a graduação em Bacharelado em Farmácia, sendo no ano de 2022 reconhecida pelo Conselho Federal de Farmácia como Membro atuante na esfera farmacêutica.



Fonte: Arquivos pessoais

Voltando de forma breve às memórias que construí, principalmente no período do Ensino Médio, desbloqueio lembranças de profissionais que me inspiraram a acreditar que a educação é um fenômeno transformador. Como todo aluno, perpassei grandes desafios para que pudesse alcançar uma aprendizagem significativa, que pudesse somar no percurso profissional ainda a ser trilhado e, mesmo assim, obtive êxito nas Olimpíadas Escolares, aprovação em vestibulares públicos, reconhecimento por cada esforço investido na corrida pelo sucesso profissional. Como sempre enfatizei e continuo afirmando: A soma dos esforços da família em conduzir um jovem pelas trilhas do saber e da curiosidade em aprender cada vez mais, faz diferença no trabalho de uma escola engajada no ensino, no compromisso com a sociedade e na responsabilidade em se formar grandes profissionais capazes de contribuir com o crescimento do seu país, atuando no protagonismo das problemáticas ainda a serem resolvidas em diversos campos de atuação, dentre eles a educação.



Fonte: Arquivos pessoais

Para começar o relato das minhas experiências enquanto docente, a escolha pela licenciatura inicia de forma bem desmistificada, pautada na ideia de trabalhar com pesquisa científica voltada a minha área de formação, porém, neste momento, sem conexão com a transmissão de informações pelo ensino. Estudar biologia no início da minha carreira profissional se resumia na produção de protocolos e elucidação de metodologias utilizadas em laboratório, para fins biotecnológicos, botânicos, genéticos, ecológicos, fisiológicos e assim por diante. Era “fazer pesquisa” e publicar.

Mas com o passar do tempo começaram a surgir as interrogações, sendo algumas delas: Por que pesquisar, estudar, levar ao conhecimento da sociedade? Em que momento eu posso deixar de transmitir informações científicas soltas e transformar todo esse conhecimento em modelo significativo para a sociedade? Como essas informações chegam ao conhecimento daqueles que responsabilizamos pelo “futuro da nossa nação, nossos estudantes”? A partir destas indagações, mesmo sem perceber já se construía em mim, um ser professor, e mais ainda, um professor pesquisador.

Diversos fatores ainda limitantes e falta de metodologias inovadoras em sala de aula ainda criavam fronteiras para que tais perguntas fossem respondidas. E todas as indagações feitas até este momento se tornaram mais esclarecedoras ao iniciar os estágios docentes no Colégio Brasileiro Pedro Silvestre, no Centro de Manaus. Ao longo de quatro estágios com turmas de 9º ano do Ensino Fundamental, trabalhei o Componente Curricular de Ciências, onde visivelmente acompanhei a realidade do ensino atrelado aos conteúdos do livro didático, ainda muito ausente da aproximação com o campo científico. As inquietações aumentavam significativamente a cada aula, ao questionamento de cada aluno, a cada material utilizado, aos artefatos que não eram levados para a sala de aula e, diante da visão caótica e limitada do ensino, me encontrei totalmente submersa nas grandes questões que envolvem a educação. Assim, orgulhosamente, me enxerguei e me tornei Professora.

Não poderia esquecer da importância da família em todo este construto profissional docente que se desenvolveu ao longo da minha vida. Acompanhei por toda infância e adolescência as atividades profissionais do meu pai que trabalhava em laboratório, realizando experimentos químicos para o alcance do controle de qualidade de produtos alimentícios na indústria. Na condição de químico, o mesmo me aproximou da pesquisa científica através do contato físico e precoce com os ensaios biológicos. Cada vidraria que tocava, cada teste de pureza que eu acompanhava, cada “bichinho” que eu via crescer naquelas “placas de vidro”, cada reação química construiu parte bióloga, parte farmacêutica que exerço atualmente.

Diante desta fala, Demo (2004); Brito (2011) preconizam a importância da família na construção do ser social transformador da realidade de sua sociedade, contribuindo para que a família trabalhe em consonância com a escola, em prol do sucesso escolar do sujeito. Belucci (2009), analisando o contexto família-escola, enfatiza a importância da família no despertar do interesse do estudante em “querer aprender”, superando dificuldades e criando caminhos de encontrar satisfação em aprender. A família, acima de tudo, deve ser o alicerce e o guia na vida escolar de seus filhos.

Meu primeiro grande trabalho alinhando pesquisa e educação e um dos mais importantes foi no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA, no laboratório de Bioprospecção e Biotecnologia, desenvolvendo pesquisas no campo fitoquímico em busca da descoberta de produtos naturais. Ao longo dos trabalhos desenvolvidos desenvolvi minhas habilidades em ensaios biológicos, cultivo de microrganismos e preparação de extratos de plantas amazônicas, as quais passavam por análises em equipamentos de ponta e de alta qualidade/eficiência, no intuito de elucidar novas substâncias que pudessem ser utilizadas na produção de novos compostos farmacológicos e cosméticos. Nesse percurso também desenvolvi estudos com fungos Endofíticos, o que de fato mais me deu prazer em trabalhar toda a minha vida. Tenho certeza que cada pedaço de amor que tive na minha carreira eu depusitei na descoberta de fungos Endofíticos. Foi assim que meu segundo trabalho surgiu, o trabalho de conclusão de curso do meu bacharelado em Ciências Biológicas: Isolamento e identificação de fungos Endofíticos de *Carapa guianensis* e seu estudo fitoquímico



Fonte: Arquivos pessoais

Concluindo três longos anos de jornada na pesquisa científica, tive a minha primeira grande oportunidade de transmitir o conhecimento para um ambiente escolar. Assim, em 2014 recebi a oportunidade de trabalhar como professora dos Componentes Curriculares de Ciências e Biologia, em uma escola particular na zona Oeste de Manaus, desenvolvendo o trabalho docente com turmas de ensino Fundamental e Médio. Iniciando oficialmente minha carreira como professora, buscava a autoformação através da vivência adquirida com tantas personalidades distintas. Através da oportunidade de levar para a sala de aula todo conhecimento pronto até então, desenvolvi projetos importantes para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, propondo um modelo de educação pautado nas necessidades que identificava como as mais severas no início da graduação em Ciências Biológicas, com os estágios docência.

Nascimento (2011) enfatiza que a auto formação é:

É um aprendizado de si, em toda a sua totalidade, do ser paradoxal, ambivalente, contraditório ao que somos e que se move, mobiliza e aprende. [...] É uma busca de compreensão do mundo e de si, expressa em uma forma singular de interpretar a vida, constituinte de identidades que se movem e formam-se ao longo de toda a existência. Reconhecer nesta busca o status de ator/atriz e autor/autora de si enquanto ser em formação insere-se em reconhecer-se como produtor e produtora de seu próprio saber. Uma necessidade existencial revelando-se como proposição (p. 29).

Mesmo vencendo os desafios do trabalho escolar alinhado à tantas outras responsabilidades, conseguia aglutinar mais conhecimento para meus alunos, o que despertava a curiosidade deles. Envolvidos pelos novos projetos desenvolvidos na escola, me tornei referência para que muitos, durante o período de vestibular, quisessem seguir carreira como docente, como pesquisador, como profissionais de saúde.



Fonte: Arquivos pessoais

Naquele momento conseguia realmente enxergar o verdadeiro valor do professor na sociedade e seu papel transformador, trazendo ressignificação para minha formação enquanto professor, pois repensar nossa formação exige uma reflexão capaz de buscar quem somos ao longo das experiências, sejam elas boas ou desafiadoras.

De acordo com Gonzaga (2022):

A autoformação no processo de formação da consciência exige pensar a formação docente a partir do próprio professor. Os limites apontados indicam não apenas possibilidades de investimento no campo da formação docente inicial ou continuada, mas também necessidades de repensarmos nossa própria formação, independente da área ou campo de atuação. É importante o reconhecimento desse professor reflexivo e que evolui no processo da autoformação, haja vista que, percebemos, aprendemos e entendemos nesse processo quem somos e quem podemos nos tornar ao longo de nossas experiências, de nossa história de vida. Tudo se constrói e se reconstrói por meio das experiências vivenciadas e do sentido que emerge do que se constrói (Gonzaga, 2022, p. 84)

Na tentativa de levar o conhecimento científico para outras dimensões, trabalhei em ramos diferenciados levando as ciências biológicas como propósito de ensino e pesquisa para outros setores, além dos muros escolares, buscando construir outros ambientes como espaços de formações continuadas. Assim, desenvolvi pesquisa na indústria, no laboratório, no ramo ambiental, desenvolvendo protocolos de pesquisa e ensino nas áreas de controle de qualidade, microbiologia, meio ambiente e sustentabilidade, assessoria e outros campos de aplicação.



Fonte: Arquivos pessoais

E no meio de toda essa “busca científica” que não cessava, tive uma grande surpresa: Eu realmente tinha sido reconhecida como profissional de educação ao ser aprovada no concurso da Secretaria de Educação e Desporto do Amazonas, em 2018, assumindo o cargo de professor de Biologia nas Escolas Estadual Ângelo Ramazzotti e Francisco das Chagas de Souza Albuquerque. Considero este momento como o mais desafiador da minha vida, pois diante de tantas missões que já vinha cumprindo no ramo da educação e a aprovação no certame público, também estava me tornando mãe, ou seja, a designação para assumir responsabilidades ímpares no meu caminhar.

Ao iniciar as atividades nas escolas públicas ao qual fui designada, observei de perto a realidade do professor com poucos recursos, poucas intervenções didáticas, pouco acesso às interações digitais, a falta de investimento na construção de um saber significativo na vida dos estudantes. Até o momento, mesmo tendo me descoberto como docente e identificado muitos paralelos ao longo do caminho, ainda não havia me deparado com a gestão de emoções, a ponto de parar e analisar o lado humano e os percalços que cada estudante enfrentava ao longo de sua jornada, como também enfrentei no início da minha jornada. Portanto esse período foi marcado pelo início da pandemia do COVID-19 no mês

de março de 2020, onde as escolas tiveram suas portas fechadas em detrimento ao distanciamento social. Foi o período que de fato me vi na função de educadora e compreendi que educar perpassa as paredes da escola. Educar é para a vida.

O período pandêmico, além de me ensinar a administrar emoções e lidar com o caos e o ensino ao mesmo tempo, me advertiu também para a necessidade de aprimoramento aos recursos digitais que necessitava naquele momento para lecionar. Na prática, aprendi o processo de operacionalização de diversos artefatos digitais que levavam o conhecimento aos lugares com mais difícil acesso. Observando as necessidades que tinha como professora naquele momento, decidi me candidatar à seleção de Pós Graduação do Instituto Federal de Ciência, Tecnologia e Inovação do Amazonas, para o curso de Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico, pelo Programa de Pós – Graduação em Ensino Tecnológico – PPGET, no ano de 2021. Após todo processo de seleção iniciei as atividades do mestrado em março de 2022 e atualmente desenvolvo um projeto de dissertação voltado para o desenvolvimento de recursos de baixo custo para a promoção do ensino e pesquisa nas escolas, a partir da extração de óleos essenciais.

Buscar a formação continuada permitiu, com soma de todas as vivências e experiências relatadas nestes pequenos fragmentos, abrir as portas do conhecimento e passar pela gestão da Escola Ângelo Ramazzotti e chegar até a formação de Educação de Jovens e Adultos, no qual eu desenvolvo a educação através da pesquisa, atuando na escrita de propostas curriculares e projetos integradores na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, dentro da gerência de atendimento a educação especial e diversidade – GAEED/CEJA, pela Secretaria de Educação e Desporto do Amazonas – SEDUC/AM.

E ao longo de todo este trajeto, surgem todos os dias indagações, dificuldades, dúvidas incontáveis e o medo de insistir em muitas empreitadas. Certamente o medo é desafiador ao ser humano, mas viver as experiências e construir histórias que certamente marcarão a caminhada de outros sujeitos é gratificante. Nos vemos como seres humanos em constante construção, no processo de ressignificação mútuo e na responsabilidade de dar continuidade ao aprendizado sem fim. São nos medos, nas fraquezas, nas quedas, nos sorrisos, nas reciprocidades, em cada letra escrita, em cada frase construída, em cada mapa traduzido, em cada experimento científico que contribuímos para a mudança dos paradigmas que norteiam a educação que hoje por vezes nos confronta. Nossos anseios que se transformam em constantes expectativas são fruto de nossa persistência enquanto formador e parte de um pensamento que se pauta em fazer uma parte, a fim de construir um “todo”.

Por isso, nesta pequena e singela narrativa, na busca de construir um professor pesquisador, capaz de fazer diferença nas questões educacionais, fecho meus pensamentos um tanto eufórico e ansioso em lembrar momentos tão importantes do meu caminhar com a canção de Sérgio Reis, chamada Tocando em Frente, que diz:

Ando devagar porque já tive pressa
e levo esse sorriso porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe
Só levo a certeza de que muito pouco eu sei, ou nada sei.

(Trecho música: Tocando em Frente - Sérgio Reis).

REFERÊNCIAS

BRITO, B. M. **Educação e família**: desafios e enfrentamentos na sociedade atual. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Oeste Paulista - UNOESTE, Presidente Prudente, SP, 2011.

BELUCCI, L. P. **Interação da família com a escola**: desafios atuais. Dissertação (Mestrado) em Educação – Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente – SP, 2009.

CAMASMIE, A. T. **Narrativa de histórias pessoais**: um caminho de compreensão de si mesmo a luz do pensamento de Hannah Arendt. Programa de Pós graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica. (Dissertação de mestrado), São Paulo, 2007.

DEMO, P. **Sociologia da educação**: sociedade e suas oportunidades. Brasília, DF: Plano, 2004.

GONZAGA, A. M.; PONCIANO, N. P. **Conversando sobre formação de professores**: experiências biográficas como territórios de práticas pedagógicas. Manaus: Biblioteca do IFAM, 2022.

JUNQUEIRA, M. F. P. S.; DESLANDES, S. F. Resiliência e maus tratos à criança. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, n. 1, p. 227-335, 2003.

NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDU-FRN, 2010.

NASCIMENTO, I. C. C. **Autoformação como Exercício do Tornar-se educador(A)**: uma reflexão sobre autoralidade e microestética do cotidiano. Dissertação (Mestrado em Educação: Metodologia do Ensino) Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas/SP, 1989.

CAPÍTULO 11

FRAGMENTOS DA CONSTITUIÇÃO DO PROFESSOR- PESQUISADOR

O audiovisual no universo da pesquisa (auto)biográfica

Ercilene do Nascimento Silva de Oliveira
Felipe da Costa Negrão
Amarildo Menezes Gonzaga

O PONTO DE PARTIDA

Eu poderia entender por sensação, primeiramente, a maneira pela qual sou afetado e a experiência de um estado de mim mesmo (Merleau-Ponty, 2018, p. 23).

Afetar significa abalar, inquietar, impressionar, tocar, entre outros sinônimos que possam atribuir sentido à palavra. No processo de desenvolvimento dessas acepções, um grupo de professores, que atuam como discentes de mestrado e doutorado em Ensino Tecnológico, decidiu estabelecer diálogos reflexivos em forma de cartas (auto)biográficas, as quais foram transformadas em um produto audiovisual. No arcabouço teórico de Merleau-Ponty (2018), a sensação é considerada um fator primordial para o estado da experiência humana. Segundo o filósofo francês, o que é percebido não se trata apenas de uma impressão pura, mas sim de um objeto de percepção composto por fragmentos de matéria, que são constituídos por um conjunto de vivências.

“Fragmentos” foi a palavra escolhida para dar sentido ao trabalho pedagógico desenvolvido a partir de cartas (auto)biográficas, tornando-se título e horizonte para a composição do roteiro do documentário. Esse roteiro foi vivificado e (trans)formado em um produto audiovisual com vinte e cinco minutos de duração, narrando porções de vida-formação de estudantes que assumiram a condição de autores e atores de suas próprias histórias. Eles narraram episódios significativos sobre a experiência de se sentir professor-pesquisador.

Com o propósito de entrelaçar histórias por meio de relatos no contexto audiovisual, o ponto de partida foi o ano de 2022 e a disciplina “Dimensões Paradigmáticas da Pesquisa e Tendências Investigativas no Ensino”, oferecida pelo Programa de Pós-graduação em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (PPGET/IFAM), no Campus Manaus Centro (CMC), localizado na capital do Amazonas. Essa experiência foi vivenciada por 27 pessoas, sendo 12 doutorandos e 17 mestrandos do referido curso, que se uniram em um modelo multidisciplinar.

A proposta de escrita, por meio de cartas (auto)biográficas e documentário, foi delineada em quatro etapas. No primeiro movimento, ocorreu a elaboração da “carta de si”, na qual os participantes exploraram seus sentimentos, vivências e experiências nas dimensões ontológica, teórico-epistemológica e metodológica. O objetivo era revelar o processo (auto)formativo de se sentir professor-pesquisador no contexto profissional. A primeira carta foi enviada a um destinatário específico, que, ao ler a mensagem, deu início à segunda fase do processo.

No segundo momento da dinâmica, ocorria a etapa da “carta do/para o outro”. Nessa fase, os participantes escreviam uma segunda carta, desta vez dirigida a um colega de docência, buscando despertar emoções por meio das palavras escritas e refletidas. No processo proposto pela atividade, ao receber a carta do colega, o interlocutor estabelecia o

contato e respondia por escrito, compartilhando suas impressões, reflexões e relato pessoal sobre a carta recebida.

Seguindo o procedimento estabelecido, o terceiro estágio consistiu na triangulação com um terceiro elemento e na elaboração da “carta de si/do outro para o outro”. Nessa fase, houve uma complementação das vivências e experiências entre os participantes. Como ato finalizador, as relações estabelecidas a partir das vivências e experiências dos vinte e sete participantes foram conectadas em um único documento, denominado “carta unitária”.

A busca pelo diálogo reflexivo permeou a proposta, através de interações que valorizaram a diversidade de pensamentos, histórias e vidas, fundamentando a construção coletiva de emoções. Inspirados por Larrosa (2014), os professores em formação utilizaram a escrita de si como meio de movimentar a experiência em palavras para o universo do vídeo. Conforme descrito pelo autor em sua obra “Tremores”, esse processo permitiu ao grupo libertar-se de verdades pré-concebidas e perceber que eram capazes de ir além das vivências anteriores.

Com o objetivo de promover reflexões e mudanças no percurso formativo dos participantes, decidiu-se materializar as cartas (auto)biográficas na forma de um documentário, a fim de concretizar as experiências vividas. O uso do recurso audiovisual combinou elementos narrativos com experiências do cotidiano docente, proporcionando uma abordagem diferenciada e envolvente para a aquisição de conhecimento.

Segundo a visão de Ramos (2008), o termo “documentário” refere-se a uma narrativa na qual a assertiva estabelece uma relação entre os enunciados e o mundo histórico. Para o autor, isso cria uma distinção entre os produtos audiovisuais de ficção e as narrativas documentais. Além disso, de acordo com o pensamento de Ramos (2008), o documentário é um produto que envolve a intenção do diretor, juntamente com o tema central que orienta os percursos apresentados nas cenas. No caso específico de “Fragmentos”, a temática que guia a leitura é a história de vida dos vinte e sete atores da produção, que atuam como professores-pesquisadores.

Diante disso, compreendemos que a educação é um processo dinâmico em busca de novas formas de envolver os alunos, visando promover a compreensão e a reflexão sobre os temas abordados. Nessa proposta, o uso do documentário como estratégia de ensino proporcionou uma abordagem diferenciada para a aprendizagem. Ao combinar informações sobre a existência dos participantes com técnicas narrativas, ofereceu uma oportunidade de contextualizar conceitos teóricos e despertar o interesse dos envolvidos. Como nos lembra Larrosa (2014, p. 13), “a experiência é algo que pertence aos próprios fundamentos da vida, quando a vida treme, ou se quebra, ou desfalece; e é nessa experiência, que não sabemos definir com precisão, que às vezes se canta”.

Compreendemos o “cantar” de Larrosa (2014) como as intenções de diferentes olhares formativos que surgiram na proposta da obra “Fragmentos”. Quanto ao engajamento dos participantes, buscamos criar um espaço natural que estabelecesse uma conexão entre o contato humano e a vida, com o objetivo de tornar o produto visualmente atraente e captar a atenção dos espectadores para a temática proposta. O espaço escolhido para essa experiência foi a Unidade de Conservação do Parque Municipal do Mindu, em Manaus, que é uma das áreas preservadas de floresta mais conhecidas da capital amazonense. A seguir, descreveremos o desenrolar dessa proposta ao longo da trilha escolhida para esse caminhar pedagógico.

AS NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS NA CONSTITUIÇÃO DO PROFESSOR-PESQUISADOR COMO HORIZONTE FORMATIVO

Para viver, contar é preciso.

Eliane Brum

Narrar é uma habilidade que nos permite organizar de forma linear o conteúdo de nossa memória, de modo a torná-lo compreensível para aqueles que ouvem ou leem. É através da narrativa que conseguimos transmitir experiências, emoções e conhecimentos, estabelecendo uma conexão entre o passado e o presente. Ao contar uma história, construímos um fio condutor que guia o leitor ou ouvinte pelos eventos e detalhes relevantes, proporcionando uma compreensão mais clara e envolvente do que foi vivenciado.

A compreensão do conceito de narrativa requer a consideração de que a experiência é anterior ao ato de narrar. Nós, enquanto seres humanos, somos seres narrativos, pois acumulamos experiências ao longo de nossas vidas. Para compartilhá-las, acessamos o vivido por meio da memória, lembrando e reconstruindo os eventos passados em forma de histórias. É através da narrativa que damos sentido e significado à nossa experiência, conectando-nos com os outros e transmitindo nossa compreensão do mundo.

No que se refere ao conceito de professor-pesquisador, que é o foco da disciplina “Dimensões Paradigmáticas da Pesquisa e Tendências Investigativas no Ensino”, foi possível perceber, por meio das narrativas (auto)biográficas presentes nas cartas, uma diversidade de sentidos e significados atribuídos pelos mestrandos e doutorandos. De fato, muitos autores-atores relataram que acessaram novas impressões e compreensões acerca do conceito de professor-pesquisador por meio do mo(vi)mento de troca de cartas. O mo(vi)mento de escrita (auto)biográfica possibilitou uma reflexão coletiva e a abertura para diferentes perspectivas e interpretações sobre o papel do professor-pesquisador na prática educativa.

Durante muito tempo, fomos condicionados a acreditar em uma concepção fixa e única do que significa ser um professor-pesquisador. No entanto, por meio dessa experiência reflexiva, pudemos perceber que nossa identidade como professores-pesquisadores está

em constante evolução e transformação. Através das cartas, pudemos explorar nossas próprias jornadas formativas, desafiando antigas concepções e abrindo espaço para novas perspectivas e possibilidades. Esse processo de autoanálise e questionamento nos permitiu amadurecer e expandir nossa consciência sobre nossa identidade profissional, reconhecendo a fluidez e a adaptabilidade como características essenciais nessa jornada como educadores.

A prática de escrever uma carta (auto)biográfica nos leva a um encontro profundo conosco mesmos, revelando as turbulências que surgem ao longo de nossa jornada formativa. Essas turbulências não são suaves nem lineares, pelo contrário, são resultado de lutas, investigações e da consciência de lacunas em nosso conhecimento. Esse processo requer a maturidade de reconhecer e esvaziar-se de velhos saberes, abrindo espaço para o preenchimento com novos conhecimentos e ideias (Oliveira; Costa; Gonzaga, 2021). É um mo(vi)mento de constante aprendizado e transformação, no qual refletimos sobre nossa trajetória, identificamos nossas limitações e buscamos expandir nossos horizontes, moldando-nos como professores-pesquisadores em constante evolução.

A partir dessa discussão, somos levados a reconhecer a importância da escrita de si como uma ferramenta poderosa para libertação, formação e desenvolvimento pessoal. No entanto, é fundamental compreender que essa prática vai além de simplesmente relatar nossa própria história, exigindo um compromisso genuíno com a reflexão. Narrar por narrar não se configura como uma abordagem científica válida, e é crucial ressaltar isso, especialmente para fortalecer o campo da Pesquisa Narrativa (Negrão, 2022). A escrita de si, quando realizada de forma crítica e reflexiva, analisando nossos próprios processos formativos e buscando uma compreensão mais profunda, torna-se uma forma significativa de produzir conhecimento. É por meio desse compromisso com a reflexividade que a escrita de si ganha relevância acadêmica, contribuindo para a construção de uma Ciência mais humanizada e contextualizada.

A escrita de narrativas (auto)biográficas, em particular a utilização da primeira pessoa, que permite ao autor expressar sua subjetividade e singularidade, é frequentemente rejeitada no processo de formação do professor. Na academia, é comum a recomendação de adotar uma postura impessoal, justificada pela suposta neutralidade do pesquisador em relação ao objeto de estudo. Essa concepção de objetificação das pessoas, especialmente nas Ciências Humanas, apresenta-se como um desafio a ser superado, inspirando a criação de um movimento científico transgressor que se baseia na Pesquisa Narrativa (Negrão, 2022). Esse movimento busca romper com as limitações impostas pela objetividade excessiva e promover a inclusão da subjetividade do pesquisador, reconhecendo que a própria subjetividade influencia a forma como o conhecimento é produzido e interpretado.

Por meio da Pesquisa Narrativa, há o objetivo de restituir o protagonismo ao sujeito que narra, reconta e compartilha suas experiências formativas, seja ele o próprio

pesquisador ou um participante do estudo. Nessa abordagem, reconhecemos a importância de valorizar as vozes e histórias individuais, reconhecendo que essas narrativas são fundamentais para a compreensão e a construção do conhecimento. Ao permitir que os sujeitos contem suas próprias histórias, a Pesquisa Narrativa rompe com a objetificação e traz à tona as vivências e perspectivas singulares, possibilitando uma compreensão mais rica e contextualizada dos fenômenos estudados. Dessa forma, a Pesquisa Narrativa promove a inclusão e a valorização das vozes individuais, trazendo um caráter humano e empático ao processo de produção científica.

Tecer uma narrativa, a partir do que lhe toca, lhe faz brilhar os olhos, lhe contagia a alma, o corpo e o coração, consiste em uma das mais incríveis aventuras que o ser humano pode viver e fazer, trata-se mesmo de uma dimensão fundamental do processo civilizatório e com o qual o sujeito se vê implicado como uma necessidade de dizer algo de si, do que vive e/ou experiencia em seus múltiplos contextos formativos pelos quais transita ou estabelece relações (Bragança; Morais; Alvarenga; Oliveira, 2020, p. 333).

Ao compartilhar nossas experiências, emoções e reflexões através da narrativa, estabelecemos pontes entre pessoas, culturas e gerações, criando uma teia de conexões e entendimentos mútuos. Essa troca de histórias nos permite enxergar perspectivas diferentes, ampliar nossa compreensão do mundo e nutrir a empatia. Através das narrativas, somos capazes de transmitir conhecimentos, preservar memórias, inspirar mudanças e promover o diálogo e a compreensão entre os indivíduos. É uma forma poderosa de expressão humana, uma necessidade inerente de compartilhar e construir significados em conjunto.

O CAMINHO TRAÇADO

O inesperado surpreende-nos. É que nos instalamos de maneira segura em nossas teorias e ideias, e estas não têm estrutura para acolher o novo. Entretanto, o novo brota sem parar. Não podemos jamais prever como se apresentará, mas deve-se esperar sua chegada, ou seja, esperar o inesperado (Morin, 2000 p. 30).

Traçamos um caminho libertador e surpreendente para dar forma concreta aos pensamentos e sentimentos. O documentário, para muitos dos sujeitos dessa pesquisa, foi desafiador e provocador, trazendo consigo mudanças significativas. Sair da zona de conforto e expor-se publicamente é algo temido por muitos. No entanto, isso serviu como base fundamental para a proposta metodológica desafiadora de compartilhar um pouco de si em um contexto audiovisual.

No percurso metodológico, optamos por uma abordagem qualitativa e descritiva para guiar nossa proposta. Escolhemos essa abordagem porque a análise do fenômeno e a imersão nele foram consideradas formas essenciais de conduzir nossa pesquisa, conforme ressaltado por Moreira (2011), ao enfatizar a importância da imersão do pesquisador no ambiente natural a ser estudado nesse tipo de investigação.

No percurso filosófico, nossa pesquisa foi orientada pelas afirmações de Merleau-Ponty (2018), que compreende a sensação como algo que influencia a experiência de si

mesmo. O fenômeno em questão é a “aparição” do “algo” para a consciência da pessoa. Diante disso, entendemos que essa aparição ocorreu a partir das mudanças resultantes do processo de elaboração, gravação e exibição do produto audiovisual, no qual as experiências de vida foram incorporadas.

Os participantes da proposta foram vinte e sete professores em formação, inscritos no Programa de Pós-graduação em Ensino Tecnológico do IFAM-CMC. Eles cursaram a disciplina “Dimensões Paradigmáticas da Pesquisa e Tendências Investigativas no Ensino” durante o primeiro semestre de 2022, tendo o doutor Amarildo Menezes Gonzaga como professor orientador nesse percurso formativo.

O estudo foi realizado em dois espaços distintos. O primeiro momento ocorreu no ambiente teórico, no qual foram realizados encontros síncronos e assíncronos por meio da internet, utilizando reuniões virtuais. Durante esses encontros, foram abordados os aspectos teóricos e pressupostos necessários para a construção do modelo de cartas (auto)biográficas. Em seguida, passamos para a etapa da escrita, na qual os participantes elaboraram suas cartas. Posteriormente, ocorreu a execução do documentário, compreendendo as fases de roteiro, produção, gravação, edição e publicação.

No contexto do roteiro, utilizamos a abordagem de Comparato (2018) como base para a proposta. Segundo o autor, o roteiro é a forma escrita de qualquer obra audiovisual. No entanto, ele a descreve como uma forma “efêmera”, pois só existe durante o tempo em que é convertida em um produto audiovisual. No caso de um documentário, um bom roteiro é essencial. Bonassi (2017), por sua vez, também pesquisa sobre o roteiro como uma peça literária. Para ele, essa etapa do processo possui apenas uma fase: a descrição. É necessário que toda a equipe de produção compreenda claramente o que se pretende transmitir no audiovisual. O autor destaca que um bom roteirista não precisa necessariamente ser um bom escritor, mas sim alguém capaz de traduzir seu pensamento visual de forma racional e clara (Bonassi, 2017).

O processo de coleta, conforme mencionado anteriormente, foi realizado por meio das trocas de cartas e resultou na criação de um documentário composto por três momentos distintos. O primeiro momento, intitulado “Fragmento 1”, consistiu na montagem de um quebra-cabeça, organizado a partir do referencial teórico da disciplina em conexão com as narrativas dos participantes (estudantes).

Somos o hoje. somos o agora. um hoje recheado de ontem, anteontem...e também do amanhã...um amanhã projetado no interior de nossos mais sinceros querereres (FRAGMENTOS, 2022).

No cenário das trilhas do Parque do Mindu, uma dupla formada por alunos da disciplina percorria os caminhos pré-determinados em busca de suas próprias verdades. Nessa jornada, as verdades tanto temporais quanto atemporais de indivíduos vivos emergiam em um mundo moldado pelo “tempo”. No contexto geral da proposta, as várias

partes se uniam no “Fragmento 2”, quando os protagonistas do documentário surgiram. O cenário, montado em meio a um dos espaços verdes do Parque do Mindu, tinha como elemento central um arbusto com muitos galhos e poucas folhas. Esse ambiente proporcionava a ideia de que cada pessoa era uma parte daquela árvore, e suas fotografias representavam as folhas, simbolizando momentos significativos na vida de cada professor.

Somos partes de um todo... somos tudo de uma parte e aqui em cada pedaço reside muita história... vivências transformadas em experiência por intermédio da reflexão e da compreensão dos próprios sentimentos (FRAGMENTOS, 2022).

Por fim, no “Fragmento 3”, uniu-se o olhar coletivo de todas as cartas, entrelaçadas nas vozes dos próprios professores em formação. Nesse momento, as trilhas do cenário original foram retomadas, ilustrando os diversos caminhos possíveis a serem percorridos quando se busca o conhecimento.

O que eu vivi? O que significou para mim o vivido? O que faço com isso agora? Todas as minhas experiências são vivências, mas nem todas as vivências tornam-se experiências. É nessa busca de sentido que encontramos a escrita de si... (FRAGMENTOS, 2022).

Em síntese, o documentário foi composto por três fragmentos que retrataram a jornada dos professores em formação *stricto sensu*. No “Fragmento 1”, foram exploradas as bases epistemológicas da escrita de si e das narrativas (auto)biográficas como dispositivos de (trans)formação. No “Fragmento 2”, os professores em formação foram representados como folhas em uma árvore, simbolizando momentos marcantes em suas vidas-trajetórias. No “Fragmento 3”, suas vozes se uniram em uma narrativa coletiva, ressaltando a importância da busca pelo conhecimento e destacando os caminhos possíveis a serem percorridos na composição do professor-pesquisador. Esses fragmentos revelaram a jornada reflexiva e (trans)formadora dos professores em formação, proporcionando uma visão rica e diversificada de suas experiências na/para docência.

A CHEGADA E OS NOVOS CAMINHOS

O uso do audiovisual no contexto da Pesquisa Narrativa e/ou narrativa (auto)biográfica contribuiu para a divulgação de modos outros de compor pesquisas científicas, além da apropriação do conceito de professor-pesquisador a partir do resgate das próprias memórias e trajetórias dos participantes da disciplina do curso de mestrado e doutorado em Ensino Tecnológico. O audiovisual permitiu compartilhar essas experiências de forma mais envolvente e acessível, proporcionando uma compreensão mais ampla e impactante dos processos formativos dos professores em formação *stricto sensu*.

A partir do registro em cartas, um movimento do singular ao plural foi composto. Iniciando com a carta de si para si mesmo, passando pela carta ao outro como direito de resposta, e chegando ao cerne de um pequeno coletivo por meio da triangulação. As aproximações e distanciamentos foram temas de reflexões, culminando em uma carta-sín-

tese que reunia as impressões da turma sobre o construto do professor-pesquisador. Esse processo resultou na criação de um documentário audiovisual ousado, que interagiu com elementos da natureza e ilustrou de forma vívida a natureza disruptiva da escrita (auto)biográfica e da pesquisa narrativa. Esse *modus operandi* se contrapõe ao ideário convencional da pesquisa científica acadêmica, revelando que a ciência pode ser poética e transcender fronteiras.

Por fim, o documentário “Fragmentos” despertou uma nova dimensão de compreensão sobre o papel do professor-pesquisador no contexto do Ensino Tecnológico. As imagens e as narrativas (auto)biográficas capturadas na interação com a natureza permitiram uma conexão mais profunda com as experiências individuais e coletivas dos participantes. Tal experiência se caracteriza como uma manifestação artística e reflexiva que transcendeu os limites da pesquisa tradicional, abrindo espaço para a expressão das emoções, subjetividades e perspectivas singulares dos professores em formação. Essa abordagem mais poética e humanizada da ciência mostrou-se enriquecedora, incentivando uma visão mais holística e integrada do processo formativo e da pesquisa educacional.

A vivência do processo de escrita (auto)biográfica e a pesquisa narrativa, aliada à produção do documentário audiovisual, despertou uma consciência ampliada sobre o potencial transformador da própria história e das histórias dos outros. Essa abertura para a expressão pessoal e coletiva, aliada à interação com a natureza e a poesia, permitiu vislumbrar novas abordagens no ensino, na pesquisa e na formação de professores. Essa experiência abriu portas para a busca de novos caminhos, levando os participantes a explorarem e experimentarem outras formas de aprendizagem, reflexão e produção de conhecimento.

Assista ao Documentário Fragmentos



REFERÊNCIAS

BONASSI, Fernando. **Roteiros - entrevistas - cinema e teatro**, 2017. Disponível em: <https://webwritersbrasil.wordpress.com/a-arte-do-roteiro/entrevistas-2/fernando-bonassi/>. Acesso em: 17 jul. 2023.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza.; MORAIS, Joelson de Sousa.; ALVARENGA, Juliana Godói de Miranda Perez.; OLIVEIRA, Liliam Ricarte de. Acompanhamento em “pesquisafomação”. Experiências de orientação coletiva e escrita narrativa (auto) biográfica. **Márgenes Revista De Educación De La Universidad De Málaga**, v. 1, n. 3, p. 326-343, 2020.

FRAGMENTOS, PPGET IFAM. **Documentário Fragmentos**. Youtube, 22 jun. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=374-7DQgyCg>. Acesso em: 17 jul. 2023.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro: teoria e prática**. Summus Editorial, 2018.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

MOREIRA, Marcos Antonio. **Metodologias de pesquisa em ensino**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2011.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NEGRÃO, Felipe da Costa.; GONZAGA, Amarildo Menezes. A escrita de si por meio da metodologia de cartas (auto)biográficas. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 8., 2022. Campina Grande. **Anais [...]** Campina Grande: Realize Editora, 2022.

OLIVEIRA, Caroline Barroncas de; COSTA, Mônica de Oliveira.; GONZAGA, Amarildo Menezes. A escrita de cartas e a autoformação docente na educação em Ciências. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 6, n. 10, p. 82013–82019, 2020.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac/SP, 2008.

SOBRE OS AUTORES/ORGANIZADORES

Alcilânia da Cunha Lima: Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico (PPGET/IFAM). Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Nilton Lins (UNL).

Amarildo Menezes Gonzaga: Doutor em Educação: Desenvolvimento Curricular (UVa). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico (PPGET/IFAM) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM – Campus Manaus Centro.

Elize Farias de Carvalho: Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico (PPGET/IFAM). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM – Campus Manaus Centro.

Ercilene do Nascimento Silva de Oliveira: Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico (PPGET/IFAM). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

Felipe da Costa Negrão: Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico (PPGET/IFAM). Professor do Departamento de Métodos e Técnicas da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Gilmara Oliveira Maquiné: Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico (PPGET/IFAM). Professora dos Cursos de Ciência da Computação, Redes de Computadores e Análise de Sistemas da Faculdade Estácio do Amazonas. Pesquisadora associada ao Grupo de Investigação sobre Recursos e Práticas de Ensino (GIRPEN/IFAM).

Luciani Andrade de Andrade: Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico (PPGET/IFAM). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM – Campus Presidente Figueiredo.

Marcus Marcelo Silva Barros: Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico (PPGET/IFAM). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre (IFAC).

Nataliana de Souza Paiva: Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico (PPGET/IFAM). Professora da Escola Normal Superior da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Paula Gabrielly Freire Jacyntho: Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico (PPGET/IFAM). Docente e Técnica Pedagógica na Gerência Ensino Regular, na Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar do Estado do Amazonas (SEDUC/AM).

NARRATIVAS DE (TRANS)FORMAÇÃO: a constituição do professor pesquisador em cartas (auto)biográficas

A obra “Narrativas de (trans)formação: a constituição do professor pesquisador em cartas (auto)biográficas” é fruto de conversas e reflexões da disciplina “Dimensões Paradigmáticas de Pesquisa e suas Tendências Investigativas no Ensino” ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Ensino Tecnológico (PPGET) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM).

O exercício dialógico na disciplina iniciou a partir do reconhecimento da diversidade, decorrente das especificidades formativas dos mestrandos e doutorandos, os quais foram orientados a fazerem um exercício crítico-reflexivo, pautado na metanarrativa, cuja metodologia das cartas (auto)biográficas foi eleita para efeito de se compreenderem como professores pesquisadores em um processo diferenciado de formação contínua.

RFB Editora
CNPJ: 39.242.488/0001-07
91985661194
www.rfbeditora.com
adm@rfbeditora.com
Belém, Pará, Brasil

